



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA  
DA CULTURA

**ANA CLARA DELGADO SANTELLI**

**SOBREVIVER PARA ALÉM DAS PALAVRAS:  
POESIA E RESISTÊNCIA NO ENCONTRO ENTRE ALBERTO PUCHEU E  
CARLOS DE ASSUMPCÃO**

São João del-Rei  
2022



**ANA CLARA DELGADO SANTELLI**

**SOBREVIVER PARA ALÉM DAS PALAVRAS:  
POESIA E RESISTÊNCIA NO ENCONTRO ENTRE ALBERTO PUCHEU E  
CARLOS DE ASSUMPCÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de Concentração:** Teoria Literária e Crítica da Cultura

**Linha de pesquisa:** Literatura e Memória Cultural

**Orientadora:** Profª. Dra Maria Ângela de Araújo Resende

**2022**

Ana Clara Delgado Santelli

Sobreviver para além das palavras: poesia e resistência no encontro entre Alberto Pucheu e Carlos de Assumpção

Banca Examinadora

*Maria Ângela de Araújo Resende*

Prof.ª Dr.ª Maria Ângela de Araújo Resende – UFSJ

Documento assinado digitalmente  
ALEXANDRE GRAÇA FARIA  
Data: 03/11/2022 13:05:48-0306  
Verifique em <https://verificador.ab.br>

(Presidente/Orientadora)

Prof. Dr. Alexandre Graça Faria – UFJF

(Titular Externo)

*Melissa Gonçalves Boichat*

Prof.ª Dr.ª Melissa Gonçalves Boichat –

UFVJM PROMEL- UFSJ

(Titular Interno)

Prof.ª Dr.ª Nádia Dolores Fernandes Biavati

Coordenadora do PPG em Letras

Setembro de 2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO,  
ADMINISTRAÇÃO E CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

Emitido em 21/11/2022

HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado N° 10/2022 - PROMEL (13.20)

(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 21/11/2022 19:46 )  
NADIA DOLORES FERNANDES BIAVATI  
COORDENADOR DE CURSO - TITULAR  
PROMEL (13.20)  
Matrícula: 2141488

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)  
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S234s Santelli , Ana Clara Delgado .  
Sobreviver para além da palavra : poesia e  
resistência no encontro entre Alberto Pucheu e  
Carlos de Assumpção / Ana Clara Delgado Santelli ;  
orientadora Maria Ângela de Araujo Resende. -- São  
João del-Rei, 2022.  
105 p.

Dissertação (Mestrado - Letras) -- Universidade  
Federal de São João del-Rei, 2022.

1. Esta pesquisa investiga a poética transpassada  
pela ideia de resistência em nosso conturbado  
contexto, utilizando como norte o cruzamento potente  
entre a escrita de Alberto Pucheu e Carlos  
Assumpção.. I. Resende, Maria Ângela de Araujo ,  
orient. II. Título.

agradeço a existência da palavra  
por tornar possível agradecer constantemente

*gracias a la vida que me ha dado tanto*

mãe Elenice, pai Licínio,  
companheiro Pedro e nosso filhote Rudá  
vocês são o além de minha palavra

## **RESUMO**

Esta pesquisa investiga a poética transpassada pela ideia de resistência em nosso conturbado contexto, utilizando como norte o cruzamento potente entre a escrita do professor/poeta/crítico Alberto Pucheu e do poeta/professor/advogado Carlos Assumpção, sendo o último considerado um dos decanos da literatura afro-brasileira. As obras utilizadas são: *para que poetas em tempos de terrorismos?* de Pucheu, publicada em 2017 e *Não pararei de gritar*, de Carlos Assumpção, publicada em 2020. O filme *Carlos de Assumpção: protesto*, produzido por Pucheu, também é basilar na construção desta pesquisa. No que tange a inscrição do trabalho em nosso tempo, abriremos um panorama da contemporaneidade, explicitando suas marcas estéticas e sociais. O estudo expõe as dinâmicas das identidades e busca os paradoxos existentes no que a poética pode construir sobre os sentidos nacionais, especialmente em momentos de crise. Pretende-se analisar de que maneiras a poesia assume sua função política atualmente, em especial através das palavras - implícitas e explícitas - dos autores e teóricos estudados, considerando também as ações para além de apenas palavras. Sem medo de adentrar aos chamados “lugares-comuns” e levando em conta o esgotamento das ideias de originalidade que se manifestavam através de obras primas clássicas, intento ouvir o cotidiano conturbado de uma nação com disparidades sociais gigantescas, mas que possui em si imensa profundidade de manifestações culturais e uma língua afiada para se narrar-questionar-protestar. Recuperar as histórias de extermínios é uma forma de escancarar suas dores e, quem sabe, reparar ainda seus efeitos. Sobreviver para além das palavras é hoje uma questão no centro da política da vida.

## **PALAVRAS-CHAVE**

poesia, resistência, contemporaneidade, identidade, sobrevivência

## **ABSTRACT**

This research work intends to investigate the poetics permeated by the idea of resistance in our troubled context, using as a north the powerful crossing between the writing of professor/poet/critic Alberto Pucheu and poet/professor/lawyer Carlos Assumpção, the latter being considered a of the deans of Afro-Brazilian literature. The works used are: why poets in times of terrorism? published in 2017; and I will not stop screaming, published in 2020. The film Carlos de Assumpção: protest, produced by Pucheu, is also fundamental in the construction of this research. Regarding the inscription of work in our time, we will open a panorama of contemporaneity, explaining its aesthetic and social marks. The study exposes the dynamics of identities and seeks the paradoxes existing in what poetics can build on national meanings, especially in times of crisis. I intend to analyze in what ways poetry assumes its political function nowadays, especially through the words - implicit and explicit - of the studied authors and theorists, also considering its action beyond just words. Without fear of entering the so-called "common-places" and taking into account the exhaustion of ideas of originality that were manifested through classical masterpieces, I intend to shed light on the troubled daily life of a nation with gigantic social disparities, but which has in itself an immense depth of cultural manifestations and a sharp tongue for narrating-questioning-protesting. Telling the stories of exterminations is a way to open up their pain and, who knows, even repair its effects. Surviving beyond words is now an issue at the heart of the politics of life.

## **KEY WORDS**

poetry, resistance, contemporaneity, identity, survival

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	07
<b>Capítulo 1 - Circunstâncias</b>	
1.1 Contar [o] contemporâneo .....	12
1.2 Contradições da identidade .....	23
1.3 Comunicações no caos .....	35
<b>Capítulo 2 - Encontros</b>	
2.1 Carlos de Assumpção e Alberto Pucheu - caminhos .....	43
2.3 A resistência e seus desdobramentos .....	56
2.3 Um abraço poético no tronco político .....	63
<b>Capítulo 3 - Movimentos</b>	
3.1 Sobrevivências .....	72
3.2 Sussurros .....	82
3.3 Semeaduras .....	88
<b>Desenlaces</b> .....	91
<b>Referências bibliográficas</b> .....	93
<b>Anexos</b> .....	97



## INTRODUÇÃO

Construir a presente dissertação é uma escolha afetiva que ressoa na urgência de pensar nossos tempos, ainda mais em meio a pandemia de COVID-19, essa que parece ter nos revelado outras maneiras de vivenciar o mundo, escancarando as fragilidades de nossas produções e a profunda desigualdade social. Quando digo que é uma escolha afetiva, refiro-me a um processo que também me afeta. Sou mulher e branca, então por que estudar dois autores homens, sendo um deles afrobrasileiro de escrita marcada pelos processos da negritude? Justamente por acreditar que as palavras desvendam os outros e nos possibilitam estar em contato profundo com eles. A análise também permite que alcancemos espaços críticos fora dos lugares de nossa existência individual.

Não escrevo para “tomar o lugar de fala” de ninguém, mas sim para abrir palavras-possibilidades nesse imenso caminho que é o da pesquisa. Revejo os passos de uma nação e os meus próprios através daquilo que leio. Como em um trabalho científico o meu parecer não basta, pretendo investigar os processos políticos que dão palavra ao momento que atravessamos. Nunca antes a metáfora da fresta fez tanto sentido, enclausurados somos convidados a espiar pelos buracos o lá fora vazio que antes ocupávamos. Agora, a imensa janela da internet se transforma na conexão possível de ser instaurada com o todo. A fissura está em tentar seguir reescrevendo os dias. A quem lê, peço paciência no sorver de minhas formas do dizer. A mim, que escrevo, tento seguir no aprender. Tateando.

A poesia é o ponto central do que investigo, mas ela não existe sozinha e se constrói a partir daquele que a enfrenta, afinal não há saber da viagem sem embarcar. Não há sentir do poema sem mergulhar nele. Assim como é por demais difícil pensar a narrativa sem matutar sobre a época que ela se constrói. Levarei em conta o autoritarismo que nos circunda, já que é parte fundamental da vida dos brasileiros e, apesar de não ser uma questão “contemporânea” por possuir raízes muito profundas em nosso passado, ele tem se recriado nas formas autoritárias do agora (SCHWARCZ, 2019). Escrevo considerando a ideia de que a história não explica nosso presente, ela pode nos dar pistas, nos levar a pensar as continuidades e, no âmbito bonito da linguagem, denunciar discursos enraizados que edificam fortes práticas de violência.

Discutirei também a estética de nossas narrativas, tensionando a relação contemporânea com nossas próprias construções do caos. É importante levar em consideração a imensa dependência em relação ao mercado, tornando-se assim necessário investigar que

tipo de relação capitalista é essa que nos encontramos. Em modalidades que enaltecem as conexões e a fluidez, produzindo novas formas de exploração e exclusão, evidenciando a angústia do desligamento e o alvo supremo do capital na própria ideia de vida. A grande pretensão é, mesmo diante de tudo isso, não cair num determinismo apocalíptico e examinar as possibilidades de reversão vital que se anunciam nesse contexto.

Já que não existe construção de saber sobre o objeto literário sem escrever sobre ele, toda e qualquer obra literária só existe quando inserida em um ato, é na descoberta do ato de escrever com a metodologia acadêmica que desbravarei o território da poesia e suas maneiras de sobreviver em tempos de crise. Recordo-me do texto *como se faz uma tese*, de Umberto Eco, embora o que eu pretenda aqui não seja especificamente uma tese, muito me fez respirar saber que o conceito de pesquisa não vislumbra um fim, já que tem como ritmo o puro movimento. É nesse movimento de palavras que espero encontrar os estudos literários.

Diante dos muitos receios que eu possuía de que a academia poderia tornar-me uma burocrata da interpretação, desejo testar e confrontar minha leitura com os saberes acumulados sobre o objeto. Pois bem, a situação da contemporaneidade deixa em aberto o sentido e os limites da prática poética e de sua inscrição temporal, essa abertura é apontada como fundamental ao processo de avaliação da modernidade da arte de modo a ser uma correlação de forças contraditoriamente históricas e anti-históricas, direcionada para a problematização da ideia de presente (PEDROSA, 2015). É diante da noção de incertezas de parâmetros de produção e avaliação que caminharemos, buscando o contar contemporâneo ou ainda contar o contemporâneo.

Já que o ato de escrever inevitavelmente reflete sobre sua própria origem, é impossível não ressaltar as contradições e lacunas de se produzir em momentos de tantas mortes, porém essas tensões não resolvidas são por demais importantes para construir uma pesquisa acerca das políticas de resistência na poesia brasileira. Isolamento, pandemia, necropolítica, neofascismo, depressão, desemprego, desigualdade, crise. Diante de tudo isso, é preciso perguntar: e a poesia? Talvez ela não seja a arma perfeita contra o autoritarismo, mas é arma que carrega consigo o desejo de desarmá-lo. Pergunto, incansável, “O que é resistência?” como resistir diante de tudo que nos fere? As perguntas são aberturas para inícios. É nesse ponto que penso em nossa impotência radical e na potência da língua como moduladora de sentidos. Então, usemos dela para marcar na memória as vozes que precisam ser ouvidas, os gritos que vão estourando gargantas.

Sobreviver para além do poema é uma forma de escapar dos tantos genocídios que nos circundam. Pesquisar é uma maneira documental de não deixar morrer.. O cruzamento

entre duas escritas potentes nortearão esse processo, são dois poetas vivos e que se dedicam a pensar nossos tempos sob óticas distintas. No entanto, se encontram em âmbitos interessantes dentro e fora da escrita. Alberto Pucheu e Carlos Assumpção. Pucheu é poeta, professor e crítico. Assumpção é poeta e porta-voz de uma história que se faz ver, apesar da cegueira da crítica. Cegueira derivada do desconhecimento de parte da poesia criada no país, em especial quando são criações que não provêm da classe social de que costumam fazer parte a maioria dos críticos brasileiros.

Carlos é conhecido pelos movimentos sociais, mas ainda pouco estudado na academia. Carlos é preto. Carlos fala e cria revertendo a história escravocrata na qual, como modo eficaz de dominação colonial, o silêncio dos oprimidos foi naturalizado e a manifestação impedida por meio de violências físicas e simbólicas. Precisamos discutir o papel de ocupação do discurso. *Não pararei de gritar*, lançado pela Companhia das Letras [2020], é uma reunião de poemas escritos de 1982 a 2020, em obras publicadas (*protesto, 1982; Quilombo, 2000; Tambores da noite, 2009; Protesto e outros poemas, 2015; Poemas escolhidos, 2017* e poemas inéditos 2018-2020. Alberto, poeta-crítico sedimentado academicamente, é quem organiza o livro e (re)lança esse grande poeta no espaço da poesia contemporânea brasileira. Pucheu é autor do livro *Para que poetas em tempos de terrorismos?* Lançado pela Azougue editorial [2017]. Obra urgente para questionar o papel da poesia diante da violência que perpassa a sociedade e suas parafernalias. Além de ter publicado vários outros títulos, entre poesia, ensaio, trabalhos acadêmicos, organização de livros e até uma tradução dos *poemas místicos de Rabindranath Tagore (2004)*.

Segundo Alberto, para Carlos o protesto é um modo de resistência, e a resistência um modo de protesto. É esse um dos processos que pretendo captar - a poesia como resistência e sua mais imbricada relação com o fazer político. Volto (talvez nunca tenha saído) ao lugar das perguntas: qual a função pública da poesia (se é que existe uma)? Qual a importância da história oral para a formação da poesia? Em que esfera as obras dos dois autores se encontram e como elas nos ajudam a pensar a poesia de nossos tempos? Introduzir essas perguntas é importante para provocar o outro que possivelmente lerá o que escrevo. O que aqui está pretende ser um projeto poético e político. Um projeto que possua em si a memória do grito e a utilize para modificar os sentidos impostos pelos tempos que atravessamos.

Almejo investigar, a partir do encontro entre as duas figuras citadas acima e a produção de um filme sobre esse encontro, as estratégias utilizadas na poesia para resistir politicamente na contemporaneidade. Evidente que a proposta ética e política da "resistência"

se constrói no paradoxo, no entanto ela permanece válida dentro da análise que pretende este trabalho, pois reafirma a resistência do poético distinta de uma forma-monumento autônoma, mas como forma constantemente em crise, aberta ao que emerge da linguagem em seu caráter de dicção. Torna-se possível que a poesia impulse então um gesto de resistir politicamente, o que corrobora diretamente com o diálogo a partir de sua função pública. Representando algo como descer do pedestal dos clássicos cânones e ir até os locais onde a voz "lírica" possui dificuldade histórica em chegar, geralmente por exclusão a partir de fatores econômicos.

“A poesia é uma forma de suportar o drama do apagamento do irresistível. A poesia é aquilo que explicita o drama da resistência, do descompasso entre o que decidimos e o que queremos, entre o que julgamos e o que podemos ver” (SISCAR, 2012). Quando entra em debate a ideia de resistência pela/na arte, essa junção faz imediatamente sentido no mundo da opinião, já que a consistência da obra resiste ao tempo e sua usura, e o ato que a produziu resiste a determinação do conceito. Dessa forma, é comum supor que quem resiste ao tempo e ao conceito, imediatamente resiste aos poderes. Assim, criamos o clichê do artista livre e rebelde, essa é uma ilustração fácil e nem sempre crível, já que o poeta não é nem mais nem menos rebelde do que qualquer outro ser na população.

Percebo aí um problema: qual relação estabelecer entre a ideia de uma atividade poética e uma virtude específica da resistência? É na ligação íntima e paradoxal entre arte e política que trabalharei, contornando seus tensionamentos no caos-mundo. Rancière nos ajudará a discutir sobre resistência e democracia, contaremos também com o catedrático Alfredo Bosi para discutir esses pontos. Não há nenhum receio de minha parte em encarar os chamados “lugares-comuns”, já que, como inspira Glissant, não os considero ideias preconcebidas, mas sim lugares onde um pensamento do mundo encontra outros pensamentos do mundo. Nenhuma literatura é produzida em suspensão no ar, ela provém de um lugar e expõe uma tragédia da qual nossa própria língua não pode ficar isenta, são relações de convivência, dominação, absorção e opressão, que produzem sentidos e sentires na expressão de uma comunidade dentro dessa totalidade mundo.

Para tanto, é crucial estudarmos os paradigmas da identidade, tão fortes em nossa conjuntura social. Edouard Glissant norteia esse pensar, utilizando uma das poucas de suas obras traduzidas: *introdução a uma poética da identidade* (publicada em 2005, pela editora UFJF). Trarei também outros teóricos para construirmos essa discussão, Assad Haider, Bell Hooks e Stuart Hall são exemplos, a fim de que possamos destrinchar melhor esse tema, em consonância com a poética dos autores estudados, especialmente no que tange às discussões sobre raça, que é uma proposta bastante presente na obra de Assumpção. Creio ser

fundamental atenção total aos desdobramentos da poesia política atual, pois é o contar que insere imaginários na memória histórica do povo. Se o poema é um corpo vivo, torna-se imprescindível que a crítica estabeleça uma relação dinâmica com ele, atenta aos seus dizeres, formas, silêncios e diálogos com a alteridade.

Este trabalho não é só sobre a resistência, não é tampouco um manifesto, nem somente uma pesquisa sobre os modos de sobreviver na contemporaneidade, é um ponto entre tudo isso. É sobre como escolhemos um ponto e não outros, é um caminho aberto entre Carlos e Alberto. Apesar de todos os genocídios, a vida também se constrói nas frestas. É a partir dessas fendas que poderemos olhar com cuidado as maneiras de sobreviver e criar que se estabelecem em momentos de terror. Poesia é um convite ao ser em comum.

Comunguemos!

## Capítulo 1

### CIRCUNSTÂNCIAS

#### 1.1 Contar [o] contemporâneo

*‘cada palavra de nossa linguagem contém, como se estivesse enrolada sobre si mesma, uma bobina de tempo feita com os fios de milhares de operações históricas. Enquanto o profeta e o político se esforçam para santificar as palavras, ocultando sua historicidade, cabe à filosofia e à poesia, como sugere Giorgio Agamben, a tarefa de profanar as palavras sagradas para devolvê-las ao uso cotidiano. Isso supõe desfazer os nós do tempo, arrancar as palavras dos vencedores e devolvê-las à praça pública, onde elas podem ser objeto de um processo de resignificação coletiva.’*

*(PRECIADO, Paul B. in: Um apartamento em Urano: crônicas da travessia. Pg 118. editora: Zahar, 2020.)*

A ideia de contemporaneidade expõe múltiplos desdobramentos, é uma abertura imensa na condição de pesquisa, pois nos coloca diante de questionamentos que atravessam o tempo e nossos modos de produzir diante dele. O termo ‘pós-moderno’ pouco a pouco começa a abandonar seu viés classificatório, para se pensar a produção poética como contemporânea, referindo-se com isso a um presente no qual os valores modernos começam a se fragilizar - esse valores eram guiados pela lógica de produção, maestria técnica, experimentalismo formal, rupturas com a tradição e uma grande demanda por autonomia. A mudança está inscrita numa dinâmica social em que o empenho revolucionário se esgota e dá lugar a outras formas de se inscrever na democracia neoliberal globalizada, sobretudo com as forças das indústrias de informação e cultura, possuindo como principal pulsão o duplo e contraditório desenvolvimento da tecnologia.

O grande crítico Antonio Candido, no artigo *a literatura brasileira em 1972*, apresenta e surpreende-se com a pluralidade do momento em face do valorizado até então, já apontando a ausência de grandes nomes e obras-primas modulares. Ele sugere até a falibilidade de seus próprios parâmetros, ao considerar que o cenário heterogêneo ‘anima,

inquieta, aguça o desejo de compreender o destino da arte e da literatura, envolvidas num turbilhão de mudanças rápidas de práticas e valores”. A produção poética passa a se caracterizar cada vez mais por uma imensa pluralidade de discursos e tendências, sendo que nenhum deles consegue se tornar hegemônico, especialmente em função da perda de legitimidade das noções de excepcionalidade da arte ou do artista.

Por falar em perda de legitimidade, considero necessário transpor o significado de “contemporaneidade” quando se lança esse termo na ferramenta de pesquisa Google, provavelmente a mais usada hoje em dia. O primeiro resultado, de acordo com o dicionário online de português, é: *S.f - característica, particularidade ou estado de ser contemporâneo; qualidade de existir ao mesmo tempo, coexistência. O que acontece na época presente.* O resumido significado que a internet nos oferece tem como um dos termos a ideia de coexistência. Diante do desejo de que o significado alcance a amplitude da pesquisa, trago um livro interessante para contrapor esse pequeno panorama: o “Indiccionario do Contemporâneo”. Obra organizada por Mario Cámara, Diana Klinger, Célia Pedrosa e Jorge Wolff; publicada pela editora UFMG, em meados de 2018.

A proposta de reunir uma diversidade de autores que constroem uma reflexão sobre a contemporaneidade não é algo novo, a inovação está no modo como trabalham a ideia de autoria coletiva, compondo uma rede de abrangências temáticas desenvolvidas sob o pressuposto de uma certa impropriedade como marca de nosso tal contemporâneo. Nesse caso, o impróprio é caracterizado não apenas como o que nos permite alcançar a errância e a recusa da fixidez, mas como solução prefixal que vai de encontro ao neologismo *indiccionario*: aquilo que a ninguém pertence, negação de posse. Conceitos que não vão acompanhados de seus autores, pois não possuem em si a necessidade de afirmar um sujeito e sim de lançar para o todo questões que nos cabe responder. Essa autoria híbrida coloca em cheque os possíveis percursos do pensamento que não se deixa capturar completamente pelas instituições que dão nome e sobrenome às ideias correntes. É importante “abandonar o desejo de um termo guarda-chuva que explique o presente em favor da aceitação da complexidade que este mesmo estado do presente nos faz reconhecer” (pg. 192).

Olhando de certo modo, estamos no campo de uma discussão já tornada clássica, muito embora ela possua como cerne certo anacronismo. Esse anacronismo é ponto crucial na reflexão de Agamben (2010) em sua atualização do contemporâneo:

pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas exatamente por isso,

exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz de perceber e aprender seu tempo (pg. 58)

É no anacronismo - em perspectiva temporal -, somado ao nomadismo - em perspectiva espacial - que o vasto indicionário do contemporâneo se compõe. Soma-se ainda outra dimensão a essa tecitura: o sujeito coletivo, que dá os contornos e atualizações das possíveis inscrições. Assim sendo, cabe a todos questionar como viver juntos e produzir em colaboração a partir de diferentes perspectivas críticas e geográficas? A contemporaneidade performa a transformação elástica dos limites a partir dos quais somos regidos, tornando indistintas as fronteiras. No caso dos estudos literários, percebo a diluição dessas fronteiras em se tratando da forma crítica e da forma artística. Tomemos como exemplo também a separação entre conhecimento objetivo (a ciência) e conhecimento subjetivo (a poesia), essa divisão está nas bases de nossos processos disciplinares. São essas bases que estão desmoronando pela pressão das misturas.

Encontramo-nos no momento de trânsito<sup>1</sup> e é na emergência dos interstícios que as experiências subjetivas da nação, o interesse coletivo ou o valor cultural são negociados. Há uma sensação de desorientação em nossa atual circunstância, movimento exploratório incessante {aqui e lá, de todos os lados}, o tensionamento entre opostos é visível: passado x presente; interior x exterior; inclusão x exclusão; esquerda x direita. É também próprio de nosso tempo colocar a cultura na esfera do além - não como um novo horizonte, nem como abandono do passado, em uma vírgula *entre*. Tudo isso compõe uma existência marcada pela ideia de *sobrevivência*. A articulação social da diferença é uma negociação complexa, com possibilidades de ser tanto consensual como conflituosa, mas certamente derrubando categorias fixas e monolíticas.

Entendo aqui a abertura como proposta de uma cena de convívio reflexivo, a despeito do fechamento como consequência das certezas. A dissolução entre as fronteiras nacionais e passado/futuro possibilitada pelo processo de globalização, produz uma dinâmica desafiadora de trabalho, justamente porque carece remexer em seus resíduos. A política do agora tem sobretudo um desafio que me parece crucial: o desafio de lidar com as fronteiras enfraquecidas, sejam elas erigidas no campo de disputas teóricas ou intersubjetivas. Para o líder indígena Ailton Krenak, no Brasil há fronteiras fluidas entre mundos em guerras, mas essas fronteiras não são feitas apenas de conflito. São também ‘’possibilidade de interpretação

---

<sup>1</sup> Espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, segundo Bhabha. É importante pontuar que a ideia de trânsito pressupõe sobreposição e deslocamento desses domínios da diferença. ‘’o local da cultura; capítulo: *vidas na fronteira: a arte do presente*.



de mundo”. A fronteira é o que separa, mas também o que une: ponto de contato entre território, povos e línguas.

Nessa aposta no entrecruzamento de meios e na interdisciplinaridade, é possível observar uma inespecificidade artística, dissolvendo as ideias de próprio e propriedade, derrubando barreiras e muros de contenção da linguagem. Essa aposta no inespecífico seria um modo de elaborar uma linguagem do comum que propiciasse modos diversos de não pertencimento (GARRAMUÑO, 2014). Não pertencimento à uma arte em particular, mas também não pertencimento a uma ideia de arte como específica. Na literatura mais recente, podemos notar textos que apresentam uma imensa porosidade de fronteiras, inclusive utilizando recursos intermediáticos. A narrativa se mistura com notícias, teatro, novela, imagens, músicas, tecendo belos e amplos desenquadramentos.

Para que seja possível abordamos as dimensões críticas da contemporaneidade, é preciso deixar claro que a periodização da história da humanidade é uma arbitrariedade cronológica e apenas se limita ao caso europeu, "um esquema, que inicialmente foi tripartite (idades antiga, média e moderna) se tornou quadripartite (antiga, média, moderna e contemporânea). O acréscimo do contemporâneo é tão arbitrário quanto a divisão como um todo" (VIANA, 2014). A teoria marxista da história, através de uma fundamentação na realidade não-metafísica, passou a periodizar a história da humanidade a partir da sucessão dos modos de produção. Assim temos, no caso europeu, as sociedades simples, a sociedade escravista, a sociedade feudal e a sociedade capitalista. Essa última é sinônimo de modernidade. Em sentido estrito, o contemporâneo é um estágio do moderno, a época atual do capitalismo. A base para essa teoria é a do regime de acumulação. Define-se então nossa época como marcada pela instauração do regime de acumulação integral. "Este é instaurado a partir dos anos 80 e caracterizado pela reestruturação produtiva, neoliberalismo e neoimperialismo, que provoca mudanças culturais, ideológicas e políticas" (VIANA,2014).

Não há como tratar de *nosso tempo* sem expor as bases que o sustentam. É evidente que um dos principais pilares de nossa construção é a relação com o capital. Tratarei aqui do neoliberalismo, esse que possui uma história e uma coerência, e o combater exige fazer uma análise lúcida dele. A eficácia política da palavra pressupõe essa leitura atualizada da situação. É errado dizer que estamos lidando com o capitalismo, só sempre igual a ele mesmo. O capitalismo é indissociável de suas metamorfoses, o neoliberalismo transformou profundamente o sistema capitalista, assim transformando toda sociedade. O neoliberal não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica, é um projeto normativo, de influência global, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e esferas da vida (DARDOT

e LAVAL, 2016). Longe de sofrer com a crise, ele faz da crise um modo de governo instaurado por forças e poderes que se apoiam em nível nacional e internacional.

Compreender o neoliberalismo é uma questão estratégica universal, inclusive para a poesia. Não podemos limitar o neoliberalismo apenas aos aspectos de destruição programada, ele também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, subjetividades. A ação coletiva se tornou mais difícil, já que os sujeitos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis. Essa norma impõe que cada um de nós vivamos num universo de competição generalizada, intima a população a entrar numa luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo de mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo conceber a si mesmo e comportar-se como uma empresa. A palavra pode desarticular esses sentidos? É complexo afirmar isso, pois existem várias dimensões complementares dessa nova razão do mundo. O aspecto político, evidente na conquista do poder; o aspecto econômico do rápido crescimento do capital financeiro globalizado; o aspecto social que escancara a individualização das relações sociais e as extremas polarizações; por último, o aspecto subjetivo que tem como mote esse novo sujeito carregado de patologias psíquicas. Por isso, trata-se de uma razão do mundo, por seu poder de integração de todas as dimensões humanas.

No que tange a produção poética, muito interessa perceber o neoliberalismo como racionalidade, já que ele tende a estruturar não apenas a ação dos governantes, como também toda conduta dos governados. Essa ideia de governo como atividade e não como instituição rege o pensar dos homens com fortes instrumentos políticos de Estado. Se a palavra poética produz sentidos, ela também os extrapola, podendo assim ser uma transgressão nesse pretense autogoverno dos indivíduos. Muito do sucesso da dinâmica neoliberal, se deve à naturalização de suas práticas. A adaptação a situações de concorrência, por exemplo, é vista como natural e tornou-se palavra de ordem da conduta individual, assimilada a um combate pela sobrevivência. É próprio da sociedade dita civilizada, caracterizada pelo reino das liberdades civis e da propriedade privada, transformar a luta numa competição livre e pacífica, resultando numa distribuição absolutamente desigual das riquezas e produzindo perdedores e ganhadores.

A proliferação ilimitada das fontes de informação, por sua vez, não necessariamente implica uma abertura democrática, talvez por seu efeito não encontrar-se somente na área do discurso, mas em imagens e estratégias de perversão subliminar<sup>2</sup>. Não há possibilidade de

---

<sup>2</sup> Importante pontuar que o autor coloca os anos 70 como ponto de encontro entre a política e a publicidade, com a difusão da televisão. Concomitante, houve a abolição da distinção entre a esfera onírica e a esfera cotidiana.

tecer uma análise do momento atual sem levar em consideração a brutal desterritorialização tecnológica, disponível para combinações ininterruptas, mas submetida à semiótica do capital. Há um descompasso entre essa conexão virtualmente infinita dos sujeitos da enunciação no ciberespaço e o tempo necessário para o cérebro humano orgânico elaborar as informações que o circundam. Os fluxos dessas informações (com esferas até sensoriais) são cada vez mais rápidos, porém o núcleo subjetivo fica na matéria, na corporeidade. O que nos leva a consequências éticas e estéticas, desde a irritação e ansiedade, até a perda de interesse na alteridade. Em suma, o ciberespaço invade a esfera da sensibilidade.

A vida é o paradoxo que se encontra no cerne da condição contemporânea, já que a vida é o alvo supremo do capital e ela mesma tornou-se um capital (senão “o” capital). Através do fluxo de informações/imagens/serviços consumimos maneiras de viver, sentidos de vida, toneladas de subjetividades. É inegável que o capital penetrou fundo na vitalidade das pessoas - corpo e alma. A vitalidade tornou-se a fonte primordial de valor no capitalismo contemporâneo: a produção imaterial seria impensável sem a força da invenção. A vida é, afinal, um "capital comum", ao menos em tese pertencente a todo mundo. É a vida que serve de ponto último para lutas e reivindicações. Segundo Foucault (2010), o poder investe prioritariamente na vida<sup>3</sup>. O que ancoraria também a resistência ao poder, numa reviravolta inevitável. Diante disso, deixo algumas perguntas: como entender a potência da vida nesse contexto? Como isso se conecta com o desafio urgente de reinventar a comunidade? Como tais perguntas redesenham a ideia de resistência hoje?

A potência do homem comum é a invenção. Força viva presente por toda parte na rede social - positividade expansiva que o poder se esforça em regular, modular, controlar. Uma economia imaterial. “Agora é a alma do trabalhador que é posta a trabalhar, não mais o corpo que apenas lhe serve de suporte” (PELBART, 2011). Diante dessa vitalidade cognitiva e afetiva que nos é solicitada, podemos concluir que a força motriz de nossa sociedade é a invenção dos cérebros em rede. Próprio do capitalismo em rede, que enaltece conexões, movência e fluidez, produzindo novas formas de exploração e de exclusão, o que se vê é uma expropriação das redes da vida, por meio de mecanismos cuja inventividade e perversão parecem ilimitado<sup>4</sup>s. Porém, não devemos nos deixar embalar por um determinismo apocalíptico, precisamos escovar o presente a contrapelo, como sugere Benjamin, para

---

<sup>3</sup> mesmo a palavra VIDA não pode ser reduzida a um sentido unívoco - deve ser remetida ao rizoma material e imaterial que a constitui, seja ele biopsíquico, tecnossocial ou semiótico.

<sup>4</sup> Ainda segundo seu texto, o destino coletivo se decide cada vez menos no âmbito da política democrática e cada vez mais na esfera das aparições fantasmagóricas. PELBART, Peter Pául. In: vida capital: ensaios de biopolítica. (pg91)

examinar novas possibilidades que possam ser anunciadas. Voltamos às perguntas (talvez sem diretas respostas) que insisto em levantar: que capacidade social de produzir o novo está disseminada por toda parte, sem estar subordinada aos ditames do capital?

Em nosso Brasil, temos um novo/velho sentido democrático que Schwarcz (2019) chama democradura - governos que combinam de maneira perversa a regra democrática com a prática autoritária. O autoritarismo é parte fundamental da vida dos brasileiros, porém estamos recriando essas formas autoritárias ao invés de as combater. Um povo de manifestações inventivas tão ricas, mas com uma construção histórica que engrandece certos eventos que a nação vivenciou no passado, mas prefere esquecer seus problemas. Tudo isso tem imensa repercussão no tempo presente, fazendo valer o objetivo de naturalizar estruturas de mando e obediência.

Em tempos de crise, as produções de narrativas históricas se tornam mais aceleradas, posto que história e memória são formas de entendimento do passado, porém elas nem sempre se confundem ou mesmo se complementam. (SCHWARCZ, 2019) A história é inconclusa, por ser um campo de embates. Já a memória, uma dimensão subjetiva ao traduzir o passado em primeira pessoa e a ele devotar determinada lembrança, geralmente daquele que a produz. Toda nação constrói seus mitos, pois eles produzem no cidadão o sentimento de pertencer a uma comunidade única, a qual permaneceria sempre inalterada. “deitado eternamente em berço esplêndido”. Quando viram mitologia, esses discursos perdem sua capacidade crítica para serem lidos apenas de uma maneira e a partir de um ponto: uma história única e enaltecedora.

Trago aqui quatro pressupostos básicos e falaciosos de suma importância para compreendermos essa base: 1 - vivemos em um país harmônico e sem conflitos. 2 - brasileiro é avesso a qualquer forma de hierarquia, frutos belos da informalidade e igualdade. 3 - democracia plena, sem ódios de classe ou religião. 4 - natureza especial, paraíso, “deus é brasileiro”. Esses são modelos que funcionam no fundamento da falta de contestação e silêncio e “quando persiste o silêncio, é porque existe, com certeza, excesso de barulho. Barulho é incômodo social” (SCHWARCZ, 2019, pg 22).

Carlos de Assumpção, em sua obra *não pararei de gritar*, rompe essa esfera de silêncio ensurdecedor que ainda vivenciamos, deixando em evidência quando vem à tona a história oral para entrar em contradição com a história oficial do país. Ele assume como poucos o papel da ocupação do discurso. Antes mesmo de adentrarmos profundamente em sua escrita (o que acontecerá no porvir dessa dissertação), já é importante questionarmos como é possível definir o Brasil nessa esfera democrática que seus mitos apresentam se, por

séculos, sustentamos um sistema que supõe a posse de uma pessoa por outra? Dizem que perguntar é também uma forma de resistir, pois penso que pensar nossa história de maneira crítica é, sobretudo, desnaturalizar nossas práticas e nossa linguagem. Deixando claro que não existe esfera imutável a longo prazo, já que a história não produz efeitos imediatos, mas pode nos auxiliar na retirada do véu, na descoberta do espanto e a produzir uma discussão mais crítica sobre nosso passado, presente e sonhos de futuro.

É preciso que saibamos  
muita coisa sobre a origem  
de tanta dor tanto tombo  
dos males que nos afligem  
(Assumpção 2020, pg 76)

Trabalhar na articulação entre os efeitos do contemporâneo e a poesia é crucial para nos aproximarmos da hipótese de haver na poesia uma compreensão da nossa contemporaneidade, diferente, ao menos, daquela que se construiu na modernidade. Trata-se menos de propor um panorama geral da poesia que vem sendo realizada no país - o que me soa até impossível para uma só dissertação - do que de desbravar a palavra de alguns poetas e teóricos que oferecem reflexões sobre as dinâmicas que aqui pretendo tratar: contemporaneidade, resistência e política. *O poeta, que devia pagar a sua contemporaneidade com a vida, é aquele que deve manter fixo o olhar nos olhos do seu século, soldar com o seu sangue o dorso quebrado do tempo* (AGAMBEN, 2009).

Que poesia é essa que se vincula ao contemporâneo? Alberto Pucheu, o outro nome-norte que direciona o pensamento e a escrita deste trabalho, construiu uma obra chamada *A poesia contemporânea* (2010) cujo objetivo é justamente realizar um estudo da poesia brasileira contemporânea através de alguns de seus efeitos. O que chama a atenção é sua maneira de propor uma crítica que seja ela mesma poética e literária, ora trabalhando por manter o texto do qual fala inapropriável e, em outros momentos, escrevendo voluntariamente sobre ele. Imaginemos isto: muitas escrituras do presente atravessam a fronteira da literatura (os parâmetros que definem o que é literatura) e ficam dentro e fora, como em posição diaspórica: fora, mas presas em seu interior.

Essa diástase será sentida em toda dimensão de meu trabalho e na análise dos poemas, bem como em suas potencialidades públicas. A proposta não é exclusivamente uma adesão ao agora, ao presente, ao dado e estabelecido de nosso tempo, mas sim pensar o nosso momento a partir de suas dobras. Pucheu utiliza redes sociais e é um poeta-crítico bastante ativo, política e teoricamente. Sendo seu último trabalho a obra *vidas rasteiras* (2020), que busca

uma experiência do dizer poético transpassado pela filosofia. Um longo poema-testemunho do nosso tempo que é, afinal, uma outra forma de discussão sobre o contemporâneo

Assumpção e Pucheu, em seus encontros na palavra e na vida, têm muito a nos mostrar desde seus deslocamentos, até seus foras, seus entres, seus vãos. Recordo aqui de Octavio Paz em sua conferência de recebimento no prêmio nobel de 1990, intitulada *A busca do presente*. Nesta conferência, o poeta estabelece forte vínculo entre “escrever poemas” e a “expulsão do presente”, apostando ainda que as línguas são realidades mais vastas que as entidades políticas e históricas que chamamos de nações. Sendo o poeta aquele que, enquanto contemporâneo, é a fratura, é o que impede o tempo de se compor (AGAMBEN, 2009), essa fratura é aparente na escrita. Porém, ao contrário da interrupção, ela representa dinamismo, Tal gesto interruptivo vem acompanhado por uma conquista gradual (e cada vez maior) de uma escrita do fluxo e de fôlego largo. O ato desse “entrefôlego” ou de cobrar intervalos, sustenta a perplexidade do entre: “entre o excesso e a falta”<sup>5</sup>. O “entre” se espalha por inúmeros poemas, gerando uma verdadeira poética do “entre”: entre um sentido e outro, “coisas sem sentido que me compõem”.

No ano de 2017, Alberto publicou *Para que poetas nos tempos de terrorismos* como que um prenúncio ao que viria “na disputa entre o estado e o terrorismo / na conciliação do estado com as empresas / pelo lucro do capital acima de tudo”<sup>6</sup>. Nossa penúria democrática já era sentida e chorada na palavra. O livro possui uma obsessão: a obsessão pelo cotidiano, talvez para não esquecer a “arte de não dizer nada”. Poesias que, ao desvendar suas fronteiras (metáfora tão cara), faz com que vivamos sua disfunção, seu aspecto assombrado de tudo que vem, do que pode vir. O livro reinsere a pergunta de dois poetas pensadores alemães: Hölderlin (1770-1843) e, mais tarde relendo o poeta, Heidegger (1889-1976) pensa essa fissura do fazer poético; “De que servem os poetas em tempo de indignação?”, perguntou Hölderlin no poema “Pão e Vinho”. Não tendo solução, a resposta é uma interrogação viva, que se manifesta no movimento de procura. Movimento esse que atravessa agora Pucheu, aqui no Brasil - onde, durante o turbilhão, se pensa ainda em *falar sobre poesia*. Aqui se faz um tempo de urgência, um tempo sem apontar caminhos que pode ter no descaminho seu rumo.

Segundo Piero Eyben (2017), no prefácio da obra, os poemas do Pucheu seguem se aproximando daquilo que parece exceder a linguagem escrita e se aproximar de uma interjeição dada à escrita em que restam indeterminações. O que lemos na obra é uma oficina

---

5 Trecho retirado de: <http://ruidomanifesto.org/um-poema-de-alberto-pucheu/>

<sup>6</sup> Trecho do poema *para que poetas em tempos de terrorismos* (pg21)

do contemporâneo. Se a poesia já não pode responder com os valores universais, ele se mescla então com as notícias dos jornais, o poema subvertido se torna ele próprio um terrorista, naquilo que ele pode fazer e trazer de diferente da mídia, da violência, das privatizações. A poesia edifica com sua precaridade, sustentando o frágil desejo de ser uma explosão crítica.

- Por aí...*
- *a poesia já morreu?*
  - *não, ela continua bem viva. quem morreu foram as pessoas.*
  - *mas eu vejo as pessoas por aí e não vejo poesia.*
  - *você vê fantasmas por aí, cadáveres adiados que procriam, já disse um poema há mais ou menos um século.*
  - *se a poesia está viva, por que, então, eu não a vejo por aí?*
  - *é difícil um fantasma ver o que de fato está vivo.*
  - *mas você não é também um fantasma? e você não vê poesia?*
  - *há fantasmas que ainda conseguem vaguear pela poesia, disseminando-a e tentando com isso dar uma sobrevivência às pessoas*
- (pequeno texto de abertura em ‘para que poetas em tempos de terrorismos)*

A composição dessas poesias é exatamente aquela que, pela construção inclassificável da falta e sua imensa inconsistência, nos mostra que tudo está em suspensão, sempre por se fazer, que “todo sentido é uma ficcionalização ou uma poetização, necessariamente provisória, a ser interrompida, cabendo ao poeta (e ao leitor), nesse entre, deslocalizar o localizado, desidentificar o identitário, desobjetificar o que há de objeto, recobrar o não sentido onde os sentidos são predominantes” (PUCHEU, 2010. pg52). O eu-lírico se vale até de Fernando Pessoa, citando os *cadáveres adiados que procriam*, anunciando que a poesia é tão viva quanto nossa própria vida.

Nesse entre, nada está dado como solidificado, constituído. Em *a literatura e a vida*, texto de 1993, Deleuze já apostava na literatura como algo que extravasa toda matéria vivível ou vivida, tendo como base o ato de escrever - sempre inacabado, sempre a fazer-se. A escrita é inseparável do devir e devir não é atingir uma forma, mas encontrar a zona de vizinhança ou de indiferenciação. Dessa forma, pode-se atingir uma zona de vizinhança com qualquer coisa, desde que se haja os meios literários para isso. O devir é entre. “Não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem” (DELEUZE, 1993)

A potência do indefinido é o que nos moverá pelas páginas dessa dissertação, essa potência reside na fabulação: presente em toda literatura. A função fabuladora não consiste em imaginar nem em projetar um eu, contrariamente a isso, ela atinge essas visões e esses desvios, elevando-se a eles. Apesar da indefinição citada, podemos afirmar que a leitura é fruto de partilha e doação, fazendo brotar novos modos de sentir e novas subjetividades

políticas, formas de inscrição do sentido da comunidade<sup>7</sup>. É teórica e politicamente necessário passar além das narrativas de subjetividades originárias e focalizar aqueles processos produzidos na articulação das diferenças culturais. São esses os entre-lugares e eles fornecem terreno para elaboração de estratégias da subjetivação. No ato de definir a própria ideia de sociedade dão início a novos signos de identidades e outros postos de colaboração e contestação.

Com os meios de comunicação cada vez mais rápidos, é comum a ascensão do tédio, recordo-me aqui de Pucheu que afirma ser uma das tarefas da poesia contemporânea deslocar as forças do tédio para as da admiração. Sendo o poeta ponto nevrálgico que vive a diferença tensiva entre os pólos do presente e do fora do presente, suportando as excitações que convocam o poeta para fora de si. O seu lugar é justamente o lugar de todos os lugares, o tempo é o tempo de todos os tempos e de tempo algum, a pessoa é a pessoa de todas as pessoas e de nenhuma pessoa. A poesia é o que nos oferece possibilidade de nos mirarmos desde esse sem pessoa. Vendo nossos lugares e tempos como passageiros, precários, ainda que passíveis de alegria. O poema é um flagrante da beleza do passageiro. Ou seja, ser poeta é exatamente ocupar a passagem, a fissura. “sem dúvida, a poesia é uma artrologia<sup>8</sup>, por isso mesmo é uma arte do deslocamento e da desarticulação. Nessa duplicidade tensiva, vive o poeta” (PUCHEU, 2014. pg36).

Contrariamente ao que parece, por ela ser tecitura de palavras e sons, a poesia neutraliza a rigidez de quem (não) somos. Em vez de utópica - na ideia de inventar tempos e lugares, a poesia está antes ao lado da atopia<sup>9</sup>. Em poucas palavras, do real enquanto seu movimento de escape em direção ao que nunca deixa de ser manipulado. Essa abertura, que menciono enquanto parte fundamental do contemporâneo, está na materialidade do mundo, tomando como pressuposição que, ao lidarmos com o mundo, já estamos na linguagem. Enquanto abertura para o ilimitado, a linguagem se faz poema. “Talvez a força maior da arte contemporânea seja passar pelo presente para, em alvoroço, arrastá-lo ao extemporâneo” (PUCHEU, 2014).

---

7 De acordo com MIRANDA, M. Wander. Suplemento Pernambuco. Link de acesso:

<https://suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-antiores/77-capa/2113-a-cr%C3%ADtica-liter%C3%A1ria-e-as-atuais-rela%C3%A7%C3%B5es-de-leitura-e-escrita.html>

8 atrologia - ramo da anatomia que estuda as articulações do corpo humano e seu conjunto de movimentos. A palavra articulação tem origem grega e deriva de “arthos”, que significa “junta”.

9segundo Pucheu, obra: a poesia contemporânea (2014)



Enquanto a nossa atualidade implica uma noção qualquer de delimitação topográfica e temporal, a poesia, experimentação privilegiada da linguagem, descobre fendas no espaço e no tempo, criando neles justaposições inesperadas. São nessas encruzilhadas que percebo o movimento da poesia e, nelas, desejo percorrer o estudo para que essa dissertação se componha. Retraduzindo: atemporal e acrônico, pretendo um estudo pela (ou para além da) articulação da palavra. Saliento apenas que, em minha concepção (construída pelas ideias de poetas-teóricos), é primordial pensarmos o ato de escrever, buscando incitar o desdobramento de suas contribuições.

## 1.2 Contradições da identidade

*Todos nós nascemos em algum lugar*  
(Althusser)

A ideia de expor as contradições presentes no que tange identidade se dá antes de pensar o aprofundamento na escrita dos dois autores pilares desta dissertação, muito por tratar de uma poesia ligada aos dramáticos processos raciais de nossa nação. *Não pararei de gritar* é uma obra que recria vozes silenciadas durante tempos. Isso requer uma imensa delicadeza, delicadeza essa que o poeta crítico Pucheu soube trabalhar, sem perder a subjetividade bonita que é própria da poética. O pensamento do rastro/resíduo que busquei elucidar na ideia de contemporaneidade, desemboca nestes tempos difratados que as humanidades de hoje multiplicam entre si, em choques e maravilhas. Essa é uma das errâncias do poema. As literaturas do mundo, como bem afirma o martinicano Glissant (2005) só serão possíveis se reafirmamos onde elas se iniciam - no lugar onde estamos e de onde podemos supor seu aparecimento.

A obra do autor acima citado *Introdução a uma poética da diversidade*, publicado pela primeira vez em 1995, pela editora Presses de l'Université de Montreal (a versão que aqui foi usada é publicada pela editora UFJF, em 2005), nela são reunidas algumas conferências de Glissant nas quais se discutem aspectos importantes da identidade e do encontro de culturas no espaço das Américas. A obra orientou muitíssimo esse pensar da identidade. Há uma ampla discussão do encontro globalizado entre culturas, que vivenciamos como se fosse um caos e nos dá a impressão de perda de referências. Por toda a parte, para onde voltamos os olhos vemos catástrofe e agonia, deixamos de ter esperanças nesse caos-mundo, talvez porque

ainda tentamos encontrar uma ordem soberana que reconduziria mais uma vez a totalidade-mundo a uma unidade redutora<sup>10</sup>. O próprio trajeto da ciência é um trajeto de identidades, posto que temos a necessidade de uma ordem, uma catalogação, uma conceituação. É preciso, no entanto, que tenhamos a força imaginária de conceber que tudo isso não significa o caos apocalíptico somente. Segundo Glissant:

“o caos é belo quando concebemos todos os seus elementos como igualmente necessários. No encontro das culturas do mundo, precisamos ter a força imaginária de conceber todas as culturas como agentes de unidade e diversidade libertadoras, ao mesmo tempo. É por isso que reclamo para todos o direito à opacidade. Não necessito mais “compreender o outro”, ou seja, reduzi-lo ao modelo de minha própria transparência, para viver com esse outro e construir com ele” (pg 85)

É inegável que, hoje, as culturas do mundo colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e consciente transformam-se, permutando entre si, através de choques irremissíveis e avanços afetuosos. Esse processo é chamado por Glissant de *crioulização* - “A crioulização é a mestiçagem acrescida de uma mais-valia que é a imprevisibilidade” (GLISSANT, 2005). A crioulização exige ainda que os elementos heterogêneos colocados em relação se “intervalizem”, ou seja: que não haja degradação ou diminuição do ser nesse contato e nesse mistura. E por que crioulização e não mestiçagem? justamente pela crioulização ser imprevisível, ao passo que os efeitos da mestiçagem podem ser calculados. Enfim, essa crioulização cria microclimas de interpenetração cultural e linguística.

Crioulo - esta palavra que ganhou contornos na cultura brasileira tão diversos daqueles das diversas regiões do mundo. Crioula, em sua origem, é aquela pessoa que nasce em um local, porém de pais provenientes de outra parte. Por conseguinte, o termo passou a designar as línguas compósitas que surgiram em lugares como as Antilhas, mas também no Cabo Verde, na Guiné-Bissau e em outras partes do mundo – pois, para Édouard Glissant, o mundo em seu processo de globalização se criouliza em escala crescente. Obviamente o termo *crioulo* vem da realidade das línguas crioulas, essas que provêm do choque e da consumação entre partes. Tida como uma língua compósita<sup>11</sup>, nascida do contato entre elementos linguísticos absolutamente heterogêneos uns aos outros. Essa constituição pode não se dar de

---

<sup>10</sup> nas palavras do próprio Glissant, ele sugere que é necessário abandonarmos ao imaginário movido pela ideia de raiz única que mata tudo a sua volta para entrarmos na difícil complexão de uma identidade relação, de uma identidade que comporta abertura ao outro, sem perigo de diluição.

<sup>11</sup> O autor conceitua dois tipos de línguas e culturas: as compósitas (compostas pelas relações com outras) e as atávicas (ligadas a uma gênese única).

maneira amena, mas seus choques produzem subjetividades várias que se costuram no imenso caos-mundo que a literatura desbrava.

penso que o termo criouliização se aplica à situação atual do mundo, ou seja, à situação na qual uma “totalidade terra”, enfim realizada, permite que dentro dessa totalidade (onde não existe nenhuma autoridade “orgânica” e onde tudo é arquipélago) os elementos culturais talvez mais distantes uns dos outros possam ser colocados em relação. Isso produz resultantes imprevisíveis” (pg 27)

Escrita em um cenário de expansão da globalização, a questão de fundo que dá sentido ao argumento é a defesa de uma “diversidade cultural” em meio à padronização voraz imposta pelo capitalismo ocidental contemporâneo. Os pensadores caribenhos possuem muito a contribuir com questionamentos aqui de nosso Brasil, integram o grupo de “intelectuais caribenhos” figuras como Frantz Fanon e Aimée Césaire, centrais nos movimentos de negritude e de crítica à colonialidade. Há em comum entre eles o fato de que refletiram fortemente sobre o impacto, não somente econômico, mas político e intelectual que a colonialidade, com seus dispositivos de dominação, ordenação e apagamento, teve sobre os territórios americano ou africano ao longo da emergência da “modernidade” europeia. É na chave da Criouliização que podemos pensar também aspectos da cultura brasileira<sup>12</sup>, tentando tatear aquilo de imprevisível que ela pode produzir, especialmente em momentos de crise política, como esses que estamos enfrentando após a ascensão da chamada democradura.

A concepção de rastro também ajuda a decantar a mutação dolorosa do pensamento, já que o povoamento realizado através do tráfico de africanos foi o que determinou mais sofrimento nas Américas. É claro que eu poderia discorrer sobre o imenso massacre dos povos indígenas como fonte infinda de infelicidade, mas para essa pesquisa interessa mais o tráfico de escravizados. Existem abissais diferenças nos movimentos de povoamento das terras brasileiras, os povos europeus que migram chegam com suas tradições, canções, deuses, já os africanos chegam despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, mesmo despojados de suas línguas. “O ventre do navio negreiro é o local de apagamento”

---

<sup>12</sup> “Para Édouard Glissant, há um modo de ser e de viver marcado pelos processos da história que, embora não forme necessariamente uma “identidade nacional”, é composto pelos mais diversos elementos culturais a convergir na direção de uma “criouliização”. Sistema de plantações, povoamento piramidal: africanos e hindus na base, europeus no topo, fenômeno cultural de criouliização, línguas de compromisso, sincretismo de civilizações, insularidade, para citar os elementos elencados na capa do alentado livro O discurso antilhano (que deverá ser publicado em breve no Brasil, pela Bazar do Tempo). Mas, para Glissant, mesmo as regiões continentais, como Honduras, Panamá, Costa Rica ou Guiana Francesa, formam esse bloco cultural que, ao ser observado de perto, encontrará muitos pontos em comum com o Brasil.” - <https://outraspalavras.net/outrasmidias/negritude-o-quebra-cabeca-da-literatura-das-antilhas/>

(GLISSANT 2005). Porém, esses povos escravizados se recompõem através de rastros, resíduos de uma língua e de suas manifestações. Mesmo que sem a possibilidade de manter heranças pontuais, criaram algo a partir dos poderes da memória.

Essas memórias são a mistura de diversas dimensões subjetivas ao traduzir o passado na primeira pessoa e a ele dedicar uma determinada lembrança: daquele que a produz. Encarar as contradições que o tema *identidade* nos coloca é nevrálgico para o ultrapassar. Tratar a vida como relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção é a representação comum da existência, porém o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem aparente razão. Essa descontinuidade está presente em cada um de nós, assim como em cada um vive a potência do deslocamento, do desvio.

Todos precipitamos em nós mesmos os rastros/resíduos de nossas histórias ofuscadas; não para propor, em breve, através de desvios um modelo de humanidade que contraporíamos - mas de maneira completamente rastreada - a tantos outros padrões que se esforçam em nos impor. Esse é o desvio que não é nem fuga nem renúncia, mas a arte nova do desatamento do mundo

(Glissant, pg 84)

Em todo caso, não podemos nos furtar à questão dos mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade. Segundo Lilia Schwarcz (2019), “não construiremos uma democracia no Brasil enquanto não resolvermos o racismo estrutural e institucional que segue vigente”, lembrando que nosso país foi o último a abolir a escravidão e recebeu mais da metade dos africanos escravizados. Sem contar a ladainha da democracia racial que foi tão difundida por vários autores, coube a Gilberto Freyre o papel de divulgador da expressão, até mesmo para além de nossas fronteiras.

História e memória são formas de entendimento de nosso passado que nem sempre se complementam, os imensos mitos nacionais que nos circundam são prova indubitável disso. Por ser inconclusa, a história carrega consigo várias incompreensões. Sobre os processos históricos, Agamben (2010) acredita que não possuem um fim, mas um resto; não há dentro deles ou debaixo deles, mas fundamentalmente há um entre. Apontando ainda que o realmente histórico não se situa somente na direção do futuro, nem no rumo do passado, mas juntamente no tempo restante.

Deixo claro aqui que o intuito da pesquisa é trabalhar nos resíduos de nossos tempos, eles servirão de matéria para alcançarmos a resistência, além de seu significado linguístico, tão difundido em nosso tempo de manifestações. Me refiro com “tempo de manifestações” aos momentos desde 2013, com as palavras de Schwarcz, o brasileiro tornou-se um cobrador (o que começou com a pauta de preços de passagens, culminou em diversas palavras de ordem

genéricas: mais saúde, mais educação), o golpe da presidenta Dilma, em 2016, justificou uma série de discursos autoritários, afinal tempos de crise são tempos de construir narrativas e atacar as minorias como culpadas.

Já que a história é comumente associada com disputas políticas, o patrimonialismo, a violência e a corrupção tornam-se facilmente acatadas, desde que haja uma narrativa construída para isso. As fake news foram um sucesso e, nas eleições de 2018, venceu o presidente da extrema-direita Jair Messias Bolsonaro, um momento de retorno aos ideais da ditadura militar. O Assassinato de Marielle Franco configura uma queda final na história de um “povo pacífico”, mulher preta vereadora do Rio morta a tiros que mobilizou o Brasil - “quem mandou matar Marielle Franco?”. Carlos de Assumpção (no auge de seus 94 anos de vida) escreveu sobre:

quem mandou matar Marielle  
A nossa nova Dandara  
quem mandou matar Marielle  
a enviada de Ogum

quem tem ceifado tantos sonhos  
quem tem coberto todo o país  
com tantas mortes sem explicação  
quem tem matado tanta gente inocente e culpada

há no ar silêncio enorme  
não há nenhuma resposta  
será que a justiça dorme  
ou a justiça está morta

Assumpção utiliza duas figuras guerreiras para compor o poema junto de Marielle: Dandara dos Palmares, guerreira preta que teve papel fundamental na construção e comando do quilombo dos Palmares; e Ogum, orixá guerreiro conhecido pela sua coragem e força. O nobre ato de guerrear atribuído a eles têm em comum a necessidade de sobrevivência pois, para pensar a identidade racial em nosso país, é preciso levar em consideração que 78% dos mortos em ações policiais são pretos, só no ano de 2018 no Estado do Rio de Janeiro, sendo que o número de mortes por intervenção legal foi o maior número registrado desde 1998.<sup>13</sup>

Para escavarmos a resistência nos escritos de Carlos de Assumpção, é preciso que saibamos bem em qual terreno essas palavras se plantaram e o que significa o encontro dele com o poeta crítico Pucheu, ambos vivos e atuantes. Para atravessarmos esses caminhos, trago também o intelectual estadunidense de origem paquistanesa Asad Haider, me concentrando na obra (traduzida em meados de 2018) *Mistaken Identities: Race and Class in*

---

<sup>13</sup> fonte das informações citadas: G1 (RJ). Link de acesso:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/06/pretos-e-pardos-sao-78percent-dos-mortos-em-aco-es-policiais-no-rj-em-2019-e-o-negro-que-sofre-essa-inseguranca-diz-mae-de-agatha.ghtml>

*the Age of Trump*, traduzido como *armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. Notório que o título original foi modificado, os tempos seriam de Trump, fazendo clara menção ao ex-presidente americano símbolo da extrema-direita. Porém, acredito que a tradução brasileira para “os tempos de hoje” sejam coerentes, posto que é nosso máximo representante é ainda mais degradante que o próprio Trump.

Esse livro desafia-nos a entender a luta antirracista, enfrentando uma discussão espinhosa: “qual fator é mais importante para compreender as dinâmicas sociais atuais: classe ou raça?”. Ele recusa a tríade “gênero, raça e classe” como categorias identitárias únicas, posto que elas nomeiam relações sociais inteiramente diferentes que precisam ser explicadas em histórias específicas. Portanto, o livro é focado na categoria raça. O autor direciona seu pensar para o rico legado da luta contra o racismo nos Estados Unidos, baseando-se nas palavras e ações dos teóricos revolucionários negros, argumenta que a política de identidade não necessariamente é sinônimo de luta antirracista, mas pode equivaler à sua neutralização.

Introduzindo a obra, Haider relata o modo com que sua vida foi forjada por experiências marcadas pela peleja com as constantes determinações de sua identidade de um “não branco” nos EUA, e a questão central dessa introdução é que, mesmo recusando-se a pensar o mundo dentro das fronteiras reservadas às pessoas não brancas, a identidade sempre estava lá. “A identidade, paradoxalmente, parecia ser determinada de fora - ou talvez mais do que isso: parecia não determinada” (HAIDER, pg 23. 2019). Essa tal identidade o atravessava em várias de suas escolhas, pensar a si mesmo e ao mundo implicava no enfrentamento da questão da identidade. A inespecificidade do contemporâneo nebulou ainda os limites. O autor traz paradoxos que essa dinâmica enfrenta no neoliberalismo. Ele cita como exemplo que, segundo Keeanga-Yahmatha Taylor, o fenômeno *Black Lives Matter* mostra que a transformação mais significativa na vida dos pretos nos últimos cinquenta anos foi o surgimento de uma elite negra, fortalecida por classes políticas que são também responsáveis por administrar cortes e impor orçamentos escassos nas costas de eleitores negros.

A identidade é, portanto, algo objetivo, vinculado à materialidade do mundo, e pessoas não brancas como Haider são pensadas através da identidade, ainda que nela não falemos. Qual o sentido então de a identidade ser vista por ele como “armadilha”? Esse é o ponto mais importante do livro: a identidade vira armadilha quando converte-se em uma política, ou, mais precisamente, em “política da identidade”. Essa armadilha não está em se levar em conta a identidade nas análises sobre a sociedade, mas justamente em analisá-las como se fossem algo exterior às determinações materiais da vida social. Essa identidade como ideologia só “existe” nas relações concretas e se manifesta nas práticas individuais de

sujeitos<sup>14</sup> “assujeitados”, em nome do funcionamento das instituições políticas e econômicas, orientadas pela e para a sociabilidade do capitalismo.

Ou seja, afastada de suas dimensões sociais, a identidade passa a ser, simultaneamente, ponto de partida e de chegada, começo e fim, isso coloca o pensamento em um giro infinito de contradições puras. Haider desvenda a historicidade do que chama “categoria contemporânea de identidade”. Segundo o autor, ele utiliza o termo “contemporânea” para marcar que a identidade é um elemento a ser levado em conta na organização das lutas políticas emancipatórias atuais. A ideia de identidade não nasceu como uma armadilha anti revolucionária, pelo contrário, ela integrava as reivindicações de grupos genuinamente comprometidos com a transformação social, como Malcon X e o coletivo Combahee Rivers - formado por militantes socialistas negras e lésbicas.

Esse coletivo foi o primeiro a tratar, de forma direta, o problema político da identidade. No texto *a black feminist statement*, elas denunciam como o socialismo tinha no sexismo e no racismo presentes na esquerda um obstáculo a ser superado. O que essas militantes fizeram foi chamar as esquerdas para assumirem seu papel de forma coerente como o próprio materialismo histórico de Marx, que membros da esquerda tanto pregam, propõe. O coletivo fez um apelo ao concreto criticando um certo marxismo que se move “do abstrato ao abstrato”, não atingindo o método dialético que consiste em “elevar o abstrato ao concreto”. O objetivo de colocar no tabuleiro a identidade racial e sexual não era fazer da identidade o único foco da política, o objetivo era demonstrar a complexidade da vida social e das lutas que se desenrolam nesses cotidianos. Já que uma transformação radical da sociedade exigiria que um certo “reducionismo de classe” pudesse ser desafiado. “Movimentos como esse não deveriam ser considerados como desvios de um universal, mas, sim, como a base para desestabilizar a categoria de identidade e criticar as formas contemporâneas de política identitária” (HAIDER, 2019).

A identidade, nos demonstra Assad no exemplo do Combahee Rivers, não é a armadilha em si. A armadilha apresenta-se quando a política se reduz à afirmação de identidades específicas. Em termos políticos, essa política identitária acaba tendo efeito reafirmando a estrutura colonial e não propiciando uma mudança estrutural efetiva. Não há racismo sem estruturas políticas e econômicas que sustentem esse processo contínuo de categorizar indivíduos como “negros” e “brancos”. Não existem “negros essenciais” que sejam

---

<sup>14</sup> Judith Butler aponta que a palavra sujeito tem um duplo sentido peculiar: ela significa ter capacidade de ação, ser capaz de exercer poder, mas também ser subordinado, sob controle de um poder externo. A política do liberalismo se caracteriza por nos tornarmos *sujeitos* que participam da política através da *sujeição* ao poder.

legítimos herdeiros da realeza africana, bem como não existem brancos (mesmo entre os que, ridiculamente, se julgam nobres), como nos ensina Mbembe (2018). Portanto, tratar o racismo como resultado de uma vaga e abstrata ideia de “supremacia branca” sem explicar os termos com que isso é viabilizado política e economicamente, apenas comprova a confusão que a identidade pode causar. É, porém, fundamental que as identidades sejam consideradas dados analíticos e elementos concretos de organização estratégica.

A eficiência dessa armadilha, cooptada pelo capital, está em seu duplo funcionamento - que serve tanto à “direita” quanto à “esquerda antirrevolucionária”. Em relação à direita, o uso dessa política e da insistência subjetivista é algo tradicional e faz parte do individualismo metodológico e de marcas do consumo neoliberais. Levando em conta que clamar por uma “identidade branca” e ostentar uma identidade nacional contra não brancos é um clássico da direita, ainda mais em tempos de crise do capital, com um apelo universalista que facilmente pode virar a chave para um escancarado facismo. Porém, uma “identidade negra” purista e desconectada das estruturas pode ser também conservadora, servindo aos propósitos do capitalismo, que historicamente tem se mostrado capaz de decantar o racismo e o transformar em aspirações de consumo e, sobretudo, poder. Em tempos neoliberais, como os que busquei apresentar no início deste capítulo, a política identitária é um fator importante para a divisão social.

Hall (2015), em *a identidade cultural da pós-modernidade*, postula que enfrentamos uma “crise da identidade”, ou seja: um abalo na referência que ancorava os indivíduos no mundo social, surgindo novas identidades, com uma espécie de “fragmentação” das paisagens culturais de classe, gênero, etnia, raça, nacionalidade que, no passado, aparentemente forneciam sólidas localizações. A globalização configura um grande impacto sobre a identidade cultural, que só se torna uma questão quando está em crise. O autor apresenta três concepções de identidade em acordo com os sujeitos que atravessam os tempos: 1) o sujeito do iluminismo: unificado, dotado de capacidades da razão e consciência. 2) o sujeito sociológico: o núcleo interior do sujeito não é autônomo e auto-suficiente, é formado na relação com o outro. 3) sujeito pós-moderno: conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se então uma celebração móvel, não unificada ao redor de um “eu” coerente.

Logo no início do filme *Carlos de Assumpção: protesto*, Pucheu pergunta ao poeta Carlos se sua poesia é de combate e ele responder “É de combate! É pro que der e vier!, daí por diante ele envereda nas leituras feitas de seu poema *protesto* em diversas ocasiões de manifestações e encontros do movimento negro nacionais e internacionais, sobre essas



apresentações Carlos diz: ‘eu sei que eu tava falando sempre esse poema em locais onde a maioria das pessoas era de esquerda. Eu nunca fui de esquerda. Nem de direita. Nem de nada. Eu não gosto de partido político. Eu acho que os partidos políticos que existem no Brasil não representam a ninguém. Muito menos ao negro’.

Após anotar e matutar sobre essa fala, notei que ele propõe, de maneira simples e direta, um grande questionamento da política de nosso tempo, inclusive para a esquerda. A pouca credibilidade dos partidos políticos apontam um paradigma da representação política - essa, como tradicionalmente concebida, resultante do sufrágio por mediação partidária, parece ter se exaurido, dada a aparente desconexão dos eleitos em relação aos anseios dos eleitores. Uma passagem perigosa e aberta aos processos perversos da democradura. Assim sendo, cabe perguntar: como identitarismo paralisa a esquerda?

Segundo Haider, isso acontece quando nos tornamos reféns da política identitária. O que pode acontecer de dois modos: 1) quando a esquerda só fala de identidade; 2) quando a esquerda se nega a falar sobre identidade. No fim das contas, a política identitária se restringe ao figurino jurídico da ‘luta por mais direitos’, na maior parte dos casos, ainda que possa gerar conflitos e trazer mudanças significativas nas vidas individuais das pessoas, ‘mais direitos’ não constitui um problema para o capitalismo: conceder direitos evidencia a plasticidade de um sistema que precisa de reformas para seguir existindo. Asad expõe como o movimento pelos direitos civis não era somente um pleito por direitos (ou inserção no consumo), mas em sua origem, é um movimento anticapitalista. Por outro lado, é bom deixar em evidência que uma esquerda ‘anti-identitária’ é também bastante problemática aos movimentos emancipatórios, posto que o discurso que se diz ‘tradicional’, ‘raiz’, considera que a identidade e suas questões são desviantes do ‘plano puramente econômico’. Isso as invisibiliza e demonstra a incapacidade de se conectar com o sofrimento dessas pessoas que são excluídas dos centros de discussão.

É muito interessante notar que a obra de Haider, assim como a fala de Assumpção, nos leva a pensar em diversas ‘armadilhas’, dentre as quais a fixação na raça é apenas uma delas. O neoliberalismo não é plenamente compreendido no binómio esquerda x direita, que é ideológico. O que isso nos revela? Indica que tanto parte da esquerda como da direita possuem em comum o fato de tratarem de identidade fora de relações concretas e que a etapa neoliberal do capitalismo mantém a direita e a esquerda sob controle, já que os termos das disputadas e dos projetos não comprometem a produção capitalista. As políticas da identidade, em sua forma atual, são sintomas da crise que levou a uma reorganização dos mecanismos de reprodução do capital (nos conectando aqui com o que procurei apresentar

como “a nova razão do mundo”). Sendo assim, o identitarismo vira forma assumida da ideologia neoliberal, que culta o hiperindividualismo, a competitividade, o empreendedorismo e as “metas”, justificando, ao mesmo tempo, a destruição da solidariedade e dos mecanismos estatais de proteção social. Com isso, o espaço fica totalmente aberto para o extermínio de populações negras e indígenas, bem como para os métodos necropolíticos de controle da pobreza e da população.

Essas reflexões nos permitem olhar para acontecimentos do presente, que relaciona Haider com a tentativa de pensar o Brasil, comparações que não se esgotam nas coincidências de ambos os países quanto ao neoliberalismo e nem somente com as pegadas de passados “mal iluminados”, mas também nos permite pensar a ascensão da extrema-direita ao poder e os novos sentidos que as pautas identitárias ganham, já que o atual governo brasileiro se apoia em um discurso também ideológico, de forte afirmação identitária (branca, heterossexual, patriótica, fundamentalista). Essa realidade contraditória nos leva a pensar que, sim, a representatividade é por demais importante para pessoas negras. Por exemplo, é claro que é relevante que tenham garantido o direito, direito de estudar, trabalhar, de não ser morto por ser “suspeito”, isso tudo é algo pelo qual todos devemos lutar. Porém, ao mesmo tempo, é necessário assumir que essas identidades (inclusive raça) são construídas socialmente e, em um sentido revolucionário, essas afirmações são feitas apenas para que seja possível ir *além* delas, as superar.

Carlos de Assumpção, ainda sobre o poema protesto (filme produzido por Alberto Pucheu) conta que o grande pensador caribenho (como Glissant, nascido na Martinica) Aimé Césaire teve contato com o famoso poema “em Roma, o também francano<sup>15</sup> Geraldo Campos de Oliveira foi representando a Associação Cultural do Negro e mostrou. Aimé, um dos grandes poetas negros do mundo, gostou! Geraldo voltou alegre”, assim ele nos diz durante a entrevista. Césaire é também martinicano, poeta (tido pelo surrealista Andre Breton como “o maior monumento lírico de nossos tempos”), foi líder político, pioneiro do termo *negritude* e participou ativamente da articulação dos movimentos de descolonização africanos. A sua mais influente obra, *discurso sobre o colonialismo*, foi lançada em 1950, na França. Tida como inspiração para vários militantes anticolonialistas, impulsionou líderes do pan-africanismo<sup>16</sup>, os *Panteras Negras* e é citada várias vezes por Fanon. Talvez até mais

---

<sup>15</sup> A oração “também francano” foi aí empregada, pois Carlos de Assumpção, assim como Geraldo Campos, nasceu em Franca - SP.

<sup>16</sup> A ideologia pan-africanista surgiu em um momento de solidariedade e consciência de uma origem comum entre os negros do caribe e os negros dos Estados Unidos, ambos estavam envolvidos em luta contra a segregação racial. O termo foi cunhado pela primeira vez por Sylvester Willians, advogado negro de Trinidad, a ocasião era uma conferência de intelectuais negros em Londres, no ano de 1990. A proposta em torno do

atual hoje do que quando foi lançado o livro demonstra que o fascismo é filho do colonialismo e o racismo é uma grande ferramenta de exploração capitalista, em sua luta para manter a infame desigualdade social.

No capítulo *cultura e identidade*, Glissant discute o que propôs quando abordou as *crioulizações* no Caribe e nas Américas, sobretudo no que tange os problemas de identidade. Ele se apoiou na distinção feita por Deleuze e Guattari, em um dos capítulos de *Mil Platôs*, entre a noção de rizoma e de raiz única. Esses autores propõem, do ponto de vista do pensamento, que a raiz única é aquela que mata à sua volta, enquanto o rizoma é a raiz que vai ao encontro de outras raízes. Glissant aplica essa imagem ao princípio de identidade. A noção da identidade raiz única produziu várias obras da história da humanidade, especialmente aqueles mitos fundadores ligados fortemente a uma gênese, uma origem. Podemos tomar como exemplo a literatura épica tradicional que reúne tudo aquilo que “construiu uma comunidade”, excluindo tudo aquilo que não for dela. Essas literaturas resumem o que acontecerá no campo literário, porque, a partir delas, toda e qualquer literatura tenderá a ser considerada pela comunidade.

Portanto, “a história é realmente filha do mito fundador” (GLISSANT, 2005), em seus caminhos o mito fundador será ocultado, e em seguida, substituído pelos mitos de elucidação, de explicação ou de estabelecimento de perspectiva dos processos sociais e das condições de uma comunidade. Em seguida, estão os contos, poemas e textos de reflexão que dizem, cantam ou meditam sobre a comunidade. Assim, no seio dessas culturas raiz única que ele chama Atávicas, a noção de identidade se desenvolverá em torno do eixo: filiação e legitimidade. No caso das sociedades nas quais o mito fundador não funciona muito bem, a não ser em vias de empréstimo às sociedades de crioulização (referindo-me aqui às culturas denominadas por ele de compósitas), a noção de identidade se realiza em torno das tramas da relação. “Essas culturas começam diretamente pelo conto que, paradoxalmente já é uma prática do desvio (GLISSANT, pg 76)”. Deixando claro que o que é desviado pelo conto é a sombra projetada das legitimidades, é a inflexibilidade de filiação, essa imensa abertura que assunta e embeleza.

A ideia de “cultura nacional” se baseia em identidade e diferença, porém possui em si um impulso por unificação. A cultura é meio compartilhado construído por símbolos e

---

pan-africanismo era a união de todos os povos da África como forma de potencializar o continente no contexto internacional. No Brasil, o Congresso de Cultura Negra realizado na década de 70 foi o principal reflexo do movimento, sendo Abadias Nascimento o difusor de sua importância. A partir de lutas marcadas pelo pan-africanismo, na contemporaneidade nosso país trabalha em algumas alternativas políticas e ações afirmativas acerca do racismo. (fonte: fundação cultural Palmares)

representações. Ou seja: discursos. Revendo então certos pressupostos que definem uma cultura nacional *pura ou atávica*, e se encontram expostos de maneiras muito próximas nas obras de GLISSANT (2005), HAIDER (2019), SCHWARCZ (2019) E HALL (2015) - a narrativa da cultura nacional pode ser definida em 4 pontos. 1) na invenção da tradição. 2) na continuidade dessa tradição. 3) em mitos fundacionais 4) em ideias de povos originais. Isso tudo é ainda mais afirmado quando uma comunidade necessita se afirmar frente a uma "ameaça". O povo brasileiro é composto de várias manifestações disruptivas com a ideia de purismos e, apesar dos bloqueios conservadores, não há como estancar esse caudaloso rio que é a transformação. Ainda que tentemos classificar a vida, seus gritos escapam e mostram o direito de cada um a opacidade, aquela que mencionei no início. Glissant (2005), já pressentia a aparição de literaturas do mundo e reforça a esperança nesse caos-mundo sem carecer unidades redutoras, lutando por uma não-barbárie através da diversidade.

Como mencionei no início deste escrito, há faces e tons da *crioulização* em nossas brasilidades. País de misturas complexas e manifestações densas, conciliando a escrita do mito e a escrita do conto, a memória de gênese e a pré-ciência da relação. Apesar do autor utilizar o Caribe para construir suas análises, o Brasil também pode ser lido através delas. A ação literária de Glissant se entrelaça com a história na expectativa de que, ao recuperar a memória das vivências, se possa romper com a mentalidade ocidental, estabelecendo uma relação autônoma com a diferença. Para o autor, o sujeito martinicano (porém, pode se ler também aqui o Brasileiro) ainda não vive em seu espaço uma relação consciente com a diferença, encontra-se alheio à sua própria realidade.

Importante frisar que Glissant se afasta bastante da história ocidental, com seu modelo hegeliano de classificar o tempo em a-história, pré-história e história, uma vez que, para o autor, foi a partir desta concepção que se legitimou a dominação dos povos de civilização oral (a-históricos) pelas civilizações que possuíam a escrita (história). O que leva Glissant a introduzir a estética da oralidade caribenha em sua literatura é precisamente a urgência de descolonizar a própria escrita e, conseqüentemente, o modo de fazer história e literatura. Esse ponto nos interessa particularmente, posto que quero demonstrar esse movimento de resistência descolonizadora da literatura por parte de dois poetas brasileiros vivos e que se encontram em práticas e representações distintas com/da linguagem.

Ele objetiva desconstruir um universo de preconceitos enraizados na sociedade que transitam até mesmo entre os próprios negros, que assimilaram uma maneira de pensar e sentir branca e dela ainda não despertaram. Em seu poema "Que negros somos nós", é evidente o alerta de Carlos de Assumpção com relação àqueles que ainda não se atentaram, para

a realidade de união e luta contra os que massacraram os símbolos, as memórias e as raízes concernentes à negritude:

Que negros somos nós que descrentes nos envergonhamos da  
nossa religião que nós muitas vezes chamamos de feitiçaria  
folclore mitologia

[...]

É crucial ressaltar que uma nação é comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’ (HALL, 1992, p. 49), os negros foram impedidos de compartilhar com tal lealdade e identidade, uma vez que o sistema de representação cultural, está pautado por referenciais majoritariamente brancos. Isto significa dizer que as representações simbólicas, as crenças, os valores, enfim, tudo que a eles esteja relacionado, não serão compatíveis com o sentido hegemônico de nação. Carlos de Assumpção, busca uma identidade com a qual o negro possa encontrar-se, valorizar-se e ser aceito, recria uma perspectiva divergente daquela dos brancos, convoca os pertencentes de seu grupo para que tomem consciência de quem são e de sua cultura.

### 1.3 Comunicações no caos

*“o risco dos poetas  
é não mudarem nada, senão  
a primazia do sentido  
ou o modo de se colocar diante dele”  
(Trecho do poema “da impotência”. Pucheu,  
2017)*

A identidade expõe que há uma angústia da relação de si com o outro, há também uma outra angústia, essa mais concentrada na comunicação ou na esfera da linguagem: uma angústia do deslocamento<sup>17</sup>, que faz perceber que não conseguimos mais manter a unicidade formal da língua escrita e essa necessidade nos assusta no abundante panorama de todas as línguas do mundo “no exato momento que estamos dando uma guinada, ou seja, estamos vivenciando uma passagem da escrita à oralidade, e não mais da oralidade à escrita” (GLISSANT, 2005). A escrita está associada à transcendência, a uma segurança, um encadeamento de ideias que poderiam ser classificadas como linear, já a oralidade se faz no

---

<sup>17</sup> Segundo Stuart Hall, o processo de deslocamento apresenta um sem-fim de discontinuidades, cujo centro de poder não é substituído por outro, mas por uma “pluralidade de centros de poder”. Lembrando que esse movimento desarticula identidades estáveis, abrindo possibilidade de novas articulações.

movimento dos corpos, no ritmo, até na redundância. “Aquilo que para o poeta tradicional era um sonho unitário e universalizador, tornou-se um difícil mergulho no caos mundo” (GLISSANT, pg45). O ponto da angústia do deslocamento é perguntar-se como ser si mesmo sem fechar-se ao outro, na existência desses “todos os outros”.

A tecnologia colabora muitíssimo com uma construção mais oral, o poeta caribenho constata que ela leva a oralidade de 2 tipos: 1) aquela difundida pela mídia, a estandarização, a banalização. 2) a das culturas que surgem na cena do mundo, que são bastante criativas e não adotam o caminho único da escrita. É também um importante ponto a se pensar, especialmente no universo virtual tão frequentado, a difusão da imagem como narrativa. Benjamin concebe a imagem como um adensamento de sentidos em uma superfície cognitiva que produz semelhanças e, enquanto necessariamente históricas, as imagens, ao se manifestarem, tornam explícitas as ambiguidades que as constituem no encontro com o “agora”, com a matéria vivida, com um olhar que tem, no próprio presente, seu tempo de fuga. Porém, nesse *agoral*<sup>18</sup>. É preciso as coletar, as descobrir na memória material do coletivo.

Em relação à língua, temos um imenso drama de dominações, absorções e convivências, um multilinguismo que não supõe somente a coexistência dessas línguas, nem o conhecimento de várias delas, mas a presença de várias línguas do mundo na prática de sua própria língua. O poeta é expressão de uma comunidade dentro do mundo, ele ocupa o lugar entre a busca do absoluto e a do não absoluto, mesmo quando pensamos nas literaturas que marcaram o início das comunidades humanas em todas elas há algo em comum: o grito da poética. Em nosso tempo, a força das indústrias de informação e cultura, junto da pulsão do duplo e contraditório desenvolvimento da tecnologia, estimula a diversificação de lugares e meios de produção, porém uniformiza sua circulação.

O caos, nesse ponto, pode ser pensado de forma próxima ao que Célia Pedrosa (2013) coloca na ideia de crise, um movimento de constante reescrita, um estado produtivo de inacabamento que desestabiliza todo fundamento. Essa escritura em crise do poema, constituiria o acontecimento vivo do discurso. “A forma não é uma experiência da identidade, mas da crise” (SISCAR, 2010). Assim dito, as formas de se comunicar não são fixas, mas decerto não deixam de operar no grande mundo. O caos também pode significar

---

<sup>18</sup> De acordo com Pucheu, Antônio Cícero utiliza o termo “agoral” para marcar o momento que engloba tanto o presente atualizado, positivado, quanto suas infundáveis possibilidades implícitas ou potenciais, fazendo o nosso tempo ser visto desde a perspectiva da criação ininterrupta e aberta

expansão, voltemos então a Glissant (2005), no capítulo *O caos-mundo: por uma estética da Relação*; cujo tema são as poéticas do caos.

Essas poéticas do caos não podem ser pensadas em termos de finitudes formais, ou seja, aquilo que não suportaria acréscimos ou retiradas, sem possibilidade de repetições. Aliás, sobre as repetições o autor afirma que constituem uma das formas do conhecimento em nosso mundo. Enfim, Glissant faz uma conferência na qual sonha o assunto das poéticas do caos, isso mesmo, ele sonha porque se permite construir, elaborar, conceituar sem deixar de poetizar sobre o assunto. O caos então se dá no choque, no entrelaçamento, atrações e repulsões entre as culturas dos povos na totalidade-mundo, essas relações perpetuavam-se ao longo de imensas continuidades temporais (estudamos essas continuidades sobretudo no mundo Europeu, posto que até pouco tempo, éramos totalmente *ignorantes* no conhecimento das relações culturais em continentes como África e Ásia); A novidade é que os tempos contemporâneos apresentam continuidades temporais muito mais imediatas, com repercussões igualmente imediatas. A poesia se incorpora a isso, trazendo, como que abraçando o multilinguismo, várias linguagens para dentro da sua.

Pucheu, no poema *Love Songs*, presente na obra *para que poetas em tempos de terrorismos?*, nos deixa um gosto do que é esse imediato cotidiano, dentro da manifestação poética que se constrói na imensa abertura diante do que se pode expressar

a poesia fala agora de comer um pacote de biscoito recheado  
de chocolate como uma homenagem póstuma  
a um amigo recém-morto uma hora antes de seu enterro,  
como no livro do Leo, e que a poesia está nos tantos vídeos  
lindos que a Gabriela Capper e outros, inclusive o Víctor,  
estão fazendo, e que a poesia está nos vídeos com poemas  
do Sérgio Nazar lidos por diversos atores seus amigos  
de nossa idade, e que a poesia está nas performances  
de Roberto Corrêa dos Santos com guitarras, aquários, águas,  
roupas pretas, vermelhas, cabelos compridos e gritos  
contemporâneos e primitivos, e que, sem uma coisa  
que o Roberto comentou ontem aqui no Face,  
ao dizer: “Querido meu: um pouco ai daquela literatura  
americana (do norte), um poema da estrada,  
casa, vida, cerveja. Muito lindo, publique”, e que,  
sem isso que ele disse, isso que aqui, nesse exato momento escrevo,  
não teria existido.

O trecho desta poesia traz consigo dois pontos importantes, o primeiro é o da relação, note como o eu-lírico se faz através daqueles que o rodeiam - o amigo morto, o livro de Leo, os vídeos de Gabriela Capper, os vídeo-poemas de Sérgio Nazar, as performances de Roberto Corrêa, aliás, ele afirma que o poema todo só existe por conta de um comentário em sua rede

social *facebook*. O imediatismo aí vai para além da força de sua voz corrida e da influência das redes, mas está no ritmo que o poema estabelece diante da vida, como que uma visita em várias casas, de uma vez só. Tudo como um *acontecimento vivo do discurso*. Ainda que sonhante, errante, errático, o poema vai vivenciando seu autor, dando vida à sua própria existência.

Tratamos bastante da impossibilidade da previsão que atravessa nossos tempos, devo mencionar que o praticamente todo conhecimento produzido pelo Ocidente tem por ambição um sistema que visa previsão. Percebemos que, em matéria de relações culturais, a regra é a impossibilidade de previsões. Não podemos, nesse caso, cair em um pessimismo ou estagnação, “se não podemos prever, pra quê seguir?”. A convicção de Glissant (2005) é que os sistemas de pensamento ou os pensamentos do sistema não possibilitam o contato com o real, não fornecem a dimensão do que acontece nos contatos e conflitos. Nesse caso, a dimensão errática tornou-se a dimensão do mundo, segundo a ciência do caos essa é a dimensão dos sistemas de múltiplas variáveis. Durante muito tempo, a errância de nosso mundo foi uma errância de conquistas, mas as errâncias atuais são diferentes, justamente porque não visam territórios, porém temos cada vez mais errâncias internas. Ou seja: “projeções em direção à totalidade-mundo e retornos sobre si mesma” (pg 113).

O que mantém essas errâncias é “uma espécie de entulho geral” vivenciado como sofrimento. Esse é um dos dados do caos-mundo: o sofrimento em seu entorno é igualmente operante como via e meio de conhecimento do entorno. Consequentemente, o negativo do sofrimento vira constitutivo de identidades. O que constitui o caos-mundo é a própria poética da relação, que permite sublimar os sentimentos de si e do todo. O poeta pode então sonhar as realidades, o esboço que Glissant faz do caos-mundo é justamente um propulsor do sonho. “Sonhar, verdadeiramente, o estado e a situação da literatura, porque acredito, como dizia Henri Pichette, que a literatura só é bela no leito do mundo”.

Glissant, poeta e crítico, matura a ideia de que o mundo estaria prestes (ou deveria estar) a se crioulizar. Poderia ser, portanto, o momento de abandono de certo “espírito humanista” renascentista e iluminista, que colocou em cena uma obstinação pela formação de uma identidade pautada na ideia de exclusão (ou transformação) do diferente. O autor não se exime de fazer críticas absurdamente poéticas, acredito que sua teoria flui em comunicação com as propostas de Pucheu e Assumpção. O último pela sua disposição de nos apresentar “o grito como herança”, tornando possível uma comunicação combativa com todos vocês (nós) “Vocês [que] se apoderam das terras/ Dos rios e dos mares/ Dos campos e das cidades/ Dos costumes e das leis/ Da vida e da morte/ Do céu e do inferno/ De Deus e do Diabo”, “Vocês [que]



se julgam senhores exclusivos de tudo”. Dando passos no processo de crioulização, naquilo que tem em seus entremeios, que é a arte de recuperar os rastros, os resíduos, as palavras e memórias daqueles que foram mais torturados na história de nossa nação. Quem sabe, para adiante dos tempos, não seja possível uma mistura sem diminuições?

Já Pucheu, como Glissant, é um poeta-crítico e nos faz atentar para os paradigmas dessa classificação. Bom, o que não faltam são argumentos tradicionais para se depositar na figura do crítico somente no que tange o julgamento das obras. Ao crítico é dado o poder de decidir, positiva ou negativamente se um livro é literário, se uma pintura é realmente artística, se um escrito é ou não filosófico. Alberto é adepto do que ele mesmo chama de crítica poética ou poesia crítica. segundo o qual o lugar da crítica (estância, cômodo, receptáculo) contém o inapreensível "como o seu bem mais precioso", Pucheu observa as dificuldades da crítica e do ensino literário ao lidarem com a escrita criadora, reduzindo o seu trato ao acúmulo de informações, ao excesso de referências entulhadas, à erudição exacerbada, ao conhecimento demonstrativo, ou a tudo que nega a impossibilidade de acessar e apreender a obra, na qual, "nada existe como tentativa de clarificação de qualquer sentido oculto" (PUCHEU, 2010, p. 80).

Aqui, a crítica assume sua outra acepção: a de crise. Pucheu procura defender uma escrita que seja possível tocar a alma, referindo-se ao que, no diálogo Íon, de Platão, a personagem diz a Sócrates: "Suas palavras tocam-me a alma" (PLATÃO apud PUCHEU, 2007b, p. 11); juntamente a isso, procura defender uma escrita que seja possível afetar o dentro, o coração e os nervos do leitor, trabalhando através da força dos sentidos.

O artista luta por um pensamento teórico que, – seu par –, contíguo a ele, mesmo que criativamente aberto a ele, desde si mesmo, autopoeticamente, se ponha enquanto escrita e pensamento, que o ajude a avançar, que, rivalizando com a literatura e misturando-se a ela, busque antecipar seus movimentos, que invente uma possibilidade de seu futuro. O artista luta por um pensamento teórico que possua as mesmas ousadias que as suas. O artista luta por um pensamento teórico que não apenas requeira o novo, mas que o realize em sua própria prática. O artista luta por um pensamento teórico que leve a arte a um constante movimento de superação. O artista luta por um teórico que lhe seja um amigo e um concorrente, ou seja, o artista, ao invés de lutar contra a crítica, luta mesmo é a seu favor, a favor da liberdade mais radical de sua criação, a favor do ultrapassamento do convencional no qual a escrita crítica ou teórica – como qualquer outra arte – pode se estancar, a favor de sua transformação de subscrita em sobrescrita, a favor não de escrever tão somente sobre, mas de escrever, principalmente, por sobre (Pucheu, pg 167 - apoesia contemporânea)

Alguns, talvez mais conservadores, possam afirmar que assim a crítica perderia seu “foco”, sua primazia. Para isso, o autor argumenta que a austera virtude desse tipo de escrita, não é "encontrar no texto alheio sua suposta nudez de batismo, mas vesti-lo, travesti-lo, mostrando que o mascaramento é o jogo de qualquer escrita" (PUCHEU, 2007, p. 22),

buscando desgarrar-se da violência sofrida pelo texto, a partir de uma liberdade criadora, do uso de um "óleo movediço jogado por sobre a estrada" e do que ele chama de "poética da derrapagem" (PUCHEU, 2007b, p. 22). Nessa defesa, Pucheu recorre a Eduardo Portella<sup>19</sup>, que já havia explicitado o vínculo entre crítica e criação, Portella defende novas dimensões para a crítica literária, valorizando a interdisciplinaridade como consciência a resistir à crítica fechada, cega e parasitária, na medida em que pensar a literatura em tensão com a ciência seja uma entrega num diálogo criador. Em contraste com o caráter da ciência como ciência dos fatos, de consciência metodológica e quantificadora, para este autor: "A reflexão literária é uma reflexão voltada para o setor do estar. Enfatizando o estar, a função criadora se projeta como um ato de liberdade." (PORTELLA, 1981, p. 35). E finaliza: "O fazer da arte é o fazer promotor do Ser."

É preciso deixar claro que, no Brasil de hoje (ano 2021), a precariedade de nosso Estado é mundialmente visível, especialmente durante a pandemia de covid-19. É necessário berrar, mesmo nos trabalhos acadêmicos, até porque a educação no país encolheu drasticamente. Nos dois primeiros anos de Bolsonaro, os investimentos do MEC caíram 47% em relação aos anos de 2015 e 2016 e atingiram seu menor nível histórico. Com a pandemia, o tempo médio de escola do grupo de alunos de 6 a 15 anos em setembro do ano passado foi de 2h22m por dia, muito inferior ao mínimo estabelecido pela Lei de Diretrizes Básicas da Educação (4h). Os grupos com menos horas de escolaridade são os mais pobres e que moram em lugares mais distantes. Assim, a desigualdade no país medida pelo índice Gini, que já era uma das dez maiores do mundo, deve aumentar. As mortes violentas voltaram a crescer entre os jovens entre 2019 e 2020, de 41.730 foi para 43.892. O país está entre os mais violentos do mundo, as nossas florestas estão sendo devastadas, sem contar o avanço do agronegócio. Denúncias de corrupção na compra de vacinas, e por aí vamos... numa infinidade de pontos que sustentam o argumento de estarmos em um período terrível da história brasileira.<sup>20</sup>

Como um dos recursos humanos mais humano possível, trago o sonho para a contribuição dessa comunicação no caos, por que sonhar ainda é um apelo possível, mesmo diante das catástrofes de nossos tempos. O sonho é apelo de esperança para a construção de lutas. O que pode a crítica diante desse terror, senão minimamente o recriar?

---

<sup>19</sup> Foi um crítico baiano, professor, escritor, pesquisador, pensador, advogado e político brasileiro. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. A obra aqui usada foi Fundamento da Investigação Literária, publicada em 81 - na qual o pensador redimensiona a Teoria Literária, seus conceitos e métodos.

<sup>20</sup> Informações presentes em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-brasil-encolhido-por-bolsonaro/> e <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,entenda-as-suspeitas-de-corrupcao-que-envolvem-vacinas-negociadas-pelo-governo-bolsonaro,70003765066>

É sentimentalmente impossível não citar Galeano, com o direito de sonhar, talvez por ser só uma possibilidade de respiro, talvez pela capacidade de nos fazer (ainda) sorrir, promover o Ser, só estando. Estado máximo de sonho é poder ousar o sentir de formas do viver realmente mais humanas.

O texto foi publicado no diário argentino Página 12, em 29 de outubro de 1997, com o título “El derecho de soñar”. Trago um trecho, a fim de comunicar aos que, como quem escreve, padecem do mal estar de nosso tempo:

O direito de sonhar não consta entre os trinta direitos humanos  
que as Nações Unidas proclamaram em fins de 1948.  
Mas se não fosse por ele, e pelas águas que dá de beber,  
os demais direitos morreriam de sede.  
Deliremos, pois, um pouquinho.  
O mundo, que está de pernas pro ar, se colocará sobre seus pés:

Nas ruas, os automóveis serão pisados pelos cachorros.  
O ar estará limpo dos venenos das máquinas,  
e não terá mais contaminação  
do que a que emana dos medos humanos e das humanas paixões.  
As pessoas não serão dirigidas pelo automóvel,  
nem serão programadas pelo computador,  
nem serão compradas pelo super-mercado,  
nem serão assistidas pela televisão.

“Outro Mundo é Possível” - Em 2001, como resultado do movimento alterglobalização, foi realizado o Fórum Social Mundial em Porto Alegre (Brasil). Esse fórum adotou a frase como seu slogan. Foi um grito na escuridão, um gesto que dizia que o que temos é simplesmente inaceitável. Olhando para trás, agora, o slogan é tímido, uma ilustração do grave sentimento de que o pensamento utópico havia sido quase abolido. Na ausência de uma robusta utopia diante de nossa distópica realidade, muitas vezes toma conta a insatisfação. Assim sendo, ocorre a quebra das aspirações e populações se consideram traídas, empurrando o sistema para os braços da extrema-direita. O ódio à imigração e à diferença torna-se um antídoto contra a perda de empregos e a falta de moradia. “Não pare de sonhar” não é um gesto sentimental, mas um ato de necessidade política. É urgente construir pontes entre as instituições acadêmicas e os movimentos, bem como entre os nossos continentes. *Crioulizar*, sem medo de pensar e sonhar com esse outro possível mundo. Afinal, é no resíduo que ele pode ter início e são as literaturas que o anunciarão.

Buscar os meios de resistir através da poesia seja talvez a busca possível para hoje pois, sem muitos devaneios, sobreviver é urgente. A poesia contribui nessa sobrevivência de maneiras que é preciso tatear. Recordo aqui de um texto de Agamben, chamado *o que resta de*

*Auschwitz*, no qual ele discute as ideias em torno do testemunho, da escuta do “não-dito” e isso reverbera como parte essencial da lacuna de testemunhar o que não pode ser testemunhado. Porém, tudo isso significa interrogar as lacunas. As circunstâncias históricas já foram devidamente esclarecidas pelos estudiosos do *Shoah*, mas a língua do testemunho de sobreviventes é o sentir em oposição às classificações de arquivo. Por isso, os poetas, os testemunhos, os protestos, são tão importantes eles “fundam a língua com o que resta, o que sobrevive em ato à possibilidade - ou a impossibilidade de falar”.

Arco-íris

Para Regina di Franca

Nós somos Dons Quixotes

Em cavalos de sonho vamos

Por toda parte da cidade

Semeando palavras como sementes

Dividindo o pão do bem mostrando caminhos

Levando esperanças a quem não tem

Nós somos Dons Quixotes não importa

De sonhadores o mundo tem precisão

A vida será céu quando todos os homens

Trouxeram as estrelas aqui pro chão

(Carlos de Assumpção, Quilombo, p. 57)

Em arco-íris, Assumpção nos ensina o quanto o mundo carece de sonhadores. Ele utiliza a figura de Dom Quixote - cavaleiro errante que, enfeitiçado pelos romances de cavalaria, saí pelo mundo acreditando vivenciar esses tais romances. Há também uma espécie de convocatória aos semeadores de palavras e esperanças. Dividir o pão do bem, mas não só: auxiliar a trazer estrelas aqui para o chão, tornando-o também uma espécie de céu. Penso enquanto escrevo - como pode uma dissertação se querer também sonhante? essa se quer. Pois resistir tem que partir de alguma esperança. Nos próximos momentos, encontros serão tratados, tratar encontros é afirmar que, sem a relação, nenhuma enunciação é possível, nem o sonho.

## Capítulo 2

### ENCONTROS

#### 2.1 Carlos de Assumpção e Alberto Pucheu - caminhos

Por mais que eu pensasse em formas de iniciar esse capítulo, só me pairava na cabeça uma frase (até bem clichê, é verdade!) do poeta brasileiro Vinicius de Moraes, ela está presente no samba da benção, composição realizada com Baden Powell em meados de 67. Eles cantavam que “a vida é arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”, creio que essas palavras precisam aqui constar, pois são os encontros que desenham a grande trama bonita da existência. O processo poético entre Carlos de Assumpção e Alberto Pucheu é mais uma beleza que se formou do cruzamento de caminhos que, apesar de bem distintos, apresentaram uma potente troca.

O início dessa história é recente e fluiu muito bem, infelizmente a pandemia de covid-19 interrompeu alguns de seus frutos, porém vários vingaram lindamente. Em uma mesa realizada pelo inverno cultural da UFSJ (2021), Pucheu dialoga de maneira bem aberta sobre a obra de Assumpção, ele conta detalhes sobre o encontro com “Seu Carlos”. Tudo começa tendo como plano de fundo a revista Cult, agora também editora. Isso aconteceu no meio do ano de 2019, quando Alberto participou, a convite de Deyse Bregantini, de um projeto da cult - a revista antologia poética. A primeira edição recebeu o título de “poemas para ler antes das notícias”, publicado na segunda quinzena de Agosto, com 32 poetas e 7 artistas visuais em uma Antologia Poética que assume seu fazer como uma tentativa de desarmar os poderes constituídos de nosso tempo. Nessa antologia, Pucheu queria pesquisar novos poetas, vozes desse nosso tempo. Ele diz ter tido uma “dificuldade virtuosa” para pesquisar poetas que ele ainda não conhecia.

No dia 02 de junho (Alberto rememora a data exata pelo facebook, rede que ele afirma utilizar como uma espécie de diário público), subitamente ele se depara no youtube com um senhor negro, visivelmente idoso, recitando um poema magnífico. Era Carlos de Assumpção. O poema Protesto. Carlos é também exímio performer, então a apresentação deve ter o tocado bastante. Pucheu relata que pensou “PARA TUDO!” Algo realmente grande está aqui”. Daí pra frente, se esmerou em procurar livros de Assumpção. Não estava nada fácil achar!

“Com ajuda de Marta Resende, acabei por encontrar um deles (livro de Assumpção); depois, vieram os outros. Minha surpresa se deu ainda pelo fato de inúmeros poetas, professores e críticos com quem me relaciono tampouco o

conhecerem. Depois, descobri que ele e seu poema “Protesto” eram conhecidos, sobretudo, pelas pessoas mais velhas participantes do movimento negro e por alguns poetas negros subsequentes. Quem era aquele poeta, de 92 anos, negro, desconhecido por mim e pela grande maioria das pessoas, mesmo das que lidam diretamente com poesia?”

Através do messenger do facebook ele consegue falar com Carlos, eis que três dias depois a resposta veio. Trocaram whatsapp. Aí Pucheu se apaixonou. “Uma lucidez absoluta, ternura, alegria”, assim ele mesmo narra. Imediatamente perguntou se poderia ir à Franca, queria filmar, diz que “tinha de ser agora”. Carlos assentiu. O filme ali começava a brotar. Segundo Pucheu, os filmes que faz são também modos críticos de produção, por vezes até mais eficazes que o ensaio. Ele explica seu intuito em um escrito para a revista cult: “Nesses filmes que tenho feito, meu objetivo é tanto resguardar a memória de poetas, guardá-las em conversa e falando seus poemas, quanto, na medida do possível, intervir em nosso meio de poesia e, se possível, para além dele.”

Alberto Pucheu e Danielle Magalhães (também poeta e, além disso, sua companheira) viajaram então para Franca, interior de SP, lá ficaram por três dias gravando. “Seu Carlos abria a boca e já era uma maravilha!”, o crítico nos conta que participaram também do sarau *protesto*, organizado por Carlos que, na cidade, é uma personalidade e tem um trabalho político muito forte. Quando o sarau finda, “seu Carlos” quer ainda ir para o samba. A idade não é empecilho algum. Eles retornam e, durante um mês, Pucheu editou o filme. Em sua estréia, a película foi projetada na casa de cultura Abdias Nascimento, na sala Carlos de Assumpção, com várias homenagens. “Para a minha surpresa, o filme foi muito bem visto, em escolas, universidade, tudo tão rápido!”

Alberto nos narra que Carlos é uma memória ambulante, sabe de cor vários poemas “mais de 90 anos e tudo isso na cachola!”, ele também conta um pouco sobre figuras importantes na história de Assumpção, como seu avô Cirilo Carroceiro - homem que, apesar de não ter sido alfabetizado, era um grande contador de histórias. Assim como o pai de Carlos, ambos admiráveis fabuladores. O próprio Carlos dizia que ouvir as histórias deles era melhor do que ir ao cinema. A mãe era a única alfabetizada e ensaiava poemas com as crianças na Associação Beneficente 13 de maio, esses poemas eram recitados em festas e etc. O poeta nasceu em Tietê, interior do estado de São Paulo, e nessa cidade concluiu o curso normal. Depois é que passou a residir em Franca, também no interior do estado, onde se formou em Letras, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca, atual Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (UNESP-Franca). Posteriormente cursou direito pela Faculdade de Direito de Franca.

É importante pontuar que o avô frequentava a frente Negra Brasileira, no primeiro quarto do século XX. Carlos ia menino, levado pelo avô. Em 50, Assumpção faz parte da associação cultural do negro e, em 59, protesto é declamado pela primeira vez. O próprio Abdias Nascimento dizia que quando Carlos declamava protesto tudo “pegava fogo”. Há também um panorama nacional exposto por Alberto, ele nos lembra que, nessa mesma data, a poesia concreta estava se criando. Essa prática poética possuía Brasília e sua construção planejada como forte referência. “É impressionante como a instauração da poesia concreta escondeu poetas como Seu Carlos, não só isso: é uma história racista que oculta esse processo. Uma história racista da poesia e das artes em geral.”

Seguindo o fio da contação sobre o encontro dessas duas figuras, Alberto relembra que um jornalista da Folha de São Paulo o chamou para escrever sobre Manoel de Barros. Pucheu disse que já havia falado muito sobre Manoel e preferiria escrever sobre Carlos de Assumpção, escritor nacionalmente pouco conhecido e muito relevante. “A folha topou e bombou!”. Dois dias depois, a companhia das letras liga querendo publicar Carlos e convidando Alberto para organizar. Havia até mais de uma proposta editorial, mas Carlos preferiu a Companhia das Letras. Segundo Pucheu, organizar não foi muito fácil, pois vários poemas que estavam em livros anteriores se repetiam, mas ficou ótimo.

Além de todos esses maravilhosos frutos para ambos e de uma bela amizade, o encontro rendeu dois cursos na graduação sobre Carlos de Assumpção, com excelente recepção dos alunos. A globonews, com o jornalista negro Heraldo Pereira, também quis gravar com Carlos. Na semana que George Floyd foi brutalmente assassinado nos EUA, eles levaram ao ar entradas no jornal das 22 hrs com Carlos e também foi feito um especial de 1 hora. Detalhe que são pouquíssimos os poetas brasileiros que se apresentaram na TV. Alberto mesmo se coloca em cheque afirmando que a crítica, os jornalistas, as instituições premiadoras, os professores, todos demoraram muito para reconhecer esses grandes poetas. No mais, havia até uma peça teatral programada para ocorrer sobre Carlos e também um livro sobre ele, escrito por Pucheu e editado pela Cult. A pandemia chegou e todos os planos vindouros foram remodelados.

Apesar da interrupção, esse encontro marca a vida de ambos e marca também uma potência, a do momento em que a crítica acadêmica e a poesia afro-brasileira se abraçam e produzem excelentes materiais, inclusive históricos. Talvez não seja possível afirmarmos que é o puro encontro entre saber acadêmico e saber popular, mas abre a brecha da esperança de que já não sejam separados. Algumas perguntas podem nortear os próximos passos dessa escrita. Em que medida esse encontro sinaliza um processo de resistência? Já que a ideia de

resistência implica uma luta contra a morte, como os poetas desenvolvem, de diferentes maneiras, essa luta? Outro ponto crucial é a ancestralidade. Na poesia de Carlos ela é firmadora de seus caminhos. Como a academia se abre para esse conhecimento?

Para que todas essas perguntas sejam minimamente deslindadas, é necessário buscar suas facetas, até que possamos mergulhar na maravilhosa poesia desses autores. Em relação aos processos acadêmicos, a construção e legitimação de um campo de saber específico sobre as populações afro-brasileiras foi bastante complexa. A formação da antropologia brasileira nos oferece um horizonte no que tange esse assunto, expondo as duas tradições inaugurais da antropologia. Sendo a primeira os estudos das populações indígenas e a segunda os estudos das populações afro-brasileiras<sup>21</sup>. A tradição dos estudos indígenas, iniciada com a contribuição dos naturalistas estrangeiros, desenvolveu-se principalmente no séc XIX com a realização de expedições científicas que registraram aspectos da vida dos chamados “aborígenes brasileiros”, dando um pontapé na chamada cultura etnográfica<sup>22</sup>. Já a segunda tradição, iniciou-se tardiamente em relação a primeira. Seu principal fundador, Raimundo Nina Rodrigues<sup>23</sup>, só na última década do séc XIX publicou suas investigações, nas quais o negro era visto tanto do ponto de vista racial como de suas expressões religiosas.

Na cronologia das ciências sociais brasileiras, designa-se período “pré-científico” o período anterior à criação das primeiras Universidades no século XIX, quando se teria produzido um conhecimento considerado “ecclético, espontâneo e assistemático”, acumulado por meio de crônicas e relatos de viajantes ou outros observadores sob os mais diversos contextos. O surgimento das Universidades veio junto da necessidade de definir fronteiras, especializações, métodos e objetos.

O negro apareceu inicialmente como elemento “externo” à nacionalidade e

---

<sup>21</sup> De acordo com o professor Vagner Gonçalves da Silva, em texto publicado pela Revista USP/n55/ano 2002. O trabalho reflete sobre o processo de construção e legitimação deste campo do saber acadêmico no qual o negro, mais especificamente sua cultura religiosa, tornou-se importante “objeto” da observação científica.

<sup>22</sup> O termo etnografia designava principalmente a descrição dos povos indígenas, sendo depois ampliado para outras populações. Na comissão científica de exploração criada em 1856 para mapear os recursos naturais, havia, por exemplo, uma sessão de etnografia, para a qual foi designado o poeta Gonçalves Dias, que é registrado como “nosso primeiro etnógrafo oficial” (Corrêa, 1982, p30)

<sup>23</sup> Raimundo Nina Rodrigues atuou num dos principais centros científicos de sua época, a faculdade de medicina da Bahia, ele interessou-se pelo estudo do negro levado a princípio pelo interesse num campo praticamente inexistente no Brasil, o da medicina legal e da antropologia criminal. No período em que escreveu, a sociedade brasileira passava por importantes mudanças decorrentes da Abolição e da Proclamação da República. Os conflitos e inseguranças gerados por essas mudanças valorizavam ainda mais as explicações e pareceres dos cientistas, tidos como portadores de um conhecimento útil para balizar políticas de intervenção social. Assim, Nina Rodrigues empenhou-se inicialmente em interpretar os condicionantes biológicos dos comportamentos tidos como desviantes, interessado em identificar esses desajustes psíquicos entre negros e mestiços. Depois, o médico acabou interessando-se mais pelo universo místico desses grupos, num contexto em que não se pensava que essa religiosidade fosse sequer passível de ser observada seriamente, muito menos pela ciência.



posteriormente como principal obstáculo para o desenvolvimento social do país. As representações sobre o negro eram frequentemente revestidas de características negativas: indolência, agressividade, imoralidade, promiscuidade, exotismo, primitivismo de suas danças e rituais (SILVA, 2002, pg86). Preso na condição de invisibilidade social, o negro apresentava-se às elites intelectuais como uma espécie de ‘mal necessário’ para a formação do País.

No caso da literatura, essa situação modificou-se um pouco apenas quando alguns escritores começaram a tematizar a vida cotidiana de escravos libertos, minimizando a escassez de narrativas sobre esses grupos. No entanto, as representações presentes nas obras românticas, naturalistas e realistas reproduziam estereótipos comuns na sociedade. Durante o romantismo houve pouca referência ao negro em relação a presença marcante do indígena, no realismo e no naturalismo essas referências se acentuam em tom pessimista e de crítica social, como por exemplo: *O mulato* e *O cortiço*, ambas as obras de Aluísio Azevedo e *O bom crioulo*, de Adolfo Caminha. A antropologia biologizante, no fim do séc XIX, ao focar africanos e seus descendentes no Brasil, deu-lhes alguma visibilidade, porém essa visibilidade se fez postulando inferioridades raciais, servindo assim ao racismo das elites envolvidas no projeto científico de desmontar a pretensão de igualdade racial entre os homens.

Enfim, a imagem do negro entrou pra ciência pelas ‘portas dos fundos’ - ao ser objeto da mesma antropologia que a desqualificou, para somente depois ganhar certa posição de ser portador de uma cultura passível de ser minimamente descrita ou *etnografada*. Tudo isso reflete na condição de pesquisa atual e na inserção do negro nessa mesma academia que o estudou, mas só tardiamente se abriu para que ele entrasse. Segundo o estudo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, realizado pelo IBGE<sup>24</sup>, somente no ano de 2018 é que tivemos 50% de alunos pretos ou pardos no ensino superior, resultado de uma política de cotas bem aplicada. No entanto, embora seja um marco para nossas universidades, ainda percebemos que a academia é um local bastante racista de atuação. O que não impede que nasçam dentro dela lindas manifestações e fortes pensamentos de quebra dessas práticas.

Há muitos escritos brasileiros, por vezes desconhecidos da crítica consagrada, que se autoproclamam negros e que produzem uma literatura negra, isto é: afrobrasileira - ressaltando a sua africanidade, as suas origens distantes da ação colonizatória, a sua cultura não pautada nos moldes da cultura dominante. No Brasil, há uma grande procura por parte da

---

<sup>24</sup> mais informações sobre as desigualdades raciais no país em:  
<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/>

população não-branca tanto da sua identidade cultural como da ampliação de seus espaços de ação, numa sociedade ainda deformada por resquícios da mentalidade colonialista e dominadora. Rompendo essas estruturas, há vários artistas que se querem intérpretes e porta-vozes dos anseios, dores e sentimentos da grande maioria anônima de brasileiros com origens africanas.

Uma das principais formas de afirmação cultural por parte dos afro-brasileiros é exercida justamente pela literatura (AUGEL, 97). Carlos de Assumpção é um dos mais antigos poetas brasileiros vivos representantes dessa cultura e usa a palavra com maestria, segurança, ardor e originalidade de expressão, produzindo uma literatura engajada, de imensa força denunciadora, pondo a descoberto o que o discurso de democracia social brasileira quer esconder. Como nos diz Cuti<sup>25</sup>, poeta negro de São Paulo, “é preciso não somente o pão de comer, mas o pão de ser”. Isso não é parte uma postura rebelde ou heroica, mas é um necessário deslocamento e é também parte de vivências íntimas e indeléveis, considerando a importância de rever a história, resgatar o afrobrasileirismo de sua situação de inferiorização, sacudir as ideias e denunciar.

O poeta, ao se proclamar negro e com isso identificar-se, possui postura consciente, assumida e abraça as dificuldades que daí advêm. No momento em que o autor verbaliza sentimentos despertados pelo racismo, ele não só acusa e rejeita uma atitude isolada e individual, mas põe em questão a própria sociedade que está atrás dessa atitude. Assim sendo, a poesia negra desempenha um importante papel questionador no Brasil, assumindo um lugar de contra-força. Os afro-brasileiros mantiveram viva e dinâmica sua ligação com a África, sobretudo através da religião. Lugar de retorno, principalmente às raízes.

Raízes  
Para Aristides Barbosa

Estou de volta pra casa  
Estou de volta a meu lar  
A vida aqui tem sentido  
Aqui é que é meu lugar

Oxum passeia na praça  
Xangô conversa no bar  
Hoje de volta pra casa  
Convivo com os Orixás

Estou de volta pra casa

---

<sup>25</sup> Poeta, dramaturgo, ensaísta, crítico de cultura, militante da causa negra: o paulista Luiz Silva, mais conhecido como Cuti, é um dos maiores intelectuais brasileiros, um dos criadores dos Cadernos Negros e destaque entre as lideranças negras na militância político-cultural e no meio literário. Referência no debate dos conceitos de “Literatura afro-brasileira” e “afrodescendente”, o escritor é autor de obras como Quem tem medo da palavra negro e Literatura negro-brasileira (de ensaios), assim como Negros em contos e Quizila (de contos), e, entre muitas outras, Poemaryprosa, Negroesia e Flash crioulo sobre o sangue e o sonho (na poesia).

Aqui tudo é natural  
Té felicidade é fruto  
Que se consegue alcançar

Enfim reencontro a fonte  
Donde axé jorrando está  
Estou de volta pra casa  
Estou de volta a meu lar  
A vida aqui tem sentido  
Aqui é que é meu lugar  
(...)

Relembro-me que, em sua etimologia latina, o substantivo *religio* possui duas possibilidades de derivação verbal: *relegere ou religare*. Relegere, isto é, “reler, revisitar” que pode ser visto como o ato de reler e interpretar incessantemente os textos de doutrina religiosa ou, quem sabe, como a retomada de uma dimensão (espiritual) da qual a vida terrena tende a afastar os homens. Por outro lado, ganhou também popularidade a tese, provavelmente romântica, que liga o vocábulo religião ao verbo religare, “religar, atar, apertar, ligar bem”. A ideia de que caberia à espiritualidade atar os laços tem lá sua força poética, o que talvez explique o sucesso desta versão.

Independente da origem verbal adotada, é indubitável o largo espectro de pertencimento que está envolto nas práticas religiosas. O milenar conhecimento das antigas civilizações africanas veio trazido pelos escravizados para o “novo mundo” e foi transmitido aos seus descendentes. A herança cultural dos símbolos sagrados e da lembrança coletiva criou um espaço social, mítico e político para o afrobrasileirismo. A preservação do culto, dos antepassados e das divindades integrantes da cosmogonia africana foi e continua a ser elemento essencial para auto identificação dos afro-brasileiros.

É crucial abordarmos a importância da dimensão do espaço para essas práticas religiosas, tanto para indivíduos isolados como para a comunidade. Muniz Sodré (1998) pesquisa sobre a representação do território como uma condição necessária para a formulação da identidade de grupo. Trazendo-nos que os terreiros servem exemplarmente para demonstrar a relevância de uma base territorial para a continuidade cultural dos antigos escravizados e seus descendentes - lá eles podiam, através de um espaço próprio, fugir da pressão exercida pela sociedade colonial, controladora da maioria dos espaços, evitando assim uma total despersonalização. Sodré analisa também a estrutura de um terreiro, que é muito mais do que uma simples construção, mas comporta uma parte externa ampla, a chamada “roça”, que se pode comparar às florestas sagradas africanas, onde crescem as plantas e ervas litúrgicas (necessárias aos vários rituais) e onde estão as árvores dedicadas às deidades diversas.

No seio dos terreiros brasileiros, deu-se uma espécie de condensação simbólica, uma reprodução concentrada do espaço geográfico africano. “No terreiro estão presentes os dois inseparáveis constituintes do universo iorubá: O Orum e o Aiyê: a terra e o céu, na concepção ocidental. Ali se organiza de forma densa e intensa a simbologia da cosmovisão Iorubá” (SODRÉ, 2002). Através do espaço do terreiro, salvaguarda-se a ponte que liga permanentemente passado, presente e futuro.

Nota-se que a África foi (e ainda é) muito necessária para a saúde de seus descendentes na diáspora, simbólica mãe refúgio para o filho abandonado e estigmatizado. Uma África bem diferente da África tenebrosa escrita por Cruz e Souza como uma “ África sugestiva, gemente, criação dolorosa e sanguinolenta de Satãs rebelados, dessa flagelada África, grotesca e triste, melancólica, gênese assombrosa de gemidos, tetricamente fulminada pelo banzo mortal; dessa África dos Suplícios, sobre cuja cabeça nirvanizada pelo desprezo do mundo Deus arrojou toda a peste letal e tenebrosa das maldições eternas!”<sup>26</sup>.

“Eu era livre na África  
não vim aqui porque quis  
de repente precisaram de braços que construíssem o país  
e me arrebatarem para cá preso em corrente [...]

Fui eu (repito e repetirei sempre)  
fui eu quem construiu o que essa nação tem  
não quero saber de coisa alguma  
só sei que ela é minha também”  
(trechos do poema *complexo*, pg 98).

O eu-poético construído por Carlos, nos confirma que a África era também símbolo de liberdade e ele fala diretamente para essa nossa nação que tem vergonha de si mesma, uma nação construída pelos braços dos que aqui sofreram todo tipo de flagelo. “A nação tem vergonha de si mesma/ tem vergonha de si mesma tem vergonha/ tem vergonha de minha presença/ tem vergonha de minha cultura/ tem vergonha de meu sangue que em suas veias circula/ então se volta contra mim maldosamente/ então se volta contra mim me pisa me humilha/ distorce minha história deseja que eu desapareça”(início do poema *complexo*, pg 98)

A literatura negra é uma linhagem literária comumente caracterizada a partir de alguns pressupostos como “conscientização, comunicação em particular com o sentimento dos negros, reencontro da verdadeira imagem, visão do negro sem esteriótipos e a evidência de uma intencional atitude de resistência” (BERNARD, 1987, pg81). Esse último ponto

---

<sup>26</sup> trecho retirado do texto *O emparedado* - presente na íntegra em:  
<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/694-cruz-e-sousa-o-emparedado>

talvez possa ser considerado um dos mais definidores da produção poética de Assumpção, já que em vários momentos de sua obra o assunto é evocado. Sua poesia é indelevelmente marcada pelo engajamento com a afro-brasilidade e a ancestralidade.

A identidade afro-brasileira é também realçada através dos sons, da alegria dos instrumentos de percussão - batuques, tambores, tantãs. “Tenho um tambor/ dentro do peito/ tenho um tambor (...) Tambor que bate/ que bate que bate bate/ que bate que bate/ que evoca bravuras/ dos nossos avós” (trechos de *batuque*, pg 66). “Tambor/ dá asas a nosso grito contido há séculos/ grita/ nada de pequenos lamentos inúteis/ nada de pranto/ grita tambor/ grita” (trechos do poema *tambor*, pg 11). “Ah berimbau berimbau/ meu amigo berimbau” (início do poema *berimbau*, pg 126). Além da alegria que esses batuques trazem, carregam em si também o lamento, lamento que se mistura com imensa esperança de que narrativas mais livres estariam por vir. Há sonidos de lutas atuais e também muitas memórias de África espalhadas por suas poesias, resquícios de um passado feliz, sem degradação, no qual a desordem do tráfico humano ainda não havia os assolado. Apresenta-se também, em suas palavras de fogo, um chamado que ecoa para além da poesia.

Minhas irmãs meus irmãos  
esperam tanto de nós os ancestrais  
principalmente que sejamos dignos  
que sejamos dignos que sejamos dignos  
de tanto sangue derramado  
principalmente que sejamos dignos  
que não nos curvemos  
que não nos entreguemos  
que continuemos a marcha da liberdade  
que ergamos novos quilombos sob o signo do amor  
e da fraternidade  
para que germine  
para que floresça  
para que frutifique cada vez mais  
tanto sacrificio  
tanto sangue derramado

trecho de *Cavalo dos ancestrais* (pg 95)

"Minhas irmãs, meus irmãos/ os ancestrais fazem de mim seu instrumento", assim ele inicia o poema e evoca a herança, sendo a própria voz-instrumento de seus antepassados e convidando para que o compromisso com a afro-brasilidade seja reiterado, se coletivizando num nós que resgata o papel histórico exercido pela forçada diáspora africana no Brasil. São vários os poemas de Assumpção que exercem esse fundamental papel histórico e ancestral “Saibam que minha luta/ está enraizada na luta dos meus avós/ e também saibam que minha luta/ não é só minha/ é luta de todos nós” (*minha luta*, pg 93).

A militância política é cerne da obra *Não pararei de gritar*, porém nem todos os seus

poemas são apenas de contundência política, vários possuem forte tom lírico. A obra do autor não deve ser colocada em apenas uma esfera do dizer (panfletária, por exemplo), já que abrange diversos temas. Irene Sales de Souza (2000) retrata do prefácio da obra *Quilombo* a imensidão do que representam as palavras de Carlos de Assumpção:

Sua obra, sua luta não é vã: seus poemas, seu ser, sua consciência clamam por justiça, denunciam, levam à reflexão, mostram a condição do negro em nossa sociedade. Ora eles são gritos de rebeldia, ora revelam ligeireza e sagacidade, ora evocam orixás, ora denunciam as injustiças, ora ternamente reconhecem a maternidade, amam as mulheres e derramam sobre nós uma chuva de estrelas.

Atrevo-me a trançar nessa teia um pouco sobre a Mãe Stella de Oxóssi, escritora que ocupa a cadeira 33 da academia de letras da Bahia (cadeira outrora ocupada por Castro Alves), ela proferiu um discurso maravilhoso no dia de sua posse na academia, retomando a ideia de *pessoa comprometida* que transpassa o povo iorubá. A ideia consiste em ser um Ser que cumpre a função destinada a ele e se distingue da massa uniforme, portanto reconhecendo-se fora da serialização da tirania absoluta. Em sua fala, ela afirma seu pertencimento à ancestralidade, à comunidade e, sobretudo, ao seu Orixá. A grande senhora sinaliza um caminho de diálogo entre a academia científica e o candomblé, utilizando a metáfora do anel de formatura e da corrente de feitura - elos. Assim ela convida a enveredar em sua geopolítica do conhecimento.

Dentro do elo provável entre mundos de palavras e ações, Alberto Pucheu não hesita em colocar Carlos de Assumpção em meio aos grandes poetas de nossa tradição, do século XX e do cenário contemporâneo, com poemas que se irmanam aos de Carlos Drummond e João Cabral. Possuindo a diferença decisiva de poetizar nossa história a partir do testemunho das vidas submetidas a um negrocídio. O professor Pucheu sinaliza que Assumpção é realmente um homem que protesta. Protesto é palavra que dá nome a um de seus mais importantes poemas, composta por *pro-testari* (de testis, testemunha), simbolizando quem, diante de algum litígio judicial, pode se posicionar. Testemunha é também aquele que experimentou alguma violência e conseguiu escapar da morte. Um sobrevivente. Carlos sobrevive e deixará registro indelével de sua voz, fonte de inspiração e pesquisa, ele tornou-se poeta e segue cantando seus ancestrais. Luta contra a morte histórica de uma parcela importantíssima da sociedade brasileira.

“E nem mesmo a morte terá força/ para me fazer calar”. Os versos finais do poema nos deixam rastros nítidos de um testemunho a ser ouvido enquanto testamento: perdurará mesmo depois do falecimento do corpo. Rememoro o dia da qualificação desta dissertação de

mestrado, tive a honra do próprio Alberto Pucheu participar como convidado. Ele, na ocasião, disse-me que se sentia lisonjeado de ser fermento dessa pesquisa ao lado de Assumpção, porém fica na dúvida sobre ser encaixado no tema “resistência”, já que para ele resistir implicava diretamente na luta contra morte. Ele alegou que, no máximo, insistia.

Depreendi bem suas palavras, porém amiúdo que, apesar de ele não ter lutado contra um sistema que efetivamente o mataria e/ou o elege alvo direto, juntou-se com aqueles que são diretamente considerados matáveis para esse sistema e, contestando/escrevendo/ajudando a sobreviver, tornou-se também um “insistidor” no ato de resistir. Testemunha de todas as atrocidades, não se calou diante delas. Poderia ter seguido na fortuita carreira de poeta-crítico, debruçando-se nas metodologias acadêmicas e só, mas usou desse posto privilegiado para protestar, para incluir, para abraçar. Isso não é também uma forma de lutar contra a morte?

o que sobrou para nós foi a nossa impotência,  
o último reduto de uma força – frágil – crítica –  
que podemos ter, a que pode mostrar  
como poucas outras os poderes estabelecidos  
que nos assolam. enquanto nossos fantasmas  
ainda se fazem, de algum modo, percebidos,  
ao menos por nós mesmos e por um ou outro  
que não fazemos ideia de quem seja,  
seguimos como conseguimos seguir,  
porque também os fantasmas  
que somos, que já buscamos  
algum tipo de pertencimento,  
buscamos, agora, somente o que fazer  
com o quase total despertencimento  
em que nos encontramos no mundo atual.

Essas são as palavras finais do poema homônimo a obra *para que poetas em tempos de terrorismos?* (poema completo em anexo I) Diante delas, um profundo silêncio invade a sala em que escrevo, fito a grande brancura da lauda virtual junto do risquinho que pisca querendo insistir nas próximas letras, como se tudo isso fosse realmente necessário. Deve ser. Talvez seja o máximo exercício de minha própria impotência ou talvez o despertencimento de ser corpo presente no mundo atual. Dois poetas usam os últimos redutos de suas forças para lançar seus gritos brasileiros sobre um Brasil sobrevivente. Temo que a relevância fique tão explícita que possa perder até a poesia. Aliás, nesse poema citado acima, algumas vezes em inglês e francês é repetido: “é guerra!”. Quando pensamos em guerra, parece que é um acontecimento tão distante. No entanto, fica evidente que as guerras não cessaram, elas espreitam e explodem mundo afora o tempo todo, vide o caso mais recente entre Rússia e Ucrânia, mesmo após os destroços de uma pandemia.

it's war, baby, c'est la guerre, mon amour,  
la france est en guerre, america is at war,  
vamos tomar um champanhe com os diretores  
da samarco, da billiton, da vale do rio doce,  
do jornal o globo, comprar todos eles,  
a maioria dos políticos e sair o quanto antes  
com a petrobrax (e com o que mais der)  
debaixo do braço, c'est la guerre, ma cherie,  
it's war, darling, nós, os civilizados,  
declaramos “guerreaux barbares”,  
gozemos então sinistramente com as mortes  
dos outros, somos franceses, somos americanos,  
somos franceses, somos americanos, somos  
franceses, somos nós, somos... que ninguém  
pergunte pela porra disso que nós somos  
porque talvez não sejamos mais porra nenhuma.  
é guerra. é guerra, declara o estado, no mesmo  
impulso colonialista de sempre, é guerra, declaram  
os estados, favorecendo-se irresponsavelmente  
a si mesmos, forjando um laço interessado  
com a opinião pública midiática, quando, no fundo,  
coloca-se, com a mídia, autoritário, entre uma pessoa  
qualquer e outra, entre uma pessoa qualquer  
e a vida e o mundo, entre uma pessoa qualquer  
e si mesma, escondendo-se ali e ali atuando,  
eis a guerra, o espetáculo de hoje, o rompimento  
de todos laços sociais e de intimidade. eis a guerra.

E o que fazem os poetas diante da guerra?

sobrevivemos,  
de algum modo (ainda que não nos matem  
nem nos prendam e que nos deixem ter,  
ao menos a alguns de nós e por outros motivos  
que não a poesia, algum dinheiro para sobreviver),  
sobrevivemos, de algum modo, então, como os índios,  
como os garotos do tráfico, como os homens-bombas,  
como os enlameados, como os mortos  
pelo tráfico, como os mortos pelos homens-bombas,  
como os mortos e desabrigados pelas mineradoras...  
mas nunca como os donos do tráfico, das indústrias  
bélicas, dos estados, dos que levam os homens-bombas  
a se tornarem homens-bombas (afinal,  
ninguém nasce homem-bomba  
como ninguém nasce poeta).  
(pg 26 - *para que poetas em tempos de terrorismos?*”).

Sobreviver é o arremate quando tratamos de resistência pela literatura, pela poesia e através das artes no geral - essas que também se misturam, formando uma rede de relações, nas quais o pensamento é local polimórfico, portanto aberto e poroso aos olhares dos outros. Do Latim *supravivere*, sobreviver é algo como viver além da expectativa, de supra, “acima, além”, mais *vivere*, “viver”. Nesse caso, as palavras são abertura para que se possa existir além da vida individual. Levando em conta o contexto, a palavra constitui um espaço que,



mesmo construindo outros mundos distintos do que chamam “real”, contribui por demais para pensarmos as crises mais complexas de nosso tempo em seu próprio decorrer. Nosso tempo não é só crise, mas ainda é também “tempo de poesia, de poemas escritos em nosso tempo, de poemas que, escritos em nosso tempo, possuem alta relevância para o nosso tempo, resistindo, sentem e pensam o nosso tempo” (PUCHEU, 2017)

A elucubração dos termos torna possível uma aproximação entre o homem comum classe-média e os homens-bombas, destruindo simbolicamente o muro que separa os dois, em uma circunstância na qual todos batalhamos de alguma forma pela sobrevivência. Evidente que, para que isso ocorra, é necessário um esforço do leitor em encarar o texto e a própria política que rege as coisas. Não é difícil perceber, por exemplo acompanhando os trâmites da CPI da covid-19 aqui no Brasil, o esforço de um governo em colocar a necropolítica tão ativa, transparente e assustadora. Os tempos de terrorismos são tempos de luta para todos nós, todos nós que não somos donos de grandes fortunas, todos nós a imensa maioria, todos nós que deveríamos juntar nossos caminhos e esforços para galgar um lugar-comum não só de sobrevivências, mas de vivência digna e ampla. Esse convite começa sim pela palavra, mas não pode parar nela. Apesar de muitas revoluções terem poemas que as cante, a poesia, é bom que se reitere, não busca um poder, não busca um sentido revolucionário, mas coloca diante de nós a inequívoca impotência de todo poder<sup>27</sup>.

Em uma entrevista concedida à Pucheu, Assumpção quando perguntado: “Como o senhor pensa a questão da relação entre a poesia de autoria negra e a poesia de autoria branca?” Ele responde: “Eu só faço poemas com tema negro. Só. Não me aventuro a outras coisas, porque já tem outras pessoas para fazer isso. Eu quero impor minha poesia negra também junto com os brancos. Mas sem descaracterizá-la. É o que eu acho que tem de ser. Tem muitos brancos que gostam, que também se sentem injustiçados. Independentemente de ser uma poesia engajada na literatura negra, consegue atingir também os brancos. O meu objetivo é atingir todo mundo”. Isso é um imenso vigor: poemas atingem, jogam com as lentes de ver o mundo, brincam com a forma como encaramos o entorno. Eles nos provocam a olhar de frente, a abraçar quem poderia ser transformado em terrorista - terrorista todo aquele que é o outro, o outro quem? “o outro, você, quem quer que você seja,/ o outro, mesmo que o outro no meio de nós/ e o outro em cada um de nós. somos todos,/ as pessoas comuns, quaisquer, terroristas” (pg 25, *para que poetas em tempos de terrorismos*).

Julguei interessante transcrever aqui as palavras de Pucheu presentes no fim do posfácio *Carlos de Assumpção, uma história que grita* da obra *Não pararei de gritar*

---

<sup>27</sup> Referência ao poema “da impotência”, de Pucheu. pg 19.

No que diz respeito ao vínculo da poesia de Carlos de Assumpção com a poesia feita hoje no Brasil, eu destacaria como uma espécie de pioneirismo da poesia falada e, portanto, pública, dos múltiplos *slams* provindos das favelas, das comunidades, das quebradas, espalhados pelo país. (...) Há muitos anos, fui à casa de uma amiga trabalhadora rural que havia cursado apenas o primário. Lá, vi dois livros na estante da sala: um de Fernando Pessoa, outro de Drummond. Dei-me conta que, em nossa língua, os dois poetas são, de fato, aqueles que mais falam para todos e qualquer um, da trabalhadora rural ao intelectual, do operário ao artista, da trabalhadora doméstica ao profissional liberal. A poesia de Carlos de Assumpção é das poucas em que o mesmo acontece, funcionando como verdadeiro antídoto para o que hoje vivemos no país. Assumpção é um país que deveria ser o nosso país. Um poeta, uma pessoa, com uma capacidade imensa de gerar admiração e amor em torno de si. Tudo nele é generosidade. Desde que conheci sua poesia, em junho de 2019, colocá-la em evidência pública, inserindo-a ao menos em certo meio da poesia brasileira que não a conhecia - mas querendo também ultrapassar o que chamam “meio da poesia brasileira” -, tornou-se para mim um desejo urgente, quase uma obsessão. Dos seus 92 anos, farto de dor histórica, “sob o peso de tanta dor tanta miséria”, mas pleno de vitalidade para a necessária intervenção política”

Quando dois poetas como Assumpção e Pucheu se encontram, não há motivos para elegermos o melhor ou o mais contundente entre os dois, é possível somente visualizarmos as diferenças e tatearmos os pontos onde ambos convergem, dialogam e recriam possibilidades interpretativas. Por mais que a academia tenha dificuldade histórica em sair de seus portões, quando ela o faz, é gigante a reverberação de suas aberturas, pois trata-se de uma instituição que carrega a capacidade de ser criticada e remodelada, tal qual o pensamento. A provocação é ler a performance que atrela a dimensão metafórica dos discursos com as obrigações éticas referenciais. No caso específico da poesia, o poema graceja com o que é capaz de fazer, isto é: de redobrar o real como metáfora.

## 2.2 A resistência e seus desdobramentos

*a maior parte das pessoas nunca teria visto arte  
se não conhecesse essa palavra*

*(Laura Erber, Os esquilos de Pavlov)*

Elucidar o processo que envolve a palavra resistência aplicada ao campo da literatura é uma missão árdua sem recorrer ao escritor Alfredo Bosi. As obras de Bosi são as que mais longe foram, em grau de profundidade e autoconsciência, na inserção política do discurso crítico aqui no Brasil. O conjunto de estudos presentes no livro *Literatura e Resistência*, publicado em 2002, junto das fortes expectativas de transformação nas estruturas de poder, é incisivo em sua inclinação para um pensamento que contraria despotismos e mostra

indignação perante os avanços e efeitos do capitalismo no século XX. A noção de resistência que aqui abordaremos remete principalmente à obra *O ser e o tempo na poesia*, publicada em 1977 durante a ditadura militar.

O autor apresenta uma reflexão teórica referente aos elementos que, articulando uma contrariedade a forças repressivas de dominação, poderiam ser encontradas em um texto poético. A corporatura política do livro possui como uma das marcas da atualidade a capacidade de situar os problemas da literatura dentro de um quadro amplo e complexo em confronto com a produção cultural em escala industrial. A escrita de Bosi não se restringe à atividade teórico-crítica; em uma das passagens mais fortes, ele registra um depoimento sobre sua atuação na década de 70, quando realizou uma experiência de formação de leitores, junto a trabalhadores de Osasco (SP), abrindo um caminho de aproximação das letras para pessoas cujo sistema acadêmico parecia inacessível.

A elaboração de um resgate de rastros e memórias, referentes a sua experiência individual e o impacto coletivo, aproxima o pesquisador do professor, demonstra também a preocupação em diminuir o espaço que separa a cultura erudita das classes populares. Ele observou uma enorme vontade de saber por parte do grupo com que trabalhou, o que demonstra a formação de competências intelectuais longe do sistema acadêmico. A perspectiva de Bosi, com forte influência de Gramsci, contrária à convencional hierarquia que mantém os intelectuais em um espaço à parte da população em geral. Assim, o autor constata que a consciência possui papel constitutivo e fundamental, já que estar ciente dos conflitos em que a escrita se envolve permite elaborar um olhar crítico voltado para a necessidade de mudanças sociais.

O sentido do termo resistência apela inicialmente a força que resiste a outra força, exterior ao sujeito. O verbo resistir aponta para opor a força própria a força alheia. O cognato mais próximo é insistir (rememorando aqui o que alega fazer o poeta Pucheu). Já o antônimo mais familiar seria desistir. O testemunho de artistas diz, no geral, que a arte não é uma atividade que nasce unicamente da força de vontade, essa vem até depois. A arte viria primeiramente com as potências do conhecimento: intuição, percepção, memória, imaginação. ‘Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético’ (BOSI, 96). Para deixar claro o sentido dessa afirmação, é necessário compreendermos que Bosi recorre às partições propostas por Benedetto Croce que separam momentos cognitivos (intuição/arte) de momentos práticos (vontade/ética/política).

Nesse harmonioso universo filosófico, a intuição é o fundamento da arte, portanto suas imagens não precisam passar pelo teste de verificação da realidade. Já a razão possui

enfrentamento necessário com a realidade, o que lhe permite fundamentar as ciências e a filosofia. Em nível abstrato e com as coisas postas desta maneira dual, subentende-se que não deveríamos fundir conceitos próprios da arte e conceitos da ética e da política. No entanto, não é exatamente assim que as coisas acontecem. Essa distinção não ocorre em expressões muito utilizadas como “poesia de resistência” e “narrativa de resistência”. Assumpção e Pucheu são exemplos que misturam intuição, razão, arte e política. Existe uma totalidade vigente em obras de arte, nas quais processos compartimentados não possuem protagonismo algum.

A palavra faz parte do tecido vivo de qualquer cultura, portanto o narrador explora forças catalisadoras da vida em sociedade, gerando resultados incríveis na aglomeração de sentidos das esferas éticas e estéticas. Há vários momentos coletivos em que o afã revolucionário polariza e comove tanto as “pessoas de ação” quanto as criadoras de narrativas, há também momentos longos cuja descontinuidade da vida social prevalece sobre o desejo de reunir. A diferença entre tempos de aceleração da luta social e tempos lentos de aparente estagnação política ajuda-nos a compreender a resistência e seus meandros. O termo *resistência* e suas aproximações com *cultura*, *arte*, *narrativa* foram pensados no período que ocorre na Europa, aproximadamente entre 1930 e 1950, quando vários intelectuais se engajaram no combate ao fascismo, ao nazismo e às suas formas aparentadas (franquismo/salazarismo) (BOSI, 96) fazendo nascer obras notáveis.

Aqui no Brasil, a *Rosa do Povo* (45) é um excelente exemplo da literatura de resistência, já que alguns de seus poemas representam ponto alto de nossa literatura de luta. A resistência ético-política buscava traduzir-se em uma resistência no plano das narrativas, para além de o tema resistência se inserir em uma cultura militante, as opções de cada escritor também se destacam como uma resistência à ideologia dominante. Ou seja, a tensão eu/mundo se exprime mediante uma perspectiva crítica presente na escrita, o que a torna não só uma variante literária da rotina social, mas o seu avesso. “O escritor “imitaria” a vida talvez, mas qual vida? Aquela cujo senso dramático escapa a homens e mulheres entorpecidos ou automatizados por seus hábitos cotidianos” (BOSI, 96). A vida na escrita funciona como objeto de busca e construção, não como encadeamento de tempos vazios.

A poesia é uma forma da cultura que está além da teoria, o que não significa que ela não possua em si as suas verdades, suas morais. Sobretudo, seus modos simbólicos de expressar ou revelar os preconceitos e os estereótipos. A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que irradia sobre as amarras do sujeito em seu contexto existencial,

“momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições” (BOSI, 201

A narrativa lírica, no caso a poesia, quando atinge certo grau de profundidade e intensidade, sobreleva-se a percepção cotidiana e libera a voz de tudo quanto ficou abafado por ela. Nesse sentido, o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser lugar da verdade mais severa.

enquanto fantasmas desossados,  
descarnados, desfigurados,  
que berram na tentativa de evitar  
a morte e de evitar, a todo custo,  
a morte em vida. Berramos em vão.  
Não assustamos mais ninguém  
com nossos berros. São eles, antes,  
os inassustáveis, que nos assustam.  
A cada momento, tentamos aprender  
a fazer, fantasmaticamente,  
o improvável luto de nossas  
mortes, o que, quando conseguimos,  
é tão somente de um modo  
individual, jamais coletivamente.  
Nunca aprendemos a fazer  
o luto coletivo do que matou  
e torturou muitos de nós, nunca  
aprendemos a fazer a luta coletiva  
contra nossa história de horror,  
que permanece torturando e matando.  
Os torturadores e assassinos  
estão vivos, viveram em família  
sem ser incomodados, falam  
em nome da família e de deus,  
viraram nomes de ruas, pontes,  
cidades até se alçarem, de novo,  
ao posto da presidência e da vice-  
presidência da república  
e, dessa vez, com o amplo apoio  
do fascismo que há nas pessoas,  
forjado por propagandas enganosas  
da grande mídia, por fake news  
compradas pelas grandes empresas  
de outras grandes empresas  
que governam o mundo,  
os países e as pessoas.  
Se, a cada vez que alguém grita  
“não passarão”, eles já passaram  
e continuam passando com força,  
cada vez, desmesuradamente  
maior, como alguns de nós ainda  
perguntamos “como resistir?”,  
“como resistir hoje?”.

(PUCHEU, trecho do *poema para catástrofe de nossos tempos*. In: *vidas rasteiras*, pg 96)

Noto que a figura do fantasma é bastante presente na poesia de Pucheu, essas fantasmagóricas figuras líricas que ainda gritam na tentativa de evitar a morte. No poema citado, elas já não assombram mais ninguém, ao contrário elas são assustadas pela realidade, pelos “inasustáveis”. Tratar de fantasmas é tratar da morte diretamente, em um tempo pandêmico como o que atravessamos a morte tornou-se figura comum. Esses nossos mortos que não velamos senão individualmente, uma vez que a coletividade fica cada vez mais distante, e talvez ela nunca tenha estado realmente próxima, já que não aprendemos a encarar nem as mortes brutais de guerras e ditaduras. A marca nítida de que fechamos os olhos e tapamos os ouvidos para esses gritos é a eleição da chapa repleta de torturadores que atualmente ocupa o cargo mais alto da nação, ocupa em nome de um deus, da família e da pátria. Entidades tão distantes da realidade do povo brasileiro, mas tão mencionadas.

O conceito de fantasmagoria na obra Benjaminiana, por exemplo, está ligada a aparição de *imagens-phantasmas* que, sendo percebidas, não estão presentes. Ou seja: são representativas e produzidas pela sociedade, porém essa mesma sociedade não as encara como fruto de sua imaginação, o que quer dizer que elas representam a si mesmas, mas tomam um caráter de coisa que seja independente da vontade, do pensamento e da produção cultural. Ele utiliza dessa abstração para decifrar o imaginário capitalista consolidado em determinados espaços urbanos, como as exposições universais e os centros comerciais, nos quais as pessoas admiram e adquirem bens produzidos pela época industrial. Procurando em dicionários, encontrei muitas variações da ideia de ilusão tratando-se do termo fantasmagoria. O fim do trecho do poema acima descrito nos coloca diante de um impasse: como resistir hoje? Talvez essa pergunta faça referência direta a como não morrer hoje, ao menos não totalmente, ao menos tendo e passando a ilusão do que é vivo.

Para que possamos pensar como resistir hoje, é necessário organizar os traços da resistência. Segundo Rancière, na comunicação *será que a obra de arte resiste a alguma coisa?* (2007), o sucesso da palavra *resistência* depende de duas propriedades. Em parte, do potencial homonímico da palavra, o que permite construir uma analogia entre “a resistência passiva da pedra e a oposição ativa dos homens”. Por outra parte, há a conotação positiva que o termo conservou em meio a tantas palavras que, ele crê, caíram em desuso, tais como: revolução e revolta. A homonímia léxica mencionada seria uma ambivalência prática, ou seja: resistir é assumir a postura de quem se opõe à ordem das coisas, porém podendo rejeitar ao mesmo tempo o risco de subverter essa ordem. Como então transformar a analogia dessas *resistências* em dinâmica? Ele utiliza essa bela passagem de Deleuze para destrinchar esse nó

O escritor torce a linguagem, fã-la vibrar, abraça-a, fende-a, para arrancar o percepto das percepções, o afeto das afecções, a sensação da opinião —visando, esperamos, esse povo que ainda não existe. (...) ...é a tarefa de toda arte: e a pintura, a música não arrancam menos das cores e dos sons acordes novos, paisagens plásticas ou melódicas, personagens rítmicos, que os elevam até o canto da terra e o grito dos homens - o que constitui o tom, a saúde, o devir, um bloco visual e sonoro. Um monumento não comemora, não celebra algo que se passou, mas transmite para o futuro as sensações persistentes que encarnam o acontecimento: o sofrimento sempre renovado dos homens, seu protesto recriado, sua luta sempre retomada. Tudo seria vão porque o sofrimento é eterno, e as revoluções não sobrevivem à sua vitória? Mas o sucesso de uma revolução só reside nela mesma, precisamente nas vibrações, nos enlaces, nas aberturas que deu aos homens no momento em que se fazia, e que compõem em si um monumento sempre em devir, como esses túmulos aos quais cada novo viajante acrescenta uma pedra. " (O que é a filosofia?, Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz, São Paulo: ed. 34, 1992, pp. 228-229 /Q.PH ?, p.167)

Presumivelmente a metáfora é uma força presente no trecho, ela se manifesta em sua função plena: não apenas como ornamento da linguagem, mas como passagem, travessia e até sopro vital. Para ir da vibração extraída pelo artista à vibração revolucionária, é preciso um monumento que faça dos blocos de vibração uma linguagem “endereçoada ao futuro”. A analogia trabalhada pelo autor a partir dessas palavras é que os homens lutam, sofrem, protestam e o artista torce e enlaça a linguagem, eleva a percepção artística e o afã revolucionário. Nesse caso, o artista trabalha vislumbrando um fim que não pode realizar por si mesmo, este trabalho se apresenta como o preenchimento do fosso que separa o artístico do revolucionário.

A partir de Rancière, a apresentação da passagem demonstra “o trabalho da arte não é somente em vista de um povo. O povo pertence à própria definição de resistência da arte”, ainda segundo suas palavras “a resistência da obra não é o socorro que a arte presta à política. Ela não é imitação ou antecipação da política pela arte, mas propriamente a identidade de ambas”, uma vez que a *arte é política*. A resistência da arte define uma política própria que se declara apta a promover uma união não pelas formas da lei, mas por laços de experiência vivida.

O autor aponta ainda que há um destino ambíguo que acompanha o projeto de uma arte tornada resistência ou forma de metapolítica: a ideia de uma arte que acompanha os dominados ou subjugados e promete uma liberdade e uma igualdade por vir, na medida que afirma sua resistência ao comprometimento com o militantismo político. No entanto, como bem resumiu Adorno, a *função social da arte é não ter função*. Nesta concepção Rancière emenda que a “a arte não resiste unicamente pelo fato de assegurar sua distância; Resiste porque seu próprio enclausuramento se declara insuportável, porque ela é lugar de

contradição inultrapassável” (2007, pg 10).

Falar de resistir é tocar nas contradições que isso implica, já que aqui tratamos de compreender a inscrição política do sujeito no social pela língua, lembrando que o gesto de análise é o que nos move na prática discursiva. A resistência cotidiana implica em “poder dizer”, isso enfatiza a existência de uma hierarquia dentro mesmo do discurso. No entanto, a ideia de uma ideologia dominada e uma ideologia dominante não são só pólos opostos, mas se constroem entremeadas de acordo com o sujeito diante dos sentidos. Toda essa relação é simbólica e, portanto, é simbolicamente que esse sujeito resiste ou chega a outras práticas discursivas.

#### Resistência

tocai tambores tocai  
não tenho mais medo da morte  
sei que não vou desaparecer  
tocai tambores tocai

em toda parte  
muitas mãos de ébano  
estão tecendo o destino da raça

sei que não vou desaparecer  
não tenho mais medo da morte  
não tenho mais medo de nada  
tocai tambores tocai  
tocai tambores da alvorada

(ASSUMPÇÃO, pg34)

Utilizando linguagem simples e direta, o poeta expõe o que é resistir de forma simbólica alcançando outras práticas discursivas. Os tambores são instrumentos de sua palavra que, sem precisar grandes erudismos, toca o dentro de quem lê. A repetição da palavra *tocai* soa como um batuque no texto, na senticência daquilo que se diz manda *tocar* qualquer amedrontamento para longe. O medo da morte que o eu-lírico não mais possui se liga diretamente à certeza que a dimensão simbólica de seu grito ecoa em outras bocas, em outros instrumentos, em outras mãos. A alvorada não se faz com um só pássaro, aí estão muitos cantares que desejam fazê-la.

A realização deste amanhecer-processo não é possível sem a dimensão da palavra e do *tocar* o outro. Poder dizer não é tudo quando se fala em mudanças sociais, mas é um grande passo na hierarquia da regência de fala - que implica também em uma relação do ouvir. Para que se diga, há de se ter a quem falar. Ouçamos. Ouçamos as palavras de quem se faz noite brilhosa.



Autorretrato  
eu sou a noite  
sem destino  
esbofetada pelo vento  
nesta selva branca

noite  
que procura caminho  
como o faminto  
procura o pão

noite  
que conserva  
orgulhosamente

a despeito de tudo  
um punhado de estrelas  
em cada mão

A resistência assume diversas vozes nas palavras de ‘seu Carlos’, não só enquanto grito, protesto, mas também no singelo brilho de estrelas-esperanças. Ser a noite implica em conseguir ver o brilho das pequenezas que, durante o dia, são invisíveis. A esperança não é vista, nestas linhas, como simples palavra substantiva, mas utilizo a visão freiriana para reiterar o verbo "esperançar", que é uma disruptura com a paralisação, a busca incessante pela possibilidade de se (re)criar essa potência esperançosa. Mesmo quando os ouvidos parecem ter paredes, seguir berrando, na tentativa de derrubar esses concretos e fazer ouvir as vozes vaga-lumes que anunciam dores, alegrias e até, quem sabe, um tempo repleto de axé porvir.

### **2.3 Um abraço poético no tronco político**

*Nossa penúria democrática é sentida no corpo.  
Um corpo de outros sob o corpo do mesmo.  
(Piero Eyben)*

Quando a epígrafe anuncia esse subcapítulo, tenho receios de estar por demais aterrada na economia do corpo e, mesmo sabendo que o corpo não é fixo ou estático, há toda uma política cultural que faz do corpo uma realidade inerte, especialmente tratando-se de raça. O corpo de fato importa no fosso democrático que nos encontramos, mas não desejo olvidar-me que há também a mente, e ambos são inseridos em movimentos. Enfim, o termo política, oriundo dos gregos e toda pomposa pólis, possui seu significado pra lá de destrinchado - seja

como atividade desempenhada por cidadãos quando estes exercem seus direitos em assuntos públicos através da opinião e/ou voto, seja como processo de poderio no Estado. O seu encontro com a poesia não é também novidade alguma: os poetas escrevem sobre toda sorte de assunto e há muita política envolvida na poesia. Não obstante, é comum escutarmos que determinado autor é bom, apesar de sua ‘fase militante’, como se a poesia devesse ocupar-se de assuntos mais íntimos e jamais sujar-se com as capas de jornais. Eis aí uma virada na forma como o contemporâneo se apropria das poéticas enlaçadas com a política. Ouçamos o poeta Tarso de Melo, em artigo escrito para a companhia das letras<sup>28</sup>

Trate ou não de política, enfrente ou não as políticas do cotidiano, é nessa chave que todo poema será lido. Não apenas cada poema. Os livros, em seu conjunto, já são objeto de um primeiro debate de natureza política: qual o perfil da editora que lançou o livro? Ela é artesanal, comercial, independente? O catálogo da editora é machista, sexista, feminista, racista? Quem bancou o livro? O edital é do prefeito de direita? Tem a chancela do governo elitista? Está legitimando o golpe?

Se escapar dessa primeira camada de questões, começa então a avaliação do perfil do autor e do conteúdo do livro: a partir de que lugar ele ou ela fala? Qual sua identificação com os temas que se destacam em seus poemas? Há comportamentos públicos ou privados do poeta que desabonem as virtudes que, de alguma maneira, sua poesia exalta?

As palavras soam hiperbólicas, mas não são. Acompanhar a cena da poesia contemporânea é suficiente para perceber que esse crivo marca nossa produção. Trazendo uma força tal qual (ou talvez até maior) a dos versos de assuntos sentimentais, o poema acolhe vigorosamente os tensionamentos políticos vida afora. Podemos inclusive encontrá-los em toda nossa história: palavras que se rebelam, engajam, insubordinam, resistem, atacam, defendem, denunciam.

Como novidade de nossa época, arrisco dizer, talvez venham as formas que os poetas têm inventado de fundir essas dimensões, mostrando como os desarranjos públicos corrompem sua “intimidade” e, na contramão, exigindo que na arena pública haja espaço para sua voz mais íntima, para tudo aquilo que até então era obrigado a esconder (MELO, 2017)

O poema, enquanto forma constantemente a fazer-se, leva intensamente a palavra até a arena pública, colocando em xeque diversos temas políticos que nos açoitam. A notícia é transformada em poema, a poesia se ocupa das capas de jornais, a poesia escreve a intimidade das mazelas, a poesia é testemunha.

Alberto Pucheu publicou, em Outubro de 2020, a obra *vidas rasteiras*, a maioria dos poemas ali se mescla com o fazer político de nosso tempo. Conferindo à poesia papel não de

---

<sup>28</sup> <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Poeticas-do-politico-politicas-da-poesia>, último acesso em junho 2022

testemunha como acima mencionei, mas em melhores palavras de *guardiã das testemunhas* e “não se trata de modo algum de fazer com que a poesia testemunhe pela testemunha, mas que ela possa guardar testemunhos que foram dolorosamente prestados” (pg 104)

Em seu escrito *poema para a catástrofe de nossos tempos* (um imenso poema que vai da página 95 até a 180), o poeta utiliza várias vozes para desenhar uma imagem dessa catástrofe política contemporânea, falando diretamente ao receptor.

“para quem não sabe/ para quem não viu, não leu, não ouviu/ para quem não quer saber/ para quem não quer ler/ para quem não quer ouvir/ para quem está surdo/ para quem não quer cheirar o que está fortemente pelo ar” (pg 103)

Ele utiliza, na íntegra, um famoso discurso do presidente da república acerca da pandemia de covid-19 que matou (e segue matando) milhares de Brasileiros. Bolsonaro inicia a fala afirmando “o que vi até o momento é que outras gripes mataram mais do que essa”. Deixando o evidente recado de descaso total com a saúde do povo brasileiro, elipticamente em especial daqueles que não podem arcar com planos de saúde particulares. Por lá, em completo paradoxo, encontramos também o dizer testemunhal de Eny Moreira, advogada que sofreu com os horrores da ditadura militar. Logo no início do *poema para a catástrofe de nossos tempos*, a voz de um eu-poético que afirma constantemente que “amanhã não será um dia melhor do que hoje, que não é um dia melhor do que ontem”, essa frase recomeça diversos versos do poema. Reiterando, nas formas do texto, que o presente e o futuro não estão em perspectivas evolutivas. O poema denuncia e não se exime de falar do agora. O horror do agora.

o certo é que, apesar de necessário, não é fácil responder a esse momento avassalador, em que conspiram para nos calar, o certo é que é preciso que, mesmo com um quinto da população do mundo em quarentena, ou seja, com algo em torno de 1,7 bilhão de pessoas em isolamento onde podem estar, não nos calemos, mesmo que tenhamos de berrar pelas janelas, mesmo que, lentos, tenhamos de pedir várias ajudar para conseguir falar (trecho VI do *poema para a catástrofe de nossos tempos*, pg 132)

No caso de Carlos Assumpção, os poemas são grandes guardiões do testemunho dos afro-brasileiros, seus escritos-gritos se amarram completamente ao processo político desta nação, uma nação que convive dia a dia com as desigualdades do racismo e vê muitos de seus filhos sofrerem injustiças por conta da cor. Nesse ponto, é impossível não falar do corpo, pois são corpos e sentires que penam ainda com essas assombrosas dores. Quando a teoria crítica da cultura desafiou todos nós a ultrapassar as barreiras criadas pela diferença racial, de gênero, de classe, sexual e/ou religiosa, pareceu que alcançaríamos um local onde as

diferenças poderiam ser compreendidas e acolhidas, onde todos procuraríamos aprender com o “outro”, quem quer que ele fosse. Toda essa teoria a respeito de cruzar fronteiras, de encontrar um modo de “pegar um pouquinho do outro”, não alterou fundamentalmente a natureza da cultura de dominação. Nossa teoria é muito mais progressista e inclusiva em sua visão do que nossas práticas cotidianas

Crime

de repente  
duma viatura  
saltaram sobre mim  
vários policiais

com cassetetes revólveres  
metralhadoras em punho  
e com ódio  
no olhar

me cercaram de repente  
no meio da calçada  
num círculo de terror

não me pedem documentos  
não me perguntam nada  
basta a minha cor

São muitas as notícias que possuem como mote a violência policial deliberada contra os pretos nesse país, porém são poucas as literaturas que a abordam tão diretamente. Aqui em Minas Gerais, pessoas negras têm quatro vezes mais chances de sofrer violência policial do que as brancas durante abordagens, segundo um estudo realizado pela Fundação João Pinheiro em parceria com o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG)<sup>29</sup>. Em termos nacionais, um levantamento feito pela Rede de Observatórios da Segurança (ROS) revelou que a polícia mata uma pessoa negra a cada quatro horas em ao menos 6 estados brasileiros: Bahia, Ceará, Piauí, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Foram 2.653 mortes com registro racial ocorridas em 2020, das quais 82,7% tiveram como vítima pretos ou pardos.

Os números compõem o cenário do racismo estrutural no Brasil, onde pretos e pardos têm 2,6 vezes mais chances de ser assassinados, representam 2/3 de todos os encarcerados e apresentam expectativa de vida três anos menor do que brancos. Eis acima um poema que descreve uma cena comum, recheada de angústia nas palavras transparentes de ‘seu Carlos’.

---

<sup>29</sup> Informação presente em <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/11/20/negros-tem-4-vezes-mais-chance-de-sofrer-violencia-policial-do-que-brancos-nas-abordagens.ghtml>

A violência policial é uma realidade velada entre os brasileiros que, aos poucos e após muitas lutas, estão se tornando escancaradas para toda nação.

São diversos os exemplos nos últimos anos: Rodrigo Alexandre da Silva Serrano, 26 anos, morador da favela chapéu mangueira (RJ, 2018), desceu a ladeira para esperar a mulher e os filhos com um guarda-chuva preto, um celular, um “canguru” (aquela espécie de suporte para carregar crianças) e as chaves de casa. Foi morto por três disparos. Policiais da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) da comunidade atiraram no homem porque “confundiram” seu guarda-chuva com um fuzil e o canguru com um colete à prova de balas. Doze militares dispararam contra o carro de uma família que se locomovia para um chá de um bebê, causando a morte do músico Evaldo Rosa e do catador de material reciclado Luciano Macedo, ferido enquanto tentava ajudar a família em Guadalupe, no Rio de Janeiro (2019). O caso de Genivaldo de Jesus Santos, sufocado até a morte por policiais no porta-mala de um carro da polícia rodoviária federal, em Umbaúba, Sergipe (2022). Eu viraria páginas dessa pesquisa somente preenchendo-as com notícias assim, cujo ponto em comum são: pessoas pretas inocentes mortas pela polícia. O título do poema *crime* soa como uma contestação - afinal, qual o crime? ter nascido com a pele cor da noite?

Preto sobre preto

*para o adolescente, cujo nome não foi divulgado,  
amarrado, com tranca de bicicleta,  
no poste no Flamengo no dia 3/2/2014*

trancar preto no poste pode,  
só pode preto  
no poste,  
pôr preto no poste  
pode, só pode preto  
postado no poste  
pode, pode  
preto sobre preto,  
pode podre sobre podre,  
pode preto sobre podre,  
pode podre sobre preto,  
pode preto postado  
no piche, pode,  
pode preto tostado  
no piche preto  
postado, isso pode,  
como preto sobre preto  
também pode,  
e também pode  
preto sobre podre,  
e também podre  
sobre preto pode,  
como pode preto,  
preto sobre preto

(PUCHEU, pg 122, *para que poetas em tempos de terrorismos?*)

*Preto sobre preto* se faz poema que preserva a notícia e a aprofunda no jogo das palavras. Suas sonoridades estão amarradas, como se estivéssemos a ouvir apenas o batucar forte dos termos significantes: preto/poste/podre/pode/postado/piche. Soa como um poema sensação, e dá asco ao ato. Através desses recursos, a linguagem penetra o acontecimento e costura-o em nós.

Diante do panorama aí descrito, falar sobre democracia é indispensável. Trata-se de um significante poderoso, palavra que amontoa um número crescente de possibilidades, perpassando a ostensiva eleição pelo povo até o bojo da igualdade de parceiros no amor. Na prática, a democracia é um emaranhado de complexidades e fenômenos sociais importantes ocorrendo uns sobre os outros. A própria palavra "democracia" vem de um insulto daqueles que abominavam o domínio da multidão na Grécia Antiga<sup>30</sup>; uma espécie de *empenho insolente* dos pobres em *invadir* o espaço de seus "superiores" e poder participar das decisões comuns. Esse ranço da elite acaba alimentando o ódio propagado por alguns, mas isso não é novidade, na verdade o ódio à democracia é tão antigo quanto é a própria noção de democracia. Discutir o termo importa, uma vez que "se as palavras servem para confundir as coisas, é porque a batalha a respeito das palavras é indissociável da batalha a respeito das coisas" (RANCIÈRE p. 117).

A expansão das discussões sobre democracia incomoda, daí uma raiva que domina nossa política, tal qual não se via desde a ditadura militar. Presenciamos a condenação das medidas que favorecem os mais pobres, estas foram acusadas de populistas e demagógicas. É preciso explicitar o fato de que a agressividade se avoluma à medida que o sistema democrático se constrói. Rancière lembra que a democracia não é um Estado acabado nem um estado acabado das coisas; ela vive constante e conflitiva expansão. A ideia de separação social continua presente e fortalecida, sendo a construção democrática um exercício permanente.

Por exemplo, na Europa, onde o sistema é vigente há mais tempo, os intelectuais se batem há anos por conta das contradições das demandas de um conjunto de indivíduos representantes das minorias e não da maioria uniforme, para o desespero das hegemônicas oligarquias. Sendo assim, essa democracia foi e ainda é vociferada por excessiva ou mesquinha. Trocado em miúdos vivemos em "Estados de direito oligárquicos" (p. 94), onde

---

<sup>30</sup> Informação presente em RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. tradução Mariana Echalar. 1ª ed. São Paulo: Boitempo. 2014. Pg 8.

poder político/estatal e poder econômico apropriam-se da coisa pública numa sólida aliança, limitando o alcance do reconhecimento da soberania popular. Nesse sentido, o “povo soberano” se torna uma espécie de ficção que serve para legitimar práticas políticas de constituição da casta de “representantes do povo” que confiscam o poder com base na legitimidade democrática.

Tratando-se de um país como o Brasil, onde a democracia é jovem e o poderio é privilégio de alguns desde o nascimento, sobram grosserias e fúrias sobre pobres, lgbtqia +, pretos, mulheres e "comunistas". A repulsa atinge fisicamente e também usa de todos os disfarces - como quando um candidato atribui resultado adverso à burrice coletiva dos menos instruídos. A democracia caracteriza-se então por uma ruptura com a ordem da filiação e é justamente essa ruptura que dá lugar à política. Em outras palavras, “para que haja política, é necessário um título de exceção, um título que se acrescente àqueles pelos quais as sociedades pequenas e grandes são ‘normalmente’ regidas e que, em última análise, reduzem-se ao nascimento e à riqueza” (RANCIÈRE, 2014, p. 65).

#### Poema verídico

Em rostos de cal  
olhos impassíveis  
frios como punhais  
à minha frente me dizem não

se eu gritasse se eu gritasse  
se eu gritasse que os meus ais  
se eu gritasse que o meu pranto  
se eu gritasse que o meu sangue  
as marcas do meu trabalho  
meu amor incomparável  
estão em todas as partes  
em toda argamassa da pátria  
que adiantaria gritar

se eu gritasse se eu gritasse  
que este país é "a maior  
democracia racial  
do mundo" como muita gente  
faz questão de proclamar  
que adiantaria gritar

se eu gritasse se eu gritasse  
que existe em nosso código penal  
uma lei (aqui entre nós ineficaz)  
que pune a discriminação  
de raça ou de cor  
que adiantaria gritar

se eu gritasse se eu gritasse  
que tem a nação para comigo

uma dívida de quatro séculos  
de quatro séculos de sacrifício  
que precisa ser saldada  
que adiantaria gritar

se eu gritasse se eu gritasse  
que somos feitos do mesmo barro  
que somos filhos do mesmo pai  
que adiantaria gritar

estes olhos claros  
impassíveis  
frios como punhais  
continuariam me dizendo não

(ASSUMPÇÃO, pg 27 - não pararei de gritar)

O poema acima, como o título já evidencia, é um poema genuíno, incontestável. Ele expõe, diante dos muitos olhos impassíveis, a situação real de negação em diversas esferas: seja na execução do código penal, na dívida histórica de séculos a ser saldada ou na ocupação dos espaços que foram construídos por mãos pretas. A negação, no texto, vem de alguns humanos bem delimitados: os alguéns de rosto de cal e olhos claros. Evidenciando a supremacia branca que ainda impera no éthos da nação. O eu-poético brada “se eu gritasse”, “de que adiantaria gritar?”. A igualdade da carne e do osso nunca foi sinônimo de igualdade social e, ainda que a efetividade do grito seja questionada, não parar de gritar é determinante.

O não-diálogo é escancarado sobretudo por indivíduos que costumam observar o espaço público como sua propriedade. Assim sendo, o processo de discussão democrática amplia a luta contra a privatização da esfera pública e da própria hierarquia do discurso. Importante ressaltar que a poética mencionada nesta pesquisa não é panfletária, sendo uma manifestação do pensamento crítico sobre o nosso tempo e que certamente se firma para além dele. A abertura da proposta reflexiva é crucial para a academia, local onde podemos encarar com alegria os abraços que se dão na teoria e na prática dela.

Samba acadêmico de uma nota só  
(preparando-me para o carnaval)

se você for benjaminiano  
talvez seja mais fácil falar  
dos poetas e dos escritores  
de quem benjamin falou.  
se você for heideggeriano  
talvez seja mais fácil falar  
dos poetas e dos escritores  
de quem heidegger falou.  
se você for luckasiano  
talvez seja mais fácil falar  
dos poetas e dos escritores



de quem lucáks falou  
se você for adorniano  
talvez seja mais fácil falar  
dos poetas e dos escritores  
de quem adorno falou  
(...)

o eu-lírico, utilizando essas mesmas frases “talvez seja mais fácil falar dos poetas e dos escritores de quem fulano falou”, reitera uma concepção enquanto modifica apenas as dezenas de teóricos estudados pela academia. Inclusive, já perto do fim, ele zomba com um "etceteriano" após tantos e tantos nomes. A ideia reiterada emerge na finalização - convocando o leitor a se aproximar das autoras e autores que não foram lidas e nem pensadas por ninguém;

muitos falam  
dos mesmos poetas e escritores  
de quem alguns dos outros  
falaram. enquanto isso  
uma porrada de poetas,  
escritoras e escritores  
que são do caralho,  
enquanto isso, uma porrada  
de poetas, de escritores  
e escritoras que são  
da buceta, não foi lida  
por nenhum deles nem,  
muito menos, pensada  
nem escrita por ninguém

(PUCHEU, pg 72)

Ouvir esse *samba acadêmico de uma nota só* traz legítimo gosto de uma conversa de bar, na qual, já um pouco ébrio, pode-se ouvir o amigo dizer que escritores “do caralho” estão sendo perdidos por aí, enquanto ironiza os “anos” da academia. Apesar de citar muitos intelectuais, o poema é simples e aproxima-se do dia a dia de qualquer um que enfrente essas palavras. Tamanha simplicidade traz em seu bojo a edificação de uma poética que abraça a política enquanto movimento e se incorpora a ela. O poema acima se relaciona diretamente com o começo deste subcapítulo, traduzindo o que Tarso de Melo evidencia sobre a tendência da poesia contemporânea. Se nossa penúria democrática é sentida nos corpos, é preciso encontrar modos coletivos de os fazer dançar, abrir suas afluências para que toda a sociedade brasileira possa se afetar com os termos daqueles que ousam pensá-la. Rememorando na carne a linguagem artística e os seus poderes desterritorializantes, aqueles de que Kafka já falava quando menciona que: *escrever não reside em si mesmo*.

É nesse ponto que relaciono política com poesia: é o não parar de inscrever, na sua

quase-existência constantemente re-demonstrada, a experiência do quase-outro e do dissenso, a experiência da multiplicação vertiginosa do questionamento, do banal que fala e que se esquiva, do banal extraordinário. Quando proponho “um abraço poético no tronco político” é maneira de expressar palavra que atinge não como armas de uns contra os outros, mas enquanto possibilidade de abraçar a afetação dos sentidos, torcê-los, dobrá-los, até que as diferenças possam ser incorporadas sem medo. Penso que não há melhor apelo para incorporar diferenças do que o abraço. A luta contra o terror pode começar com abraços. A morte que espreita os corpos se encolhe diante do abraço. O abraço é um dos atos mais carregados de poética. Abraçar é tecer pontes corpóreas. O discurso é a ponte entre a poética e a política. Todas essas ações reiteram a necessidade de grafar que indubitavelmente só se compõem na relação.

## CAPÍTULO 3

### Movimentos

#### 3.1 - Sobrevivências

*além dos mortos  
e dos poderosos  
há apenas nós  
sobreviventes  
nós  
matáveis somos  
sobreviventes  
porque fitamos a morte  
a todo momento  
quem sobrevive é sempre outro  
porque só existe em relação  
com a morte tudo que é  
outro  
aponta para o fim  
em toda alteridade  
resta um pouco e fim  
diz um verso  
de uma poeta pobre e favelada  
que escreveu um livro  
chamado Não-metafísica  
quem sobrevive  
é sempre  
outro  
em qualquer lugar*

*a sobrevivência está presa  
à alteridade  
e à morte  
nós  
somos matáveis  
enquanto deveríamos ser  
apenas  
amáveis.*

*(Danielle Magalhães - trecho do poema  
amáveis)*

A relação entre poesia e sobrevivência é transpassada pela luta direta contra morte e situa-se indissolúvelmente na interdependência com a própria sociedade, como bem explicita o poema *amáveis*: a sobrevivência está presa à alteridade e à morte. A linguagem que compõe esse liame pode evidenciar uma certa limitação do próprio fazer poético para lidar com algumas situações extremas de terror, diante das quais a sua conversão em objeto estético soa como vã ou mesmo indecorosa. Por outro lado, a produção e a evocação da poesia em contextos de violência extrema é recorrente em todas as línguas modernas, em todos os tempos históricos, constituindo uma importante fonte de reflexão ética sobre a barbárie.

Lutar contra a morte, por vezes, significa escapar de suas doses despejadas nas violências já tornadas banais. São algumas as configurações que a violência se apresenta. Na obra *As formas da violência* (2011), Xavier Crettiez, trata de seus aspectos diversos, incluindo os modos como as pessoas aderem a ela, perpassando a violência do Estado, a violência terrorista, as mudanças nas “formas da violência” e o papel contemporâneo fundamental da ação e da influência da mídia. O autor resume o que compreende como as três grandes formas de violência: (1) uma violência de cálculo, praticada por atores institucionais ou organizados como o Estado, os movimentos sociais os grupos políticos; (2) uma violência passional, motivada por raiva, frustração e medo; (3) uma violência identitária que pode ser tanto a do Estado como a de outros atores sociais, preocupados em demonstrar, pela violência, uma posição ou em fornecer um discurso de distinção em relação ao outro violentado” (p. 138).

Enfim, a sociedade que deveria ser âmago de trocas colaborativas, é um campo em que se dá várias disputas, tornando o ambiente cada vez mais hostil e sem estímulos para a solidariedade. Em um quadro notadamente eclético, a violência explode em múltiplas manifestações, “em geral, a fúria da violência tem algo a ver com a destruição do *estranho, do diferente, do outro*, assim lamentavelmente as assimetrias se tornam incontornáveis” (CRETIEZ, 2011). A catástrofe desse cotidiano marcado há muito pelas violências toma forma no poema e a própria poesia não é em si o desenlace, a chave, mas trabalha potências para aparar narrativas e/ou amparar processos históricos.

Na obra *escrever além da raça*, Bell Hooks nos leva a pensar na vivência e não somente na sobrevivência para além das palavras. Ela explica no capítulo 17 que

Embora a raça não seja um tema tabu na cultura de hoje, muitas pessoas não conseguem falar sobre raça sem perpetuar pensamentos e ações racistas. Isso mudará apenas com a educação para a consciência crítica que reformula o pensamento e a ação. Mais pessoas do que nunca (médicos, profissionais de saúde mental) estão apenas começando a falar profundamente sobre a maneira como lidar diariamente com problemas ou raça; e racismo cria condições estressantes que afetam a saúde. É claro, eu acrescentaria que ele está vivendo em uma cultura de supremacia branca que geralmente é uma força inconscientemente debilitante que diminui o espírito. Esta não é uma novidade para a maioria dos negros. Desde a escravidão até os dias de hoje, os negros sabem que lidar com a exploração traumática e a opressão com base na raça cria estresse com risco de vida e doenças concomitantes que surgem em seu caminho. No entanto, dada essa realidade, é surpreendente e desanimador que tão pouco se escreva sobre maneiras de criar bem-estar emocional, que é central para a saúde, apesar do ethos da cultura dominante em geral.

Nossa incapacidade de perceber coletivamente espaços onde a supremacia branca não prejudica os indivíduos atesta seu “poder secreto”. Falar em sobreviver para além das palavras também deve criticar a sobrevivência como retrato de uma raça, quando deveríamos estar tratando de maneiras mais saudáveis de modificar o próprio espaço social. Porém, em nosso país tropical, ainda vivemos a realidade marcada pela morte contra corpos historicamente subjugados e é preciso combater o pensamento colonial para avançarmos nessas discussões. A autora começa o capítulo refletindo sobre a ideia de lar, sendo *lar* um local no qual ela não existe racializada. “em casa, naquele espaço além da raça escrevo”. Ela afirma que

onde moramos é o principal local de resistência na vida do povo negro e de todos os outros grupos de pessoas que são alvos da agressão supremacista branca. Para viver a prática do antirracismo, independentemente da cor da pele, você deve ousar criar todos os ambientes projetados e controlados para maximizar o seu bem-estar. Embora essa não seja uma tarefa simples, quando tanta coisa fora de nós colide com tudo o que acontece por dentro, não é impossível

“Sou apenas um homem lutando em seu quilombo de palavras”, enuncia Assumpção. A referência aos quilombos na poesia de “seu Carlos” fulgura um lar, evidenciando a importância simbólica desse local de resistência, de sobrevivência e acolhimento. Título de um de seus livros, esses espaços construídos por mãos escravizadas para exercer a liberdade são constantemente trazidos pela poética que ele constrói. Quando sua voz lírica pinta a presença de um “quilombo de palavras”, a sobrevivência fica registrada no acolhimento por dentro da edificação do protesto. Configurando também uma luta, não necessariamente apenas no campo físico, mas no imenso campo das relações de sentido.

Entendo sua poesia como uma das inspirações do *rap* e do *slam* contemporâneos, já que ela maneja as tradições de oralidade unidas com as formas atuais de expressão estética. Seus versos retomam o legado milenar da poesia oral para tocar nas angústias do *existir* preto numa sociedade marcada pela herança de mais de trezentos anos de escravização, construindo em nosso tempo um poderoso elo entre a ancestralidade africana e o ritmo pensar brasileiro.

no que diz respeito ao vínculo da poesia de Carlos de Assumpção com a poesia feita hoje no Brasil, eu o destacaria como uma espécie de pioneiro da poesia falada e, portanto, pública, dos múltiplos slams provindos das favelas, das comunidades, das quebradas, espalhadas pelo país. Eu o colocaria, ainda, antecipando poetas - de intensidade e refinamento - como Tatiana Pequeno, Lubi Prates, Bruna Mitrano, Jarid Arraes, Adelaide Ivánova, Nina Rizzi, Natasha Félix, Elizeu Braga, Danielle Magalhães e tantas outras e outros que fazem poesia ativista, militante, engajada, que escrevem poemas-manifestos, ampliando e não reduzindo - é bom enfatizar - a força da poesia política de nosso tempo. Eu também o entenderia como um precursor de poetas como Cuti, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Akins Kinte, poemas fortemente históricos da cultura negra da poesia brasileira, como os de Edimilson de Almeida Pereira (penso, para dar apenas um exemplo grandioso, em “cadernos de retorno”) e nas performances e nos poemas reversivos dos lugares de poder, como “conheço vocês pelo cheiro”, de Ricardo Aleixo, por exemplo. (PUCHEU, pg 172 - posfácio da obra *não pararei de gritar*)

O poeta Carlos é considerado por Pucheu um grande “avô” das e dos poetas de potência política em nosso país. Seu poema “Protesto” (ver em anexo II), premiado em diversos certames de Poesia Falada, e aclamado como hino por diversas gerações, ainda marca a ascensão e as reivindicações da intelectualidade negra brasileira, tornando-se referência obrigatória em diversas antologias, com traduções para o inglês, francês e alemão. Sua poesia sobrevivente está presente também no CD *Quilombo de palavras*, de 1998, produção em parceria com o poeta Cuti. Então pergunto - não é essa uma luta efetiva contra a aniquilação? O grito reverbera garganta adentro de outros que chegam na marcha do tempo.

Por isso defendo o exercício da poesia como uma maneira de sobreviver para além das palavras, já que a poética pode propiciar um local de coabitação. Em outras palavras, a poesia - não em sua forma textual, mas em seu retorno ao contexto ou função primária, na qual por meio de seu rompimento performativo com a fala cotidiana, evoca lembranças da comunidade e, assim, incentiva os ouvintes a agir eticamente. Enfim, ela (a poesia) não pretende “salvar” o contexto, mas aparenta intenção de se alongar e transformá-lo subterraneamente. Digo subterraneamente, lembrando uma publicação da N-1: como *fazer? como desertar (2020)*, nela somos provocados a pensar modos de burlar a máquina do terror. “Só nos opomos à ordem global de forma local. Por meio da extensão de zonas de sombra sobre o império. Por meio do contato progressivo. Subterrâneo”. Assim colocando, a arte (logo, um poema ou um livro de poemas) é sempre um enigma formal, que dependerá de uma visada crítica para seu

possível vislumbre.

O conteúdo narrado, a despeito de qualquer intenção autoral, está na obra, é dali que deve ser desentranhado, é ali que apresentará sua potência de captar o tempo de que participa e elaborar esse tempo, mesmo que na forma de uma espécie de “historiografia inconsciente”. Para o filósofo alemão Adorno, por exemplo, a potência máxima que se pode experimentar de uma obra de arte é o entendimento de seu caráter histórico<sup>31</sup>. Já eu, ousou complementar, salientando que é uma grande potência também poder experimentar seu caráter de sobrevivência. Acredito que a sobrevivência possua em si o vigor da relação e suas mais indeléveis marcas. Portanto, a palavra vai para além da obra, facetando o tempo e o espaço à sua volta. Aí já não mais com somente termos, mas reverberante em ações, em condutas, em movimentos.

Reflexiono a imprescindibilidade de aqui mencionar um projeto realizado pelo Sesc Campinas que evidencia a escrita e leitura de cartas como atividade literária e poética: Cartas em torno da Sobrevivência da Poesia (ou da Poesia da Sobrevivência)<sup>32</sup>. O propósito transita entre seis escritores e seis escritoras de diferentes origens e universos dentro da cidade, eles autorizaram a publicação de cartas que escreveram e trocaram entre julho e dezembro de 2020, passando pelo período da quarentena da Covid-19. A cada dois dias, uma das cartas que compõem a edição atual do projeto é publicada. Trago um trecho de Marcos Siscar em carta resposta à Maria Teresa C.R Moreira, nele o poeta crítico reflete sobre essa chave de encarar publicamente o poema:

Não vejo a poesia como uma solução. Para certas coisas que acontecem hoje, deveria servir a lei e sobretudo a (não por acaso, tão castigada) educação. Mas também não vejo a poesia como uma forma individual de abstinência, de fuga, de sobrevivência pessoal. A poesia é um espaço de coabitação (“respeito e delicadeza”, nas suas palavras), por mínimo que seja. É uma potência de reciprocidade. Um exercício do olhar que ajuda a ver o outro como algo mais do que um estorvo a ser eliminado. É um modo de cultivar determinadas posturas que gostaríamos que se generalizassem, que se tornassem espontâneas.

Ainda que pensar no cultivo de novas posturas soe tarefa impossível em tempos como os que estamos enfrentando, há dizeres que abraçam impossíveis, abrindo caminho para o possível passar.

Apesar de tudo, o impossível

---

<sup>31</sup>ADORNO, Theodor W. Teoria Estética. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008

<sup>32</sup><https://apoesiasobrevive.wordpress.com/about/>

apesar de tudo o que querem, apesar  
de tudo já ter sido dito, é preciso dizer  
que tudo ainda está por se dizer,  
que estou aqui, mais uma vez, para dizer  
que ainda resta dizer o que quer que possa  
ser dito, que ainda resta o que dizer,  
porque querem que nada mais reste  
a dizer, querem silenciar o que há  
para ser dito, como quem silencia  
toda e qualquer possibilidade, toda  
e qualquer impossibilidade que afete  
o possível, estou aqui, então, dizendo  
que ainda há o que dizer  
mesmo que isso não seja dito  
com qualquer esperança, digo, mesmo  
sem qualquer esperança, mesmo sem medo,  
digo mesmo na vulnerabilidade atçada  
que nos constitui, na vulnerabilidade  
que, apesar de tudo, nos desconcerta  
o medo, levando-nos, apesar de tudo,  
a irmos, arrepiados, aonde não iríamos,  
que nos dificulta o fato de ainda termos  
o que dizer, mas, ao mesmo tempo,  
o instiga, instiga o que está a dizer,  
instiga a possibilidade do impossível  
a dizer, que, quando dito, afeta,  
imediatamente, transformando-nos,  
o nosso real, que é esse haver, ainda,  
o que dizer, esse haver, ainda, tudo  
a dizer, esse haver um resto a dizer  
que se confunde com o tudo a dizer,  
com o possível a dizer, com o impossível  
a dizer a tornar o impossível possível,  
que nos faz estarmos aqui juntos,  
que nos faz não termos desistido  
de dizer, que nos faz dizer  
o que ainda pode ser dito, o que ainda,  
apesar de tudo, há para ser dito,  
o que, apesar de tudo, resta a dizer,  
a dizer, apesar de tudo, o impossível  
a tornar, apesar de tudo, o possível  
sempre e a cada vez e de novo possível

(Pucheu. Pg 124, para que poetas em tempos de terrorismos?)

Desnudando as palavras de Pucheu, encontramos resquícios de atos-esperanças. O dizer representa o que ainda resta, o que rompe o silêncio, o que une uns aos outros todos - atados pela resistência. Digo resistência como oposto próprio da desistência. Soa como se o poeta retomasse a insistência em cada palavra, de novo e de novo afirmando o que ainda há para ser dito, mesmo quando tudo nos leva a crer que já disseram muito. Dizeres que, apesar de tudo, ao menos podem desconcertar. Ele remonta a coragem de dizer, ainda que vulneráveis, ainda que com berros não tão altos, talvez sussurros proferimos para abrir as fendas possibilidades. Há a menção a sujeitos indeterminados que “querem” silenciar o que

há para ser dito, como “quem silencia” toda e qualquer possibilidade. Na poesia de “Seu Carlos” há muitas menções a esses sujeitos indeterminados, em um poema inclusive ele utiliza aquela antiga charada, o que *é o que é* para pensarmos sobre aqueles que não possuem rosto.

Adivinha

o que é o que é

Jacaré do papo branco  
ou semibranco  
couro grosso  
focinho em pé  
boca cheia de dentes  
língua cheia de fel

o que é o que é

não gosta de tudo o que é preto  
não gosta de samba  
não gosta de umbanda  
não gosta de candomblé

o que é o que é

dou um doce  
a quem souber

(pg 148)

Sobreviver pressupõe que alguém quer exterminar a vida, o grande problema é que esse *inimigo invisível* está decomposto em muitas esferas. Quem são? São eles os grandes oligarcas<sup>33</sup> do capital? os que, decerto, não somos nós.

Não só da visão acerca do trabalho e capital é que podemos reconhecer esses “sujeitos ocultos” que silenciam o dizer ou exterminam pensares. Há uma escamoteação ainda pior, ainda mais complexa de sobreviver, que é a da alma. No ensaio *Restaurando nossas almas*<sup>34</sup> Bell Hooks afirma que obter sucesso material mudou a perspectiva de mundo dos afro-americanos. Nesse caso, ela utiliza os estadunidenses como base para suas análises, mas percebo uma profícua relação com os brasileiros e de com todo o mundo globalizado.

---

<sup>33</sup> O termo *oligarca* vem do grego *oligo* que significa “poucos”, unindo-se ao conceito “arkhein” que quer dizer governar. Fácil intuir que trata-se de um governo de poucos ou para poucos. No capitalismo globalizado, há grandes empresários que se beneficiam da política, mesmo por vezes não aparecendo nas campanhas eleitorais. Por trás do jogo, há sempre mandos e interesses desses financiadores. Portanto, nossa democracia dificilmente pode ser verificada como verdadeiramente representativa, já que a imensa maioria dos brasileiros não é de fato refletida nesses representantes.

<sup>34</sup> O ensaio é a tradução Capítulo 16 de *Rock My Soul: Black people and self esteem*, e aqui utilizo a tradução realizada por Carol Correia para o curso online de Introdução ao Pensamento de Bell Hooks ministrado por Viniciux da Silva no ano de 2020 disponível no link <https://medium.com/enugbarijo/restaurando-nossas-almas-por-bell-hooks-bed273e42a3d>. Último acesso em 25/07/2022



A ética bonita que se fazia através de uma espécie de pensamento comunalista que valorizava a compaixão, o amor, a partilha, a justiça, deu lugar a uma ética do individualismo cujo credo era “Eu tenho o meu, você precisa obter o seu”, o que se interliga com o início dessa dissertação, quando discorro sobre aspectos da *nova razão do mundo*. Hooks demonstra que muitos afro-americanos viram o poderio capital como a única resposta que poderiam ter quando “a luta antirracista não venceu o dia, quando nossos líderes foram assassinados e os ideais democráticos em que acreditávamos de todo o coração foram expostos como vergonha para a maioria dos cidadãos do país” .

O quilombo enquanto local de vivência partilhada e plantio, foi perdendo lugar para as apartamentadas existências que o sucesso capitalista impõe. A descrença na luta fez ruir o sentido de restabelecer uma conexão com o espírito. A importância de se falar de alma é a vinculação dessa partícula a um espírito de transcendência mística. Sendo alma uma dureza nascida em tempos difíceis nos quais brota a compaixão que se desenvolve após séculos de compartilhar um pão que nunca é suficiente. Como bem cita o texto de Hooks, “alma é a sobrevivência graciosa em circunstâncias impossíveis”. A resposta a essa crise de espírito era na maioria das vezes um afastamento dos valores que sustentam a vida em direção às forças da morte que pareciam poderosas.

A filosofia da alma defendida por tantos negros antes da desagregação estava enraizada na experiência de um povo oprimido que sobreviveu e floresceu porque cultivou as habilidades de compaixão, cooperação, resistência, fé e esperança, juntamente com a crença de que a alegria poderia ser dada expressão e a beleza pode ser encontrada em qualquer lugar, mesmo nas circunstâncias mais negativas. Em outras palavras, os negros escravizados sabiamente mantinham e compartilhavam a crença de que a alma deve ser cuidada, não importa a circunstância, porque a alma importa. (Bell Hooks)

A autora defende ainda que a mercantilização da negritude foi uma das maneiras pela qual ocorreu essa perda do espírito e a depressão do povo preto. No âmago da cultura supremacista branca, capitalista e patriarcal, a potência da alma era um grande recurso e não tardou para ocorrer a sua venda como os outros bens materiais. A autora alerta que é melhor e mais lucrativo transformar líderes negros como Martin Luther King Jr. em ícones sentimentais, placas de rua e camisetas do que criar um sistema educacional que ofereça aos jovens negros as habilidades de leitura e escrita necessárias para estudar suas obras na íntegra.

Martin Luther King, Jr. advertiu repetidamente os negros e todos os cidadãos antirracistas que entregamos o assassinato de alma ao escolher o poder imperialista e o ganho material sobre o amor. Em seu sermão “O homem que era tolo”, ele nos lembra:

Nosso poder científico superou nosso poder espiritual. Guiamos mísseis e homens desorientados. Como o homem rico da antiguidade, minimizamos totalmente o interior de nossas vidas e maximizamos o externo. Não encontraremos paz em nossa geração até aprendermos novamente que “a vida de um homem não consistia na abundância das coisas que ele possuía”, mas naqueles tesouros internos do espírito... Nossa esperança para uma vida criativa reside em nossa capacidade de estabelecer os fins espirituais de nossas vidas em caráter pessoal e justiça social.

Não só na perspectiva política, mas também na incessante tentativa de resgatar as almas que percebo a poesia de Carlos Assumpção. O poeta cuidadosamente nos adverte sobre a importância da alma na construção de sua poética. Além de denunciar e expor os retratos da violência contra os negros, ele oferta partículas de reestruturação das almas, utilizando a força da espiritualidade preta e também a articulação descomplicada das palavras à serviço do testemunho de situações que já passaram da hora de derrocar. Há dois de seus poemas que rapidamente evidenciam uma expressão comum na cultura brasileira que representa fortemente a raiz venenosa que se alastra até profunda concepção de alma.

#### Alma branca

isso é discriminação  
deixe disso meu irmão  
mesmo quando elogia  
você mostra é prevenção  
pare com isso por favor  
quem já viu a alma algum dia  
pra saber se ela tem cor  
(pg 20 - não pararei de gritar)

#### Não sou preto

não sou preto de alma branca  
vamos parar com isso meu  
a tua pode ser branca  
eu não tenho nada com isso  
a minha alma é cor de breu  
(pg 150 - poemas inéditos - não pararei de gritar)

Esses pequenos poemas podem ser considerados do ponto de vista do questionamento de um homem sobre o juízo acerca da alma, no primeiro (*alma branca*) trazendo-a para a dimensão material, ele ironiza a ideia presente no adjetivo “alma branca” que era utilizado para designar pretos considerados “bons” dentro da sociedade racista. “Quem já viu a alma algum dia pra saber se ela tem cor?”. Já no segundo (*não sou preto*), ele atribuiu à sua alma a cor de breu, o breu é sinônimo de escuridão, apesar de breu também ser uma ideia de

“desprovido de cor”. Lembrando que o primeiro poema foi feito em 1982 e o segundo em meados de 2018. Constatando que talvez o poeta tenha intencionado confrontar revirando os laços da tirania racial em sua alma, ao mesmo tempo em que lembra que é preciso cultivar um senso de si mesmo, de sua humanidade. Aí o *empretecimento* (ou será que pode ser dito *embreuzamento*?) da alma do eu-lírico pode representar uma retomada do *espírito preto*, não necessariamente para o autor em si, mas para quem entre em contato com sua poesia.

É importante mencionarmos não só a sobrevivência, mas o direito ao sossego de se viver sorvendo o que há de belo nessa vida.

#### Dilema

*negro geme porque apanha  
apanha pra não gemer  
solano trindade<sup>35</sup>*

O homem negro não tem sossego no peito  
é sem receio de erro que digo isto  
se grita contra injustiça se protesta  
leva a pecha de desajustado recalcado  
se fica quieto é considerado fraco submisso  
(ASSUMPÇÃO, pg 100)

Restaurar as almas, como sugere Hooks, é também uma proposta ligada às subjetividades humanas. E se a poesia é uma força que tem a potência de se firmar nas notícias, na política, ela também se ancora nos sentires humanos, na beleza das miudezas e não é preciso que o poeta tenha que escolher. Não só de lutas se vive ou se escreve. O dilema então atravessa o eu-poético, que se vê na encruzilhada do dizer. Ignorar sua condição identitária é visto como fraquejar diante da luta e seguir insistindo nas injustiças é amargura.

Por isso julguei crucial falar sobre a alma. Especialmente após o contato com os escritos de Bell Hooks. Ela não nos deixa esquecer que o amor e a vontade de perdoar, que eram uma característica imperiosas da ideia de alma, devem ser recuperadas se quisermos criar comunidades de resistência anímicas. Sendo essa uma tarefa que, embora pareça

---

<sup>35</sup> Solano Trindade nasceu em Recife e foi o grande criador da poesia “assumidamente negra”, segundo muitos críticos. Ele começou a compor seus primeiros poemas em meados da década de vinte. Entre 1961 e 1970, Solano viveu em Embu das Artes. Enquanto esteve por lá, transformou o município em um verdadeiro centro cultural, para onde foram diversos artistas que passaram a viver de arte. Os livros lançados por ele foram: “Poemas de uma Vida Simples”, 1944, “Seis Tempos de Poesia”, 1958 e “Cantares ao meu Povo”, 1961. Como ator, participou dos filmes “Agulha no Palheiro” (1955), “Mistérios da Ilha de Vênus” (1960) e “O Santo Milagroso” (1966). Trabalhou também como artista plástico, pintando quadros a óleo, sendo que um quadro do artista hoje faz parte do acervo do Museu Afro Brasil. Ver mais em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/12/30/solano-trindade>

simples, é uma das mais complexas. E ela significa imensa mudança de paradigmas, para que possamos confiar que uma nova vida pode surgir mesmo em um mundo cheio de desconfiança, violência, destruição e guerra. Esse é outro presente único que o poder da alma oferece — a oportunidade de renovar nossa fé um no outro e restaurar nossa esperança. A alma nos permite ousar confiar, mesmo que essa confiança tenha sido traída repetidamente. Esta é a agência da alma que nenhum regime pode tirar.

Ainda que a urgência dos gritos arranhem as gargantas exaustas, os sussurros também podem embalar nossos sonhos porvir...

### 3.2 Sussurros

Bem como os vaga-lumes que só enxergamos na escuridão, há recados que só se sorve no sussurro. Evoco a força desse símbolo sonoro (aquela voz baixinha, um chiado que a própria palavra *sussurros* carrega) para, não só com o grito nos acordar pro mundo, mas também acalantar um pouco os corações, a fim de gestar o sonho... tornando a prática possível. A poesia de ambos os poetas aqui tomados de matéria base possuem esses *colos* inesperados, onde podemos beber das bonitas fontes de criação. Interessa-me chamar atenção ao fato de que, nesses poemas-momentos, ambos recorrem a figuras femininas de alguma maneira e também há rastros fortes de *suas terras*, fontes onde bebem quando a luta pesa. Percebo que os autores constroem esses respiros na força de uma política da vida. Resistência primeira. Local de retorno para transformação. Alma presente em todos os corpos. Rastro da magia bonita que ainda permeia o viver.

Minha tia Maria

Minha tia Maria benzia tudo

Em tempo de chuva de mais  
mandava a chuva parar  
em tempo de seca fazia a chuva chover

benzia tudo

paixão recolhida  
mau-olhado quebranto  
espinhela caída  
todos os males  
incrível mulher minha tia Maria  
naquelas escuras mãos de fada  
quanto poder havia

mas um dia velhinha tia Maria  
subiu a escada das nuvens  
subiu subiu subiu



cada um de nós carrega por essa terra, a *sua* terra. Onde é possível cultivar o que de bom queremos ver nascer. O amor é construção possível na poesia de luta, esse sentimento tão frutificador transformado em ética de vida é talvez a maior de todas as resistências. Seu Carlos também nos convida a refletir sobre as grandezas miúdas que ainda estão sobreviventes no meio de nós.

Tema Cristão

para Alice Helena Costa Parra

Amor é pão, é alimento;  
Amor é a vida da vida;  
Contudo, nada entendemos  
da grandeza do amor ainda.

Vejo pombos e passarinhos  
se amando no meu telhado  
e vejo os homens passando  
com a alma e com os olhos fechados.

Com a alma e com os olhos fechados,  
passam os homens, e se vão,  
e não percebem, coitados,  
que só o amor é a salvação.

Quando florirá (pergunto)  
A comunhão universal?  
Quando nos amaremos,  
como as aves do meu beiral?

Se uns aos outros não nos amamos,  
se não abrimos o coração  
como ousar dizer ao mundo  
que somos realmente cristãos?

(ASSUMPCÃO, pg 89)

É notório que, apresentando uma crítica a certa hipocrisia cristã, ele enche-nos os olhos de leveza com a beleza inocente dos pássaros enquanto contrapõe com a humanidade dura que segue cega diante da simplicidade de amarmos uns aos outros. Mais uma vez, colocando não somente seu ponto de protesto, mas apresentando também um lapso de potência, carregando em sua poesia o amor e a esperança. Sentires que andamos tão carentes de conceber.

A figura materna está presente como mote, em especial, do poema chamado *Mãe*. Essa mãe se mistura à metáfora da noite, agora com cabelos brancos pintados pela lua. O leitor é transportado para o instante em que ele (o eu-poético) relembra as nuances de tempos passados. Sua infância simples, onde o relógio havia parado na “hora das privações”; O que interessa aqui pontuar é que o escrito percorre um caminho afetivo e que, tem em si, sussurros

de uma força imensa. Apesar da falta de conforto da moradia, o afeto garante segurança. O final é lindíssimo, posto que ele utiliza essa figura das estrelas que brilham no ser-noite-mãe e que vendaval nenhum jamais poderia ofuscar. As estrelas que ele menciona em diversos de seus poemas são como os pontos cardeais - rumos a não perder de vista.

MÃE,

Noite,  
os anos já pintaram de luar os teus cabelos,  
no entanto, tudo parece estar acontecendo agora  
nesse instante

Noite, após tantos anos,  
neste momentos,  
vejo tudo diante de mim,  
como se estivesse assistindo a um filme de infância;

Nós, teus filhos, todos pequenos,  
o relógio parado na hora de privações,  
tantos sonhos de asas quebradas pelos cantos  
de nossa casa pobre, sem conforto;

Tu, mulher ainda jovem, tão boa, tão calma,  
constelação de esperança e ternura,  
inspirando segurança,  
inspirando fé, amor,  
em meio a tantos vendavais

Noite,  
Tua luta foi para nós teu maior ensinamento  
sofrias (hoje o sei), entretanto,  
em nossa presença, nunca uma lágrima  
rolou pelo teu rosto

Noite,  
desde criança aprendi a amar-te  
mas só hoje, adulto, é que vejo, comovido,  
as incontáveis estrelas que brilham em teu ser  
e que tantos vendavais não conseguiram apagar.

(ASSUMPCÃO pg 23)

A terra-ventre se apresenta de diversas maneiras. O poeta Alberto Pucheu também recorre a esses colos e utiliza seus termos para delineá-los. É de uma beleza transbordante quando a obra *para que poetas em tempos de terrorismos* começa a trabalhar esse lar da alma que atravessa o livro e, ao que tudo indica, está cravada bem no fundo do vale do Socavão. Penso que o ar de lá (principalmente enquanto local transformado em filosofia) é também o sussurro respiro que a luta traz e está, conforme afirmei, presente na fina urdidura da alma.

O poema *Socavão, uma lição de nomear*, possui algo que me é muito caro na construção desse capítulo - a noção de movimento. O movimento como a água que vem mesmo antes da fonte. O eu-poético bem explicita, contrariando a história da filosofia e da poesia, que a fonte não se brota espontaneamente, ela depende da chuva e de seus moveres. E, ainda, antes mesmo da fonte, tem as socavas pelas quais a água passa. É interessante chamar atenção para a construção desse poema como um todo - desde as diversas aplicações de *socavão* nas palavras do grande mineiro Guimarães Rosa, sendo as partes demonstradas ali atreladas aos sentidos mais nocivos do termo, até a beleza oculta nessas cavas, nesses ocos e vãos.

Encontrei nos escritos sobre o vale do Socavão uma figura próxima ao que Carlos de Assumpção descreve de Dona Maria, são elas senhoras detentoras de sabedoria, narradoras primeiras que nunca abandonam os sonhos dos autores. Por vezes, ensinando caminhos e acalmando o dentro. Essas figuras femininas demonstram a força potente da passagem, da travessia que compõe o humano.

#### D. NOBRINHA

com suas inúmeras histórias de lampião,  
que me contava diária e noturnamente,  
regadas a café e bolo de fubá, a café  
e milho assado no fogão a lenha,  
na intimidade de quem cresceu  
ouvido tais casos de pessoas muito próximas  
que conviveram diretamente com o amor  
e o horror de lampião e seu bando,  
com seus diversos chás e rezas fortes  
que costumavam curar pessoas e bichos  
da região, ela fora a sábia, a curandeira  
e a narradora de minha infância  
mas foi só depois que ela resolveu  
adentrar um sonho que nunca mais esqueci

(PUCHEU, trecho do poema d. nobrinha - pg 111)

As palavras de Pucheu sobre o Socavão também são permeadas por silêncios misturados a memórias de infância, causos e divagares diversos. “O vale que trago em mim”. Sensações de terra, árvores e rios. Respiros do sufoco político em que nos encontramos. Abertura reflexiva para pensarmos o amor, a poética, a alma que pode ainda despertar para o real sentido de convivência entre seres. Apesar dos efeitos do capital, da violência extrema, da política mortífera que enfrentamos, é preciso que cavemos os terrenos férteis para adubar as possibilidades. Sobreviver para além da palavra pressupõe partilhar meios de esperar em nosso Brasil. Os poemas de Carlos e Alberto, cada qual à sua maneira, possuem ferramentas para esses plantios.



### 3.3 Semeaduras

O movimento de semear pode ser interpretado de duas formas: a mais literal diz respeito ao sentido exato de plantar a semente na terra, já seu rumo metafórico versa sobre o preparo para colheita, algo como tecer o pensamento. Por trás de toda semeadura há também duas práticas notáveis - o cuidado e a insistência. É preciso cuidar para ver a semente florescer e insistir continuamente naquilo que se quer ver plantado. Produzir poemas pode ser encarado também no viés da terra, plantando palavras para que se possa ver o frutificar para além delas. Não necessariamente isso é uma utilidade da poesia, porém tão somente se apresenta como uma possibilidade. É mesmo no âmbito daquilo que é possível que discutimos esse tema; sendo os humanos *máquinas de produzir estranhezas*, o que nos resta é alcançarmos o *fora de nós* para, quem sabe, podermos apaziguar uns aos outros.

diário, cena 1: somos máquinas de produzir estranhezas, produzidos, em estranheza, pelas mesmas maquinarias. no meu caso, só tenho a poesia (e os mais que a atravessam) para, de fato, lidar com a estranheza que me compõe. para mim, a poesia (e os mais que a atravessam) é o único lugar em que a estranheza aprende a ser acolhida, afirmada. a poesia (e os mais que a atravessam) é a única experiência em que conheço algo como ir até um limite, que por ela então descubro, de mim, alcançando um fora que me atravessa, que, de algum modo, apazigua. não fosse ela, não sei o que seria de minha vida. (PUCHEU, pg 90)

A poesia engajada na luta não foge ao afeto. Muito pelo contrário: é nele que essa poesia encontra terreno para se fortalecer. A despeito do desejo de desistência que assola muitos dos artistas brasileiros diante do cenário atual, é preciso escavar potências para nutrir os corpos e as mentes na busca de uma política mais preparada para as diferenças.

Carlos de Assumpção, embora testemunhe a violência travada contra os afro-brasileiros, não deixa de apresentar a semente da esperança em seus escritos. Um senhor preto de 96 anos que ainda escreve e grita as descabidas agressões de uma nação contra um povo deve ter sua força rememorada em muitas pesquisas. Alberto Pucheu, enquanto criatura engajada academicamente, esquadrinhou esses escritos e nos trouxe relevantes reflexões sobre suas potencialidades. Justamente por isso convoco o movimento enquanto processo principal de pesquisa, posto que ele propicia um espiráculo imenso por onde vozes diversas possam ser escutadas.

Ela, o outro

diz-se muito que a poesia não serve para nada.  
diz-se que a poesia não serve para nada  
tanto para atacá-la quanto para defendê-la.

tolos dizem que a poesia não serve para nada,  
diz-se, mesmo filosoficamente,  
que a poesia não serve para nada,  
poetas dizem que a poesia  
não serve para nada.  
eu mesmo já disse algumas vezes  
que a poesia não serve  
para nada (como já disse outra coisa  
que não isso exatamente em um ensaio  
chamado "literatura, para que serve?").  
hoje, mais uma vez, não vou dizer  
que a poesia não serve para nada  
(pode ser que no futuro eu diga  
alguma vez  
que a poesia não serve para nada),  
hoje eu vou dizer que a poesia serve  
a um outro, que a poesia é o lugar de um outro.  
quer aprender a alteridade, aprender  
a se relacionar com outro  
(quer aprender um outro  
quem quer que seja esse outro),  
mesmo com um outro  
que, saiba você ou não, já há  
em você, vá ler poesia.

(PUCHEU, pg 114)

Ainda que a discussão sobre a serventia da poesia seja recheada de diversos paradoxos (esses mesmos expostos acima), é interessante notar que o eu-lírico se dispõe, hoje, ou seja: no momento presente, a afirmar que ela serve a um outro. Enfatizando diretamente que a poesia é ‘o lugar de um outro’. Convidando quem quer aprender alteridade a ler poesia. Mais do que isso, demonstrando que o outro pode estar, saibamos ou não, dentro de nós mesmos. A discussão tão rasurada da utilidade da poesia ganha aí outros contornos, posto que ela serve de motor para o caminhar da relação. Noto, com encanto, que aquilo que penso defender está presente nesse poema de Pucheu - uma poesia que, publicamente, nos faz ler para além das letras, nos faz percorrer os vínculos. “Irmãos”, em diversos poemas de Assumpção ele usa esse vocativo para se referir a quem o lê. Aproximando leitor e poeta, ele demonstra que já conhece a potência de se unir e a efetividade de sonhar.

Canção

será amanhã irmãos  
ele chegará  
pelo caminho das estrelas  
não se desesperem

será amanhã irmãos  
fraternidade  
vida boa  
pão com fartura  
para todos  
pão e luz

com fartura  
para todos

será amanhã irmãos  
ele chegará  
pelo caminho das estrelas

bandeiras inquietas  
já tremulam no horizonte  
tenho toda a certeza  
será amanhã irmãos  
não se desesperem

olhos famintos  
magras mãos convulsas  
não se desesperem  
será amanhã irmãos  
ele chegará  
pelo caminho das estrelas

seus passos são incontroláveis

ninguém consegue impedir  
o nascimento do sol

será amanhã irmãos  
será amanhã  
fraternidade  
cânticos  
danças  
alegria

pão com fartura para todos  
pão e luz  
com fartura  
para todos

será amanhã  
amanhã irmãos  
ele chegará  
pelo caminho das estrelas

seus passos são incontroláveis  
bandeiras inquietas  
já tremulam no horizonte  
ninguém consegue impedir  
o nascimento do sol

será amanhã  
amanhã irmãos

(ASSUMPCÃO, pg 55)

Essa é uma das sementeiras que a poesia de Assumpção deixa no chão dessa dissertação. O amanhã que sonhamos ver raiar pelo caminho das estrelas é ainda a possibilidade de nos religarmos - não só uns aos outros mas também ao que nos sustenta vivos. Como o poeta bem relembra: ninguém consegue impedir o nascimento do sol.

## DESENLACES

A ideia de aqui estabelecer um desenlace é aplicada no ato de desatar e não necessariamente no desejo de um desfecho teórico específico ou qualquer espécie de conclusão. Paradigma da própria condição de pesquisa em literatura na contemporaneidade, enfrento uma dificuldade em fechar, em dar por finalizado. Vai ver é colheita do socavão e tudo está tudo mesmo aberto pelo meio. No entanto, tenho para defender a importância de apresentar, dissertar sobre. Tudo isso amalgamado no encontro, já que ele é o ato-abraço da relação.

Falar sobre o cruzamento de caminhos de poetas como Carlos de Assumpção e Alberto Pucheu foi um desafio bonito. Sem embargo de minha dificuldade em protocolar e referenciar, deixei-me envolver e quis levar a pesquisa por um caminho que se desdobraria desde a costura no corpo (que inclui o tempo e o espaço presentes) até o movimento anímico que floresce em cada ser. No meio disso, é claro, a política que se constrói na andadura. A luta que teima garganta afora. O afeto que atravessa os vínculos.

É justo que eu escreva meu pensar sobre o que pesquisei e creio que, no fundo, esse desenvolvimento ecoe na palavra travessia (como boa mineira dos termos de Guimarães!). Propus desenvolver o atravessamento entre duas figuras que considero chaves na cena da poética contemporânea nacional, e assim o fiz pensando nas possibilidades de convergência entre a pesquisa acadêmica e a força da luta pública, sendo estabelecido como principal elo a poesia. O mosaico teórico utilizado foi de fundamental importância para delinear os pontos de leitura: contemporaneidade/identidade/resistência/sobrevivência. Outros pontos se construíram na relação com o objeto, no escavar dos poemas e dos poetas: sonho/ancestralidade/insistência/ alma.

Espero que a inspiração e a transpiração para escrever essa dissertação sejam grãos na grande (e necessária) plantação do porvir. A academia, enquanto instituição mediadora do conhecimento, está cada vez mais aberta às discussões que nascem da luta de uma grande parcela da população para que suas produções sejam não só reconhecidas como também praticadas. A nossa amada área da literatura sentiu os efeitos políticos dos últimos anos, mas também foi/é definidora em seu enfrentamento.

Matutando sobre tantas batalhas políticas que estão impostas em nosso tempo e impressas em nossas letras, é que percebi no encontro bonito desses dois escritores uma possibilidade metafórica de repensar sobrevivências. Encontrei-me com Alberto Pucheu na

cidade de Tiradentes (MG), durante o festival de artes vertentes em 2019, com a pouca timidez de quem já havia tomado algumas cachaças, o interpelei. Disse que adorava os seus escritos e que pretendia o “usar” em minha pesquisa de mestrado. Naquele momento, ele se iluminou e, para minha surpresa, sugeriu imediatamente pesquisar Carlos de Assumpção. Falou-me que seu Carlos sim era uma figura importante na poesia nacional. A obra *não pararei de gritar* ainda não havia sido publicada, certamente estavam a gestando.

Dessa forma, *dei um google* no poeta sugerido e fiquei perplexa com sua maneira de declamar, achei muito pertinente o pesquisar. De fato, aquele poeta gritando de maneira tão simples e forte sobre as feridas racistas dessa nação era um tapa bem dado na cara de todos nós, inclusive da própria instituição acadêmica. No entanto, algo dentro de mim não queria estudar apenas um deles. Ficou parecendo que faltava laço. Tocou-me que Pucheu, ao invés de se pavonear (como é comum no meio acadêmico), achou mais conveniente que eu estudasse Assumpção. Eu mencionei no início da dissertação que queria um atravessamento entre poesia e política, fecho percebendo que esse era um atravessamento não só teórico, mas também afetivo, entre humanos.

Até mesmo a proposta que aqui dissertei tem sua semente no encontro. Essa é uma das grandes bonitezas presentes na ideia de resistir: não deixar de estar em conexão com os *irmãos*. Parece clichê mas, para sobreviver ao ódio, o amor é ainda o antídoto mais conhecido. A poesia, em seu grito político, levanta-nos para a luta, porém o afeto certamente é o que nos dá a força para não endurecer por demais o dentro. Auxiliar o destrave das portas para a diferença (inclusive nas muitas formas de se construir uma dissertação) é um caminho que a pesquisa em literatura pode percorrer com formosura. E, quem passar por último, por gentileza, deixe a porta escancarada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. AGAMBEN, Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2010.
- ASSUMPÇÃO, Carlos. *Não pararei de gritar: poemas reunidos*. Org PUCHEU, Alberto. -1ª edição, SP: companhia das letras, 2020.
- AFOLABI, Niyi "quilombismo and the afro-brazilian quest for citizenship" (2012)
- ALVES, Miriam. *Brasil Afro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nadyala, 2010.
- AUGEL, M. P. A imagem da África na poesia afro-brasileira contemporânea. *Afro-Ásia*, [S. l.], n. 19-20, 1997. . Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20953>. Acesso em: 4 out. 2021
- ADICHE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de uma história única*. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?*. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; São Paulo: editora Brasiliense, 1987.
- BERND, Zilé. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977. 8ª. Edição revista e aumentada. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.
- BOSI, Alfredo. Entrevista - *poesia como resistência à ideologia dominante*. SP: Revista Adusp, 2015.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOSI, Alfredo. *Narrativa e Resistência*. Revista Itinerários, nº 10. SP, 1996.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa. 1978

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (Humanitas)

CRETTEZ, Xavier. *As formas da violência*. Tradução Lara Christina de Malimpensa, Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2005

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos Estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. trad. de Carlos Nougué.- Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GLISSANT, Édouard. *Introdução à uma poética da diversidade*. Tradução de 2005. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GONZALEZ, Lelia. *O movimento negro na última década*. In: Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. *Retratos do Brasil Negro*. São Paulo: Selo Negro, 2010

GUILLÉN, N. *El libro de los sonos*. La Habana: Letras Cubanas, 1982.

HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade. Raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Veneta, 2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: lamparina, 2015

HOOKS, Bell. *Escrever além da raça*. São Paulo: Editora Elefante, 2022. Tradução: Jess Oliveira.

JOHNSON, Steven. *Emergência: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares*; Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003

MACIEL, Maria Esther. *Travessias de gênero na poesia contemporânea*. In: Poesia Sempre. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 2006

MACIEL, Maria Esther. *Crítica de poesia: desafios contemporâneos*. Disponível em: <<http://rumositauculturalml.files>>. Acesso em Abril de 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*, nº 28: 56-63, São Paulo, dez./fev. de 1995/1996. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/28/04-kabe.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 184 p.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 5ª Ed., 9ª reimpressão 2006.

PAZ, Octavio. *A busca do presente e outros ensaios*. Rio de Janeiro: editora bazar do tempo, 2017.

PEDROSA, Célia e ALVES, Ida (orgs.) *Subjetividades em devir. estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008

PEDROSA, Celia. *Poesia, crise, resistência*. Elyra – revista da rede internacional lyracompoets; número 2, 2013.

PEDROSA, Celia. *Poesia e crítica de poesia hoje: heterogeneidade, crise, expansão*. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo. n29, 2015.

PELBART, Peter Pál. *Vida Capital - ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PUCHEU, Alberto “o grito como herança”. Artigo da revista cult, 2020. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-grito-como-heranca/>>

PUCHEU, Alberto. *Para que poetas em tempos de terrorismos?* - Rio de Janeiro: azougue editorial, 2017.

PUCHEU, Alberto. *A poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: azougue editorial, 2017.

PUCHEU, Alberto. *Carlos de Assumpção: o verso, o avesso, o preço da vanguarda*. *Rev. Igarapé*, Porto Velho (RO), 2021



PUCHEU, Alberto. *Vidas Rasteiras*. São Paulo: Cult Editora, 2020, p. 171.

PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. 8.ed.-Cotia,SP: Ateliê Editorial, 2005.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Clacso. Buenos Aires: 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *Será que a arte resiste a alguma coisa?*. In: Nietzsche/Deleuze: arte, resistência. Org.: Daniel Lins. Trad. Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

RANCIERE, Jacques. *O ódio à democracia*. tradução Mariana Echalar. 1ª ed. São Paulo: Boitempo. 2014.

REZENDE, Renato. *Poesia brasileira contemporânea: crítica e política*. Azougue, 2014.

SCRAMIN, Susana, SISCAR, Marcos, PUCHEU, Alberto. *O duplo estado da poesia: modernidade e contemporaneidade*. -1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2015

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SILVA, Luiz. *Literatura negro-brasileira*. Cuti - São Paulo: Selo Negro, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Religiões afro-brasileiras: construção e legitimação de um campo do saber acadêmico*. Revista USP, São Paulo, n.55, pg 82-111. Novembro 2002

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998. \_\_\_\_\_. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Salvador: Ed. Imago, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

VECCHI, Roberto. Restos indissolúveis da crueldade: considerações sobre violência, mal e escrita literária. *ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas*, [S.l.], n. 2, p. 173-186, maio 2017. Disponível em: <Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/475> >. Acesso em: 19 jul. 202

## ANEXOS

## **Anexo I - PARA QUE POETAS EM TEMPOS DE TERRORISMOS?**

na disputa entre o estado e o terrorismo,  
na conciliação do estado com as empresas  
pelo lucro do capital acima de tudo,  
na sobreposição do templo com o banco  
dispondo a cada momento da fé ou do crédito  
de todo exército com as armas em sua defesa,  
na definição do dinheiro (que já foi chamado  
de homem) como o único animal que bombardeia,  
fico com as pessoas comuns, quaisquer,  
com os rios, os bichos e as matas, com os que sentem  
na pele até não serem mais capazes de sentir.  
terrorista, hoje, é o outro, o que, coisificado, escapa  
às diversas escalas, maiores ou menores,  
da época do pau de selfie que vivemos,  
terrorista, hoje, repito, é o outro, o inferno  
do outro, o outro enquanto inferno, terror.  
abrir as portas para o mais próximo, para o mais  
parecido, para o semelhante, é um gesto belo  
e necessário, mas é pouco quando, ao mesmo tempo,  
o outro, quem quer que seja o outro,  
o outro mesmo, o tido como o mais distante,  
é trancafiado do lado de fora, bombardeado,  
e, antes, fabricado para ser exatamente o outro  
a ser atacado, para dizer que o ato do outro  
fabricado é um ato de guerra, unact de guerre,  
anactofwar, contra isso que nós somos,  
contrece que nous sommes, sendo que isso  
que nós somos é imposto como  
toda humanidade e os valores universais,  
all humanity and the universal values,  
como eles disseram com cinco  
anos de intervalo ou ao mesmo tempo  
na mesma fala ensaiada na mesma língua  
de guerra, do aniquilamento do outro, que falam.  
it's war, baby, c'est la guerre, mon amour,  
lafranceesten guerre, america is at war,  
vamos tomar um champanhe com os diretores  
dasamarco, da billiton, da vale do rio doce,  
do jornal o globo, comprar todos eles,  
a maioria dos políticos e sair o quanto antes  
com a petrobrax (e com o que mais der)

debaixo do braço, c'estlaguerre, macherie,  
it'swar, darling, nós, os civilizados,  
declaramos “guerreaux barbares”,  
gozemos então sinistramente com as mortes  
dos outros, somos franceses, somos americanos,  
somos franceses, somos americanos, somos  
franceses, somos nós, somos... que ninguém  
pergunte pela porra disso que nós somos  
porque talvez não sejamos mais porra nenhuma.  
é guerra. é guerra, declara o estado, no mesmo  
impulso colonialista de sempre, é guerra, declaram  
os estados, favorecendo-se irresponsavelmente  
a si mesmos, forjando um laço interessado  
com a opinião pública midiática, quando, no fundo,  
coloca-se, com a mídia, autoritário, entre uma pessoa  
qualquer e outra, entre uma pessoa qualquer  
e a vida e o mundo, entre uma pessoa qualquer  
e si mesma, escondendo-se ali e ali atuando,  
eis a guerra, o espetáculo de hoje, o rompimento  
de todos laços sociais e de intimidade. eis a guerra.  
é guerra por lá, é guerra declarada por aqui,  
o crápula criminoso do presidente da câmara  
declara guerra à presidenta da república  
(e a todos os cidadãos que participaram de sua eleição)  
aceitando um pedido de impeachment forjado  
para tentar se livrar das milhares de acusações  
comprovadas dentro e fora do país  
contra ele, chantageando-a, chantageando-nos  
e parando toda movimentação política  
propositiva, dizendo, ainda, com desfaçatez,  
que não faço o pedido de impeachment  
por nenhuma motivação de natureza política,  
é guerra, eis a guerra, o líder do partido  
da presidenta na câmara declara em seguida  
que vamos para a guerra, é guerra, eis a guerra,  
o presidente de um movimento popular  
diz que seu exército está pronto para ir às ruas,  
é guerra, eis a guerra, a polícia executa cinco jovens  
negros que comemoravam o primeiro emprego  
de um deles com 111 tiros metralhados,  
com 111 tiros fuzilados, contra o carro  
em que estavam, contra seus corpos  
e contra suas vidas, porque negro jovem não pode  
viver neste país que mata 84 negros por dia,

a maioria jovem, guerreaux barbares. é guerra.  
é guerreaux barbares. é guerra, eis a guerra,  
a polícia do governador de são paulo  
solta bombas, sprays de pimenta, cassetadas,  
porradas, tiros e o que mais houver  
de horror nos estudantes adolescentes de escolas  
públicas (les barbares) que se manifestam  
contra o fim da escola pública, contra o fechamento  
de 94 escolas públicas decretado pelo governador  
e o governador diz que há motivação política  
por detrás da ocupação das escolas pelos alunos,  
mostrando que motivação política  
não pode mais haver no estado  
de polícia, no estado de guerra,  
exatamente a mesma compreensão de política  
do presidente da câmara, ou seja, de novo,  
de que não pode haver política, apenas  
a instauração da era do fim da política, do início  
da era da era da polícia, é guerra, eis a guerra,  
o chefe de gabinete da secretaria estadual  
de educação de são paulo afirma que a situação  
com os alunos adolescentes é de guerra  
e que o governo vai desmoralizar e desqualificar  
o movimento estudantil na base da porrada  
e da violência generalizada. é guerra.  
é guerra por lá, por aqui, por aí, por sei lá onde,  
por toda parte. o oriente é terrorista, a áfrica  
é terrorista, a natureza é terrorista, manifestantes  
são terroristas, professores são terroristas,  
alunos são terroristas, educação é terrorista,  
bebês são terroristas, negros são terroristas,  
pobres são terroristas, índios são terroristas,  
catadores de latas são terroristas,  
travestis são terroristas, transexuais  
são terroristas, mulatos, albinos e mosquitos  
são terroristas, mulheres são terroristas,  
homens são terroristas, como são terroristas...  
hoje, em qualquer lugar do mundo,  
terrorista é o outro, quem quer que seja  
o outro, você, quem quer que você seja,  
o outro, mesmo que o outro no meio de nós  
e o outro em cada um de nós. somos todos,  
as pessoas comuns, quaisquer, terroristas.  
para que poetas em tempos de terrorismos?

para que poetas em tempos de terrorismo religioso de todos os lados do planeta? para que poetas em tempos de terrorismo da verdade plena e integralmente revelada? para que poetas em tempos de terrorismo midiático? para que poetas em tempos de terrorismo econômico? para que poetas em tempos de terrorismos? o último poeta morreu em 1914, ele disse. não há mais poetas, os poetas morreram. sobrevivemos, destroçados, em pequenas comunidades que nem comunidades são, sobrevivemos esquecidos em nossas solidões, sobrevivemos impotentes diante dos terrorismos de todos os dias, diante dos micros e dos macros terrorismos, sobrevivemos, de algum modo (ainda que não nos matem nem nos prendam e que nos deixem ter, ao menos a alguns de nós e por outros motivos que não a poesia, algum dinheiro para sobreviver), sobrevivemos, de algum modo, então, como os índios, como os garotos do tráfico, como os homens-bombas, como os enlameados, como os mortos pelo tráfico, como os mortos pelos homens-bombas, como os mortos e desabrigados pelas mineradoras... mas nunca como os donos do tráfico, das indústrias bélicas, dos estados, dos que levam os homens-bombas a se tornarem homens-bombas (afinal, ninguém nasce homem-bomba como ninguém nasce poeta). o que sobrou para nós foi a nossa impotência, o último reduto de uma força – frágil – crítica – que podemos ter, a que pode mostrar como poucas outras os poderes estabelecidos que nos assolam. enquanto nossos fantasmas ainda se fazem, de algum modo, percebidos, ao menos por nós mesmos e por um ou outro que não fazemos ideia de quem seja, seguimos como conseguimos seguir, porque também os fantasmas que somos, que já buscamos algum tipo de pertencimento, buscamos, agora, somente o que fazer com o quase total despertencimento em que nos encontramos no mundo atual.

(Alberto Pucheu, 2017)

## **Anexo II - PROTESTO**

“Mesmo que voltem as costas  
Às minhas palavras de fogo  
Não pararei de gritar  
Não pararei  
Não pararei de gritar

Senhores  
Eu fui enviado ao mundo  
Para protestar  
Mentiras ouropéis nada  
Nada me fará calar

Senhores  
Atrás do muro da noite  
Sem que ninguém o perceba  
Muitos dos meus ancestrais  
Já mortos há muito tempo  
Reúnem-se em minha casa  
E nos pomos a conversar  
Sobre coisas amargas  
Sobre grilhões e correntes  
Que no passado eram visíveis  
Sobre grilhões e correntes  
Que no presente são invisíveis  
Invisíveis mas existentes  
Nos braços no pensamento  
Nos passos nos sonhos na vida

De cada um dos que vivem  
Juntos comigo enfeitados da Pátria

Senhores  
O sangue dos meus avós  
Que corre nas minhas veias  
São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará  
Comovido ante meu sofrimento  
Quem é que esta gritando  
Quem é que lamenta assim  
Quem é

E eu responderei  
Sou eu irmão  
Irmão tu me desconheces  
Sou eu aquele que se tornara  
Vítima dos homens  
Sou eu aquele que sendo homem  
Foi vendido pelos homens  
Em leilões em praça pública  
Que foi vendido ou trocado  
Como instrumento qualquer  
Sou eu aquele que plantara  
Os canaviais e cafezais  
E os regou com suor e sangue  
Aquele que sustentou  
Sobre os ombros negros e fortes  
O progresso do País  
O que sofrera mil torturas  
O que chorara inutilmente  
O que dera tudo o que tinha  
E hoje em dia não tem nada

Mas hoje grito não é  
Pelo que já se passou  
Que se passou é passado  
Meu coração já perdoou  
Hoje grito meu irmão  
É porque depois de tudo  
A justiça não chegou

Sou eu quem grita sou eu  
O enganado no passado  
Preterido no presente  
Sou eu quem grita sou eu  
Sou eu meu irmão aquele  
Que viveu na prisão  
Que trabalhou na prisão  
Que sofreu na prisão  
Para que fosse construído  
O alicerce da nação  
O alicerce da nação  
Tem as pedras dos meus braços  
Tem a cal das minhas lágrimas  
Por isso a nação é triste  
É muito grande mas triste  
É entre tanta gente triste  
Irmão sou eu o mais triste

A minha história é contada  
Com tintas de amargura  
Um dia sob ovações e rosas de alegria  
Jogaram-me de repente  
Da prisão em que me achava  
Para uma prisão mais ampla  
Foi um cavalo de Tróia  
A liberdade que me deram



Havia serpentes futuras  
Sob o manto do entusiasmo  
Um dia jogaram-me de repente  
Como bagaços de cana  
Como palhas de café  
Como coisa imprestável  
Que não servia mais pra nada  
Um dia jogaram-me de repente  
Nas sarjetas da rua do desamparo  
Sob ovações e rosas de alegria

Sempre sonhara com a liberdade  
Mas a liberdade que me deram  
Foi mais ilusão que liberdade

Irmão sou eu quem grita  
Eu tenho fortes razões  
Irmão sou eu quem grita  
Tenho mais necessidade  
De gritar que de respirar  
Mas irmão fica sabendo  
Piedade não é o que eu quero  
Piedade não me interessa  
Os fracos pedem piedade  
Eu quero coisa melhor  
Eu não quero mais viver  
No porão da sociedade  
Não quero ser marginal  
Quero entrar em toda parte  
Quero ser bem recebido  
Basta de humilhações  
Minh'alma já está cansada  
Eu quero o sol que é de todos  
Ou alcanço tudo o que eu quero

Ou gritarei a noite inteira  
Como gritam os vulcões  
Como gritam os vendavais  
Como grita o mar  
E nem a morte terá força  
Para me fazer calar.”

(Carlos de Assumpção, 1956)